ALBUM

D'A CENA *Muda*



F82

CINEMA

RÁDIO

TEATRO

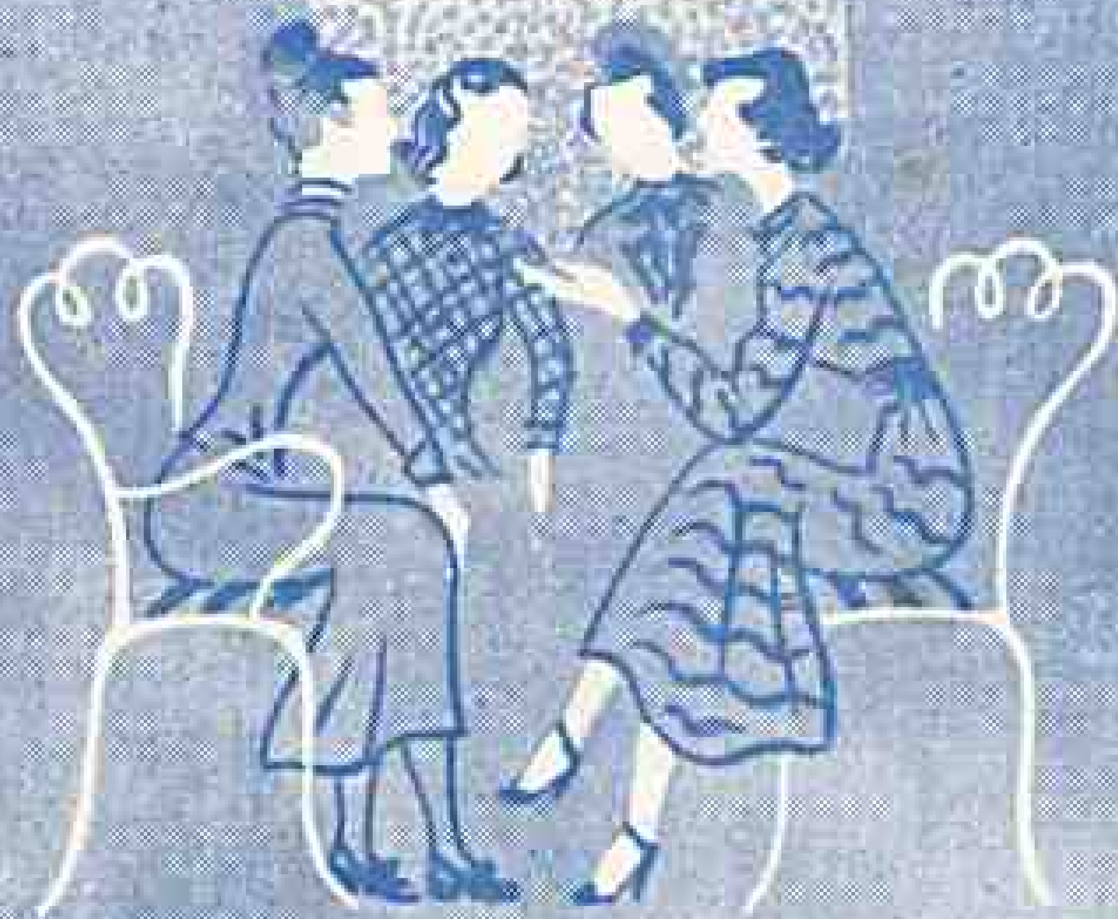
MÚSICA

JUNHO 1950

CIA. EDITORA AMERICANA

CR$ 25,00

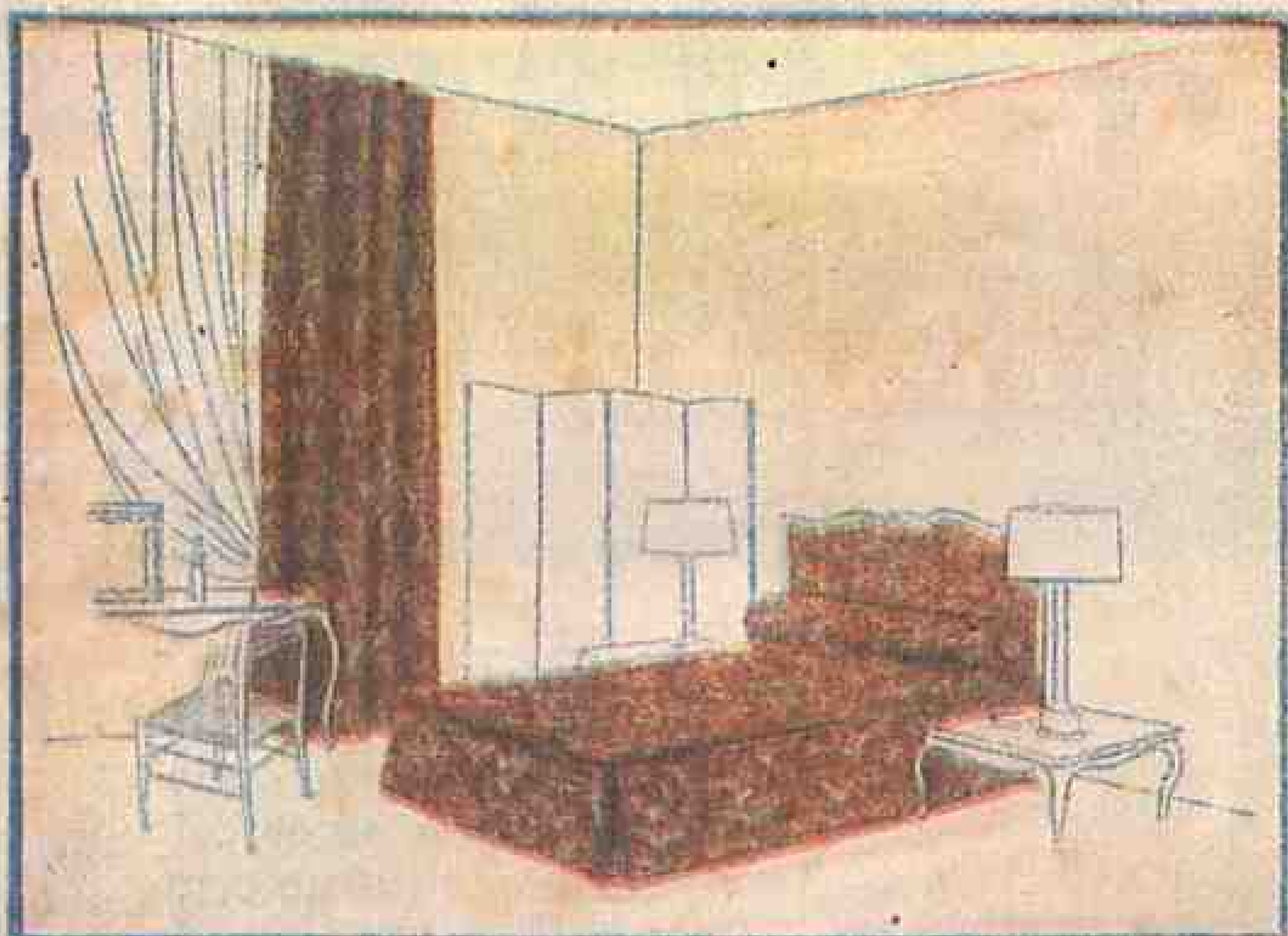
Ginosedol



O assunto particular...
e o remédio das senhoras!



UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SIMBOLO DE CONFIANÇA





INSTALAÇÕES

MÓVEIS

CORTINAS

TAPETES

ETC...



DECORAÇÕES

ASA NUNES

MARCA REGISTRADA

65 - RUA DA CARIOCA - 67

A Cinta Moderna



A CINTA MODERNA goza hoje de uma reputação internacional. É um espetáculo comum, a turista comprando as criações da grande marca brasileira, para levá-las ao seu país. Nestas fotos vemos artistas parisienses ora no Rio, experimentando as cintas da CINTA MODERNA, que elas consideram insuperáveis.





Uruguaiana, 47 — Rio ★ Av. Afonso Pena, 932 — Belo Horizonte ★ Rua São Bento, 78 e Rua São Luis, 35 ★ São Paulo

PROLOGO SEM COMPROMISSO...

ONTEM, como hoje e como amanhã, haverá sempre no mundo das artes uma coisinha pequenina ou grande, feminina ou masculina, chamada **fã.** O **fã,** no sentido exato da palavra, é todo aquêle que se torna admirador de determinados artistas. E procura seus autógrafos, seus retratos, suas biografias, enfim tudo que se relacione com seu favorito. Ao elaborarmos êsse álbum, composto de algumas das maiores celebridades do cinema, rádio, teatro e música, procuramos trazer aos **fãs** o máximo possível de informações relacionadas com os mesmos. Por isso mesmo, organizamos um fichário completo, na medida do possível, onde se acham as principais informações e as mais desejadas pelo público, certos assim de estarmos satisfazendo a sua curiosidade. Não queremos aqui louvar o nosso trabalho, o nosso esfôrço no sentido de termos conseguido todos êsses detalhes e datas. Evidentemente, a tarefa não foi das mais fáceis, mas propusemo-nos realizá-la e o resultado aí está. Qualquer falha ou omissão, que os **fãs** nos perdoem. Nossa intenção foi das melhores e esperamos que o fruto do nosso esfôrço, em bem servir aos nossos leitores e ao grande número de **fãs** espalhados por todo o Brasil, seja devidamente recompensado com o agrado dêste álbum. Os artistas escolhidos não obedeceram a critério algum especial ,senão o da projeção atual e do prestígio de que gozam, no presente, os artistas. Não nos foi fácil, é verdade, selecionar, dentre tantos e tantos artistas, um número relativamente reduzido para ocupar as páginas de que dispomos. E' bem verdade, portanto, que alguns nomes famosos tenham sido omitidos, pois seria impossível a perfeição. Contudo, estamos bem certos de que grande parte dêsses artistas estará incluída entre os artistas de SUA preferência. Uma apuração seleta e cuidadosa, baseada em observações constantes, nos fêz chegar a êsse resultado, que achamos o mais acertado e o melhor. Se VOCÊ tiver a nossa opinião, então teremos alcançado o nosso objetivo. E êsse será o melhor pagamento de nosso trabalho. — **L. E.**

ÍNDICE DAS FOTOS

PELA ORDEM ALFABÉTICA

	Pág.
AIDÉE MIRANDA	93
(*) ALEXIS SMITH	19
ANN BLYTH	65
ANSELMO DUARTE	35
(*) AVA GARDNER	73
BENE NUNES	85
BETTY GRABLE	57
BURT LANCASTER	41
CARMÉLIA ALVES	5
CECILE AUBRY	7
CLARK GABLE	87
(*) DEBORAH KERR	63
DORIS DAY	17
ELIZABETH TAYLOR	45
ESTHER WILLIAMS	1
FRANK SINATRA	39
(*) GAIL RUSSELL	43
GENE TIERNEY	69
(*) GLENN FORD	29
(*) GREGORY PECK	9
HUMPHREY BOGART	91
JANE RUSSELL	23
JANET LEIGH	27
JOHN GARFIELD	55
LANA TURNER	89
(*) LINDA DARNELL	87
LOUIS JOURDAN	11
LÚCIO ALVES	15
MARIA DELLA COSTA	25
MARTA TOREN	81
MAUREEN O'HARA	37
MONTGOMERY CLIFT	3
OLIVINHA CARVALHO	49
PAULO GRACINDO	95
RICHARD WIDMARK	21
ROBERT MITCHUM	79
ROBERT RYAN	61
ROBERTO ACÁCIO	67
SAINT-CLAIR LOPES	47
TONIA CARRERO	51
(*) TYRONE POWER	53
VERONICA LAKE	71
VICTOR MATURE	59
YVONNE DE CARLO	13

(*) Tricromia

ORGANIZADO POR LEON ELIACHAR

CAPA
Jaymeson
PAGINAÇÃO
Oswaldo Cunha
GRAVADORES
Rodrigo Zappone
e Luiz Macina

ARTIGOS

	Pág.
O MUNDO PRECISA RIR (Leon Eliachar)	31
ORIGEM E EVOLUÇÃO DO RÁDIO (Alberto Conrado)	52
"VOLTEM NA PRÓXIMA SEMANA" (Alex Viany)	34
CINEMA EUROPEU DOS ÚLTIMOS 20 ANOS (Salvyano Cavalcanti de Paiva)	[illegible]
CINESTESIA, UMA DISTRAÇÃO SEM DOR (Leon Eliachar)	75





SOB O SIGNO DE CAPRICÓRNIO
"Under Capricorn"
(Tech.)
INGRID BERGMAN — JOSEPH COTTEN
MICHAEL WILDING
Diretor: Alfred Hitchcock — Produtor: Alfred Hitchcock



FÚRIA SANGUINÁRIA
"White Heat"
JAMES CAGNEY — VIRGINIA MAYO — EDMOND O'BRIEN
Diretor: Raoul Walsh — Produtor: Lou Edelman



O GAVIÃO E A FLECHA
"The Hawk and the Arrow"
(Tech.)
BURT LANCASTER — VIRGINIA MAYO — ROBERT DOUGLAS
Diretor: Jacques Tourneur — Produtores: Harold Hecht e Frank Ross



INSPETOR GERAL
"Inspector General"
(Tech.)
DANNY KAYE — BARBARA BATES
Diretor: Henry Koster — Produtor: Jerry Wald



MONTANA, TERRA PROIBIDA
"Montana" (Tech.)
ERROL FLYNN — ALEXIS SMITH
S. Z. ZAKALL — DOUGLAS KENNEDY
Diretor: Ray Enright — Produtor: William Jacobs



ÊXITO FUGAZ
"Young Man With A Horn"
KIRK DOUGLAS, LAUREN BACALL, DORIS DAY
Diretor: Michael Curtiz — Produtor: Jerry Wald



FILHA DE SATANAZ — "Beyond the Forest" — Bette Davis, Joseph Cotten, Ruth Roman, David Brian. — Diretor: King Vidor. — Produtor: Henry Blanke



OS DESGRAÇADOS NÃO CHORAM — "The Damned Don't Cry" — Joan Crawford, David Brian. — Diretor: Vincent Sherman. — Produtor: Jerry Wald



CINZAS AO VENTO "Bright Leaf" — Gary Cooper, Patricia Neal, Lauren Bacall. Diretor: Michael Curtiz. Produtor: Henry Blanke





UNIVERSAL



APRESENTA AS

UNIVERSAL-INTERNATIONAL em 1950

"BAGDAD"
("Bagdad") em TECNICOLOR
com Maureen O'HARA · Paul CHRISTIAN

"A RAINHA dos PIRATAS"
("Buccaneer's Girl") em TECNICOLOR
com YVONNE DE CARLO · PHILIP FRIEND

"SAMARKAND" MERCADO DE BANDIDOS
em TECNICOLOR

"SENTINELAS do DESERTO"
("Desert Legion") em TECNICOLOR

"GAVIÃO do DESERTO"
("Desert Hawk") em TECNICOLOR
com YVONNE DE CARLO · RICHARD GREEN

"TERRA SELVAGEM"
("Comanche Territory") em TECNICOLOR
com MACDONALD CAREY · MAUREEN O'HARA

"DUELO SANGRENTO"
("The Kid from Texas") em TECNICOLOR
com AUDIE MURPHY · GALE STORM

"RIVAIS em FÚRIA"
("The Gal who Took the West") em TECNICOLOR
YVONNE DE CARLO · SCOTT BRADY · JOHN RUSSELL

"SERRAS SANGRENTAS"
("Sierra") em TECNICOLOR
com AUDIE MURPHY · WANDA HENDRIX

"PEGGY"
("Peggy") em TECNICOLOR
com DIANNA LYNN · CHARLES COBURN

"ARROJADO EMBUSTE"
("Curtain Call at Cactus Creek") em TECNICOLOR
com DONALD O'CONNOR · GALE STORM

"COVIL DO CRIME"
("One Way Street")
com JAMES MASON · MARTA TOREN · DAN DURYEA

"CAVALHEIRO VAGABUNDO"
("Saddle Tramp") em TECNICOLOR
com JOEL McCREA · WANDA HENDRIX

"PIRATA DAS ARÁBIAS"
("Double Crossbones")
em TECNICOLOR
com DONALD O'CONNOR

"INVENTOR DAS ARÁBIAS"
("Free for All")
com ROBERT CUMMINGS · ANN BLYTH · PERCY KILBRIDE

"ENTRE O AMOR E A MORTE"
("Woman in Hiding")
com IDA LUPINO · HOWARD DUFF · STEPHEN McNALLY

"EXTORÇÃO"
("Shakedown")
com HOWARD DUFF · PEGGY DOW · BRIAN DONLEVY

"NA CALADA DA NOITE"
("Sleeping City")
com RICHARD CONTE · COLEEN GRAY

"WINCHESTER 73"
("Winchester 73")
com James Stewart · Shelley Winters

"NOIVA CLANDESTINA"
("Illegal Bride")
com GINGER ROGERS

"PECADORES dos MARES do SUL"
("South Sea Sinner")
com SHELLEY WINTERS · MACDONALD CAREY · HELENA CARTER

"HARVEY"
("Harvey") com JAMES Stewart ·
JOSEPHINE HULL · PEGGY DOW

"HOMEM MARCADO"
("Outside the Wall")
com RICHARD BASEHART · MARILYN MAXWELL · SIGNE HASSO

"NA NOITE DO CRIME"
("Man on the Run")
com ANN SHERIDAN · DENNIS O'KEEFE

"ABBOTT e COSTELLO na LEGIÃO ESTRANGEIRA"
("Abbott & Costello in the Foreign Legion")
com BUD ABBOTT · LOU COSTELLO

"ENJEITADOS"
("Abandoned")
com GALE STORM · DENNIS O'KEEFE · JEFF CHANDLER

"DEPORTADO"
("Deported")
com MARTA TOREN · JEFF CHANDLER

"O COLAR DA PANTERA"
("The Spy Hunt")
com MARTA TOREN · HOWARD DUFF · PHILIP FRIEND

"SANGUE ACUSADOR"
("Undertow")
com SCOTT BRADY · JOHN RUSSELL · PEGGY DOW

FILMES S/A

PRODUÇÕES DA

VERA CRUZ ★ J. ARTHUR RANK

51

"CAIÇARA"
Direção de ADOLFO CELI
com ELIANE LAGE • ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

"PAIOL VELHO"
Direção de Tomas Payne
com ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

"IRMÃO das ALMAS"
-OURO PRETO em 1800-
Direção de ALBERTO CAVALCANTI
com INEZITA LIMA BARROSO • ELIANE LAGE • RUTH SOUZA

"ESCRAVO da NOITE"
-VIDA e OBRA de NOEL ROSA-
com SERGIO CARDOSO

"CANTO DO MAR"
Direção de ALBERTO CAVALCANTI

"SANTOS DUMONT"
O FAMOSO PIONEIRO DA AVIAÇÃO

"TORTURADA"
("The GIRL in the PAINTING")
com MAI ZETTERLING • ROBERT BEATT

"ADÃO E...ELA"
("Adam and Eveline")
com STEWART GRANGER • JEAN SIMMONS

"LOUCURAS do CORAÇÃO"
("Madness of the Heart")
com MARGARET LOCKWOOD • MAXWELL REED

"O GRITO da CARNE"
("Madeleine")
com ANN TODD • IVAN DESNY • NORMAN WOODAND

"ALEGRIA A GRANEL"
("Tight Little Island")
com BASIL RADFORD • JOAN GREENWOOD

"O CAVALINHO DE PÁU"
("The Rocking Horse Winner")
com VALERIE HOBSON • JOHN HOWARD DAVIES



"AMOR ou PECADO"
("The Astonished Heart")
com CELIA JOHNSON • NOEL COWARD • MARGARET LEIGHT

"SORTE LOUCA"
("A Run for your Money")
com DONALD HOUSTON • MEREDITH EDWARDS

"OURO e SANGUE"
("Eureka Stockade")
com CHIPS RAFFERTY • JANE BARRETT

"CONFISSÃO DE UMA ESPIÃ"
("The Spider and the Fly")
com ERIC PORTMAN • NADIA GRAY • GUY ROLFE

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

"NAS ALTAS RODAS"
("MA & PA KETTLE GO TO TOWN")
com MARJORIE MAIN • PERCY KILBRIDE • MEG RANDALL

"...E O MULO FALOU"
("Francis")
com DONALD O'CONNOR • PATRICIA MEDINA

"MULHER GANGSTER"
("STORY OF MOLLY X")
com JUNE HAVOC • DOROTHY HART • JOHN RUSSELL

"OS NOIVOS de MAMÃE"
("LOUISA")
RONALD REAGAN • CHARLES COBURN • RUTH HUSSEY

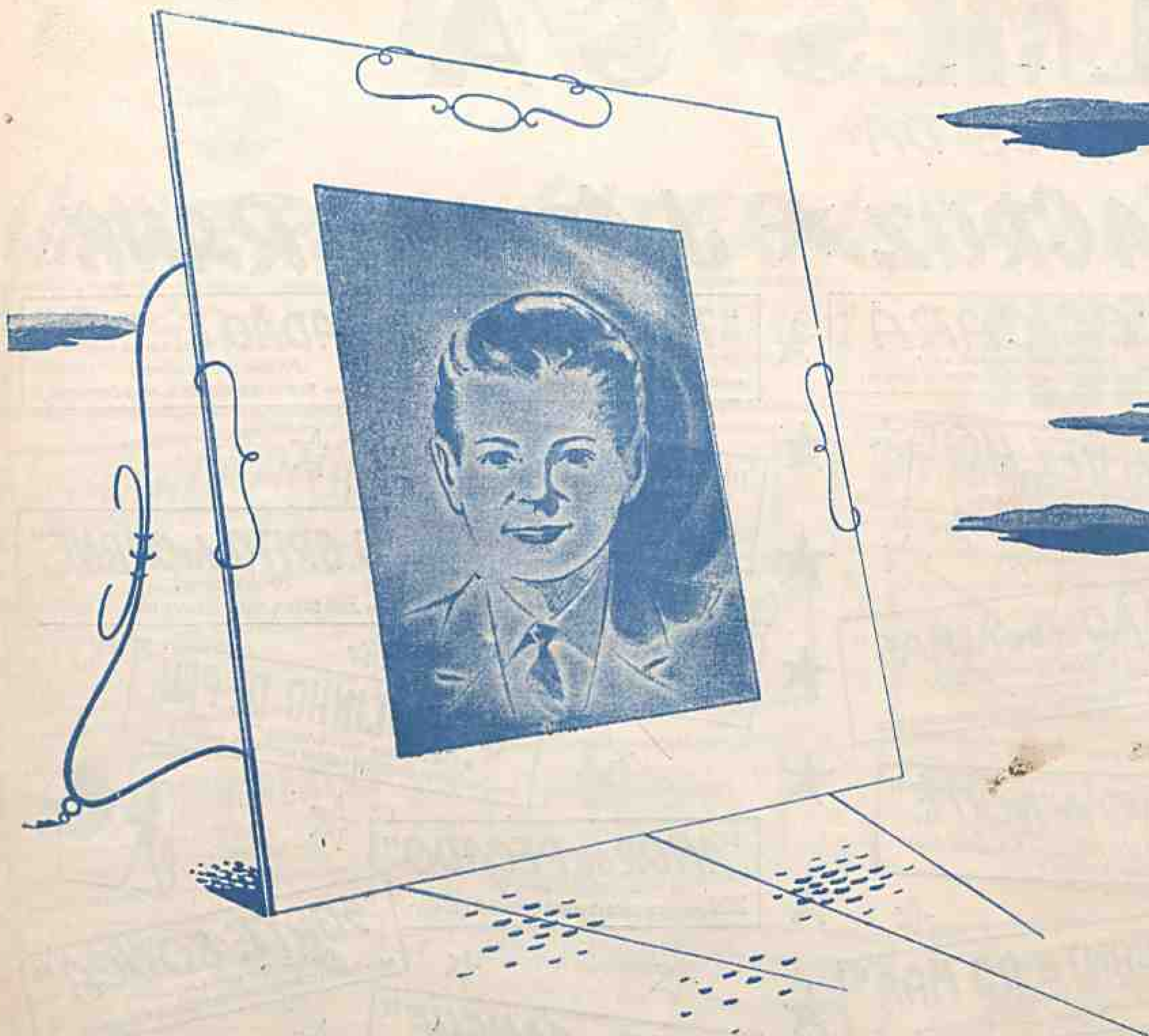
"SANGUE e MORTE"
("The Rugged O'Riordans")
com MICHAEL PATE • WENDY GIBB



"REINADO do CRIME"
("Borderline")
com FRED Mac MURRAY • CLAIRE TREVOR

"LARÁPIOS"
("I Was a Shoplifter")
com SCOTT BRADY • ANDREA KING • MONA FREEMAN

"FÚRIA CIGANA"
("Gypsy Fury")
com VIVECA LINDFORD • CHRISTOPHER KE



Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
médico ou . . . ?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL



ESTHER WILLIAMS (Foto Metro)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Esther Williams.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Los Angeles, California.
DATA	— 8 de agôsto de 1921 (28 anos).
ESTADO CIVIL	— Casada desde 1945 com Ben Gage, famoso cantor e anunciante do rádio norte-americano.
FILHOS	— Não.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— No famoso "show" aquático de Billy Rose, na Feira Mundial de São Francisco.
FILME DE ESTRÉIA	— "A dupla vida de Andy Hardy".
FILMES PRINCIPAIS	— "Escola de Sereias", "Ouro no barro", "Paixão em jôgo", "Ziegfeld Follies", "Festa brava", "Saudade de teus lábios", "Quem manda é o amor", "Numa ilha com você", "A bela ditadora", "A filha de Netuno".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California, U. S. A.

HISTÓRICO

ESTHER WILLIAMS é um belo pedaço de mulher com um metro e setenta e cinco de altura e sessenta e cinco quilos de pêso. Tem cabelos e olhos castanhos e seus maiôs, quando ela está dentro, provocam os mais estranhos assovios. E' atualmente uma das maiores atrações da marca do "Leão", sendo considerada mesmo uma das campeãs de bilheteria. Desde cedo sua família costumava levá-la a passeios de banhos de mar, e, já aos 15 anos, o treinador do colégio vendo-a na piscina prognosticou-lhe um brilhante futuro... dentro dágua. Dois anos depois, Esther batia recordes de 100, 200 e 400 metros, sendo uma das mais promissoras nadadoras do país. E não tardou muito que a sua chance aparecesse. E o resto todos já sabem... Esther Williams foi educada no Los Angeles City College e University of Southern California. Seu passatempo predileto é decorar sua residência — e, ressalve-se, dizem que a pequena tem muito bom gôsto.



MONTGOMERY CLIFT (Foto Paramount)

FICHÁRIO

NOME VERDADEIRO	— Montgomery Clift.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Omaha, Nebraska.
DATA	— 17 de outubro de 1920 (30 anos incompletos).
ESTADO CIVIL	— Solteiro.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Aos 14 anos, na peça de amadores "As Husband Go" em Sarasota.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Ator teatral.
FILME DE ESTRÉIA	— "Rio Vermelho", em 1946.
FILMES PRINCIPAIS	— "Perdidos na tormenta" (Suíça, 1947); "Rio Vermelho" e "Tarde de mais".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Paramount Pictures.

HISTÓRICO

MONTGOMERY CLIFT conquistou o público mundial (e especialmente o feminino) logo no seu primeiro filme. Aqui no Brasil, conhecemo-lo primeiro através de "Perdidos na tormenta", seguindo-se "Rio Vermelho" e, mais recentemente, em "Tarde de mais", o filme que deu o segundo "Oscar" a Olivia de Havilland. Com apenas três filmes Monty goza de um prestígio invejável entre os maiorais de Hollywood, e a sua volumosa correspondência deixa muita gente intrigada. Clift não tem um estúdio certo, e recusou mesmo um vantajoso contrato de 9 anos, preferindo ser "free-lance" (livre atirador). Que se saiba, nenhuma mulher até hoje cruzou o seu caminho sèriamente, e o rapaz é solteirinho da silva, embora receba diàriamente milhares de propostas de amor. Seu principal passatempo é viajar, e pretende, ainda êste ano, realizar excursões através de Cuba, México, e provàvelmente, virá até o Brasil. Gosta muito de ler, especialmente os clássicos, e é fã da música popular norte-americana, sendo Bing Crosby o seu "crooner" favorito. Tem olhos verdes e cabelos castanhos — e um punhado de meninas que estão louquinhas por agarrá-lo.



CARMELIA ALVES

(Foto Halfeld)

FICHÁRIO

NOME VERDADEIRO	— Carmélia Alves Curvelo Ramos.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Rio de Janeiro.
DATA	— 14 de fevereiro de 1923 (27 anos).
CARGO QUE EXERCE	— Cantora.
ESTADO CIVIL	— Casada com Jimmy Lester, cujo nome verdadeiro é José Ramos, desde 1945.
FILHOS	— Não.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Na Rádio Nacional, em 1940, no programa "Barbosadas".
PROGRAMAS ATUAIS	— Musicais da Mayrink Veiga.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Rádio Mayrink Veiga, rua Mayrink Veiga, Rio.

HISTÓRICO

EMBORA esteja no rádio há cêrca de 10 anos, sòmente agora Carmélia Alves está se incluindo na lista das raras cantoras de talento e personalidade. Evidentemente, seu estilo todo pessoal e seu timbre agradável de voz colocam-na numa situação invejável entre as intérpretes da nossa música popular. E o fato é que o público tem notado isso e tem lhe dedicado a simpatia e o aplauso sinceros. Carmélia se encontra atualmente sob contrato na Rádio Mayrink Veiga, onde atua em várias audições. E' também cantora da "boite" Meia-Noite, do Cassino Copacabana, e tem feito algumas gravações, entre as quais destacam-se: "Quem dorme no ponto é chauffeur", "Trepa no coqueiro" e "Me leva", esta última com Ivon Cury. Fêz excursões por todo o norte do País, tendo regressado há pouco de uma "tournée" pelo Estado de São Paulo. Tem 1 metro e 62 de altura, cabelos pretos e olhos castanhos. E' torcedora do Bangu e entre os esportes tem preferência pela natação.



CECILE AUBRY (Foto Fox)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Cécile Bernard.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Paris, França.
DATA	— 3 de agôsto de 1930 (20 anos, incompletos).
ESTADO CIVIL	— Solteira.
ESTRÉIA ARTISTICA	— No cinema.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Não tinha. Estudava "ballet".
FILME DE ESTRÉIA	— "Anjo perverso", de Clouzot.
FILMES PRINCIPAIS	— "Anjo perverso" (França) e "A rosa negra" (Hollywood, inédito).
CORRESPONDÊNCIA PARA	— 20th Century-Fox Studios, Hollywood, California, U. S. A.

HISTÓRICO

CÉCILE AUBRY é o que se pode realmente chamar de "fenômeno cinematográfico". Descoberta pelo diretor Henry Georges Clouzot, submeteu-se a um teste e duas semanas depois, quando já perdia as esperanças, recebera a notícia que, dentre uma centena de candidatas, fôra ela a escolhida para ser a figura principal de "Manon" (Anjo perverso), filme que a lançaria no cenário da fama e da glória mundial. Daí para Hollywood foi um passo muito simples. Ben Lyon, assistente executivo de Lyman Munson, examinava uma série de fotografias para a escolha de uma pequena que contracenasse com Tyrone Power em "The Black Rose", que Henry Hathaway rodou grande parte na África do Norte. Atualmente Cécile está residindo em Hollywood, em seu novo apartamento, e está muito satisfeita. Acorda cedo e vai diàriamente aos estúdios, cuja técnica a surpreendeu bastante em relação aos estúdios franceses. Cécile tem uma personalidade atraente, cabelos castanho-alourados e olhos claros capazes de magnetizar qualquer ser... masculino. Até agora, que se saiba, nenhum comentarista "inventou" nenhum romance para a "estrêla". E' possível que isso apareça, quando do lançamento do seu filme.



GREGORY PECK (Foto Fox)

FICHÁRIO

NOME VERDADEIRO — Gregory Peck.

LOCAL DE NASCIMENTO — La Jolla, California.

DATA — 5 de abril de 1916 (34 anos).

ESTADO CIVIL — Casado.

FILHOS — Dois garotos: um de cinco e um de dois anos de idade.

ESTRÉIA ARTISTICA — Na peça teatral "Anna Christie".

FILME DE ESTRÉIA — "Quando a neve tornar a cair".

FILMES PRINCIPAIS — "As chaves do reino", "O vale da decisão", "Quando fala o coração", "Duelo ao sol", "Céu amarelo".

CORRESPONDÊNCIA PARA — 20th Century-Fox Studios, Hollywood, California, U. S. A.

HISTÓRICO

GREGORY PECK é também um caso excepcional na história do cinema: conquistou o público logo no seu primeiro filme e sua popularidade vem crescendo de filme para filme. Sem ser um "bonitão", sua simpatia e sua simplicidade tomaram conta dos corações femininos logo à primeira vista. Gregory é, além do mais, um artista de talento, e seus trabalhos bem o atestam. Sua carreira artística atingiu o "climax" com o papel de esquizofrênico que viveu em "Quando fala o coração", ao lado de Ingrid Bergman. Infelizmente, não nos foi dado ainda assistir ao tão discutido "Duelo ao sol", que filmou para David O. Selznick e que, por motivos estranhos e misteriosos, ainda não veio ao Brasil. Suas próximas películas foram filmadas na Fox e são "Twelve O'Clock High" e "The Gunfighter", que vem batendo recordes de bilheteria na Norte América. Tem um metro e oitenta e cinco de altura, cabelos e olhos escuros. Tem uma fazenda não muito distante de Hollywood onde costuma passar suas férias com sua espôsa e seus dois filhos, com quem vive muito feliz — queiram ou não os mexeriqueiros.



LOUIS JOURDAN (Foto Metro)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Louis Jourdan.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Marselha França.
DATA	— 1920.
ESTADO CIVIL	— Casado desde 1945, com Berthe Fréderique
FILHOS	— Não.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Cinema francês, fazendo "pontas".
PROFISSÃO ANTERIOR	— Hoteleiro: estudava e ajudava o pai nas horas vagas.
FILME DE ESTRÉIA	— "The Paradine Case", em Hollywood, como "astro".
FILMES PRINCIPAIS	— "Carta de uma desconhecida", "O pintor de almas", "Madame Bovary" e "The Paradine Case" (inédito no Brasil).
SALÁRIO	— Média de 5.000 dólares semanais.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California, U. S. A.

HISTÓRICO

LOUIS JOURDAN, galã dos mais promissores da nova geração, está pràticamente se iniciando no cinema, mas já conta com uma legião enorme de fãs. Tendo levado uma vida muito aventuresca, durante a segunda grande guerra pertenceu ao Movimento Subterrâneo de Resistência Francesa, conseguindo, por milagre, escapar aos alemães. Já residiu em Londres, Constantinopla, Cannes e diversas outras cidades, mas considera os Estados Unidos o lugar ideal — e é justamente onde está residindo atualmente. Antes de ingressar no cinema americano, morou durante um ano em Hollywood, dedicando-se ao estudo do idioma e tomando lições de dicção. Seus amigos particulares, com quem sempre anda, são Jean Pierre Aumont e espôsa, Maria Montez. Gosta muito de esportes, mas tem especial preferência pela natação. Tem a mania de dirigir seu carro a grande velocidade, tendo em consequência recebido inúmeras multas, razão por que tem confiado a direção nos últimos meses à sua própria senhora. Mas, com êsse excesso de velocidade, não resta dúvida que o rapazinho vai longe...



YVONE DE CARLO (Foto U-International)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO — Peggy Yvonne.

LOCAL DE NASCIMENTO — Vancouver, Columbia Britânica.

DATA — 1.º de setembro de 1924 (25 anos).

ESTADO CIVIL — Solteira.

ESTRÉIA ARTISTICA — No teatro, desde pequena.

PROFISSÃO ANTERIOR — Dançarina.

FILME DE ESTRÉIA — "A irresistível Salomé".

FILMES PRINCIPAIS — "Pirata romântico", "Aventureira audaciosa", "Casbah", "Baixeza", "Escandalosa", "Astúcia de uma apaixonada", "Era seu destino".

CORRESPONDÊNCIA PARA — Universal-International, Hollywood, California U.S.A.

HISTÓRICO

EM 1944 Yvonne de Carlo era simplesmente uma das 20 mil candidatas ao prêmio que o produtor Walter Wanger oferecia à jovem mais bonita do mundo. Yvonne foi a vencedora, fazendo sua estréia no cinema. Daí para cá a Universal-International gastou nada menos de dez milhões de dólares em suas películas, sendo a maior parte em tecnicolor. No entanto, quando Yvonne venceu o concurso não foi apenas pela beleza, pois havia exigências muito sérias: a jovem deveria saber cantar, dançar e representar. Particularmente, achamos que Yvonne só preenche metade dessas condições. Mas, de qualquer forma, milhares e milhares de fãs do mundo inteiro lhe têm verdadeira admiração e sua correspondência cresce dia a dia. Yvonne gosta de esportes, não fuma nem bebe e tampouco gosta de frequentar cabarés; prefere dar festas em casa para seus amigos íntimos. Estatura mediana, 50 quilos de pêso. Olhos azuis, cabelos castanhos. Vive em companhia da mãe numa casa estilo inglês, em San Fernando Valley. Recentemente foi coroada a "Rainha do Rodeio". Gosta de ler, aprecia Shakespeare e tem interêsse por livros de mitologia grega e assuntos teatrais. Nunca se casou, apesar de ter recebido propostas de Howard Hughes, Robert Stack, Rod Cameron e Howard Duff.



LUCIO ALVES

(Foto Halfeld)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Lúcio Ciribelli Alves.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Cataguazes, Minas Gerais.
DATA	— 28 de janeiro de 1925 (25 anos).
ESTADO CIVIL	— Solteiro.
CARGO QUE EXERCE	— Cantor.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Estudante e auxiliar de escritório.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Em 1938, no programa "Picolino", de Barbosa Junior.
PROGRAMAS ATUAIS	— "Recital Lúcio Alves" (segundas-feiras), "Sequência G-3" (quintas-feiras), "Escola de Brotinhos" (sábados).
FILMES	— "Não adianta chorar", "Êste mundo é um pandeiro" e outro inédito, ainda sem título.
SALARIO	— Não revela quanto, alegando que para alguns pareceria um milionário e para outros um simples amador gratificado.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Rádio Tupi, avenida Venezuela, 43, 3.º andar.

HISTÓRICO

LÚCIO ALVES, um dos valores da nova geração de cantores, iniciou sua carreira em 38, na Mayrink, tendo trabalhado também na Nacional, porém sem grande destaque, pois fazia apenas o papel de "complemento" dos programas. Em 41 abandonou o rádio, regressando com o conjunto "Namorados da Lua", ganhando primeiro lugar no programa de calouros de Ari Barroso. O conjunto foi contratado pela Tupi, saindo para a Nacional. Daí, Lúcio resolveu abandonar o conjunto, dedicando-se exclusivamente a solista. Em 47 recebeu uma proposta para chefiar os "Anjos do Inferno", que se encontravam em Cuba, para onde seguiu, permanecendo quatro meses, cantando em teatros e "night-clubs". Daí seguiram todos para Nova York, tendo atuado na CBS, na NBC, programas de televisão e diversos "night-clubs" como o "Embassy", "Ruban Bleau", "Blue Angel", etc. A convite de Carmen Miranda, seguiu com o conjunto para a California, sendo apresentado num "show" da 20th Century-Fox. Regressou ao Brasil para passar o Natal com a família e resolveu ficar por aqui, onde se acha contratado pela Tupi, num ótimo horário. Esta a vida de Lúcio Alves que, apesar de jovem, é bem atribulada, dinâmica e cheia de sucessos. O rapaz tem uma correspondência enorme e suas admiradoras crescem cada vez mais. Basta ouví-lo. Suas gravações não param um instante nas prateleiras.



DORIS DAY (Foto Warner)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Doris Kappelhoff.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Cincinatti, Ohio, Estados Unidos.
DATA	— 3 de abril de 1924 (26 anos).
ESTADO CIVIL	— Divorciada de Al Jorden e do saxofonista George Weidler.
FILHOS	— Um garoto, de nome Terry, de seu matrimônio com Al Jorden.
ESTRÊIA ARTÍSTICA	— Na Broadway, como vocalista de Les Brown.
FILME DE ESTRÊIA	— "Romance em alto mar".
FILMES PRINCIPAIS	— "Romance em alto-mar" e "Meus sonhos te pertencem".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Warner Bros. Bubrbank City, California.

HISTÓRICO

DORIS DAY tornou-se, indiscutivelmente, uma das mais populares vocalistas da melodia popular norte-americana, entrando no páreo das melhores, ao lado de Jo Stafford, Margareth Whiting e Ella Fitzgerald. Seu pai era um grande diretor de orquestra de concertos e supunha que ela seria pianista clássica, porém desde que começou a dançar nas festas escolares da Academia onde estudava, todo mundo viu quanto ela possuía de atrativos e habilidades extraordinárias para converter-se em uma grande bailarina. Entretanto esta parte de sua carreira artística foi interrompida quando ela sofreu um acidente de automóvel no qual estêve a ponto de perder a vida. Quando saiu do hospital, totalmente curada, ingressou no cinema. Seu filme de estréia deu-lhe uma projeção internacional, pois, além de ser dona de uma bela voz e cantar com personalidade, é possuidora de uma simpatia invejável. Loura, de olhos azuis, sua figurinha delicadamente feminina garantiu-lhe um lugar destacado nos tecnicolores da Warner, onde será, daqui por diante, a figura principal. Doris possui ainda contrato com a Columbia Recording Company, para onde vem gravando seus sucessos, dos quais destacamos: "Day by Day", "Sentimental Journey", "If I could be with you", "How It Lies", "Confess" — com Buddy Clark, "Again" e "My Dream is Yours". Não será necessário dizer que os discos de Doris esgotam-se com rapidez espantosa. Brevemente ela virá em outro filme — "Young Man With a Horn", um musical de classe que os estúdios de Burbank lançarão ainda êste ano.



ALEXIS SMITH (Foto Warner)

FICHÁRIO

NOME VERDADEIRO	— Alexis Smith
LOCAL DE NASCIMENTO	— Penticton, Canadá.
DATA	— 8 de junho de 1921 (29 anos).
ESTADO CIVIL	— Casada com o ator Craig Stevens, desde junho de 1944.
FILHOS	— Não.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Teatro de amadores, na Universidade de Los Angeles.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Estudante.
FILME DE ESTRÉIA	— "Dive Bomber", com Erroll Flynn.
FILMES PRINCIPAIS	— "De amor também se morre", "Rapsódia azul", ""Jornada de agonia", "Canção inesquecivel", "Volta para mim", "Conflito dalma", "Mercadores de intriga", "Fugindo ao destino", etc.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Warner Bros. Studios, Burbank, California, U. S. A.

HISTÓRICO

ALEXIS SMITH já fêz cêrca de trinta e cinco filmes, e poucos mais que ainda estão para ser exibidos. No entanto, se alguém lhe perguntasse se realizou na tela o seu papel preferido, certamente ela responderia: "Ainda não. Pretendo de agora em diante especializar-me em papéis de "vamp". Êste é o meu tipo preferido". E acontece justamente o contrário na vida real, pois Alexis Smith é uma criatura alegre, encantadora, de boa palestra. Vive feliz com seu espôso Craig Stevens há seis anos precisamente. Fêz seus estudos na Universidade de Los Angeles, tendo sido colega da atriz Donna Reed, cuja amizade conserva até hoje. Bem cedo demonstrou suas inclinações para o palco, representando papéis de relêvo no próprio teatro de amadores do colégio. Tem um metro e sessenta e cinco de altura e detesta multidões, recusando-se a ir a uma festa onde haja mais de 10 pessoas. Sua maior preocupação, atualmente, é mobilar sua nova residência, que comprou em San Fernando Valley. Frequenta muito leilões, a fim de adquirir objetos de antiguidade. E por hoje é só.



RICHARD WIDMARK

(Foto Fox)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Richard Widmark.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Minesota.
DATA	— 26 de dezembro de 1915 (34 anos).
ESTADO CIVIL	— Casado com Joan Hazelwood.
FILHOS	Uma menina de 4 anos, de nome Ann.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— Teatro.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Ator teatral.
FILME DE ESTRÉIA	— "O beijo da morte".
FILMES PRINCIPAIS	— "O beijo da morte", "A taverna do caminho", "Rua sem nome", "Céu amarelo" e "Furacão da vida".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— 20th Century-Fox Studios, Hollywood, California, U. S. A.

HISTÓRICO

TIPOS como Richard Widmark raramente aparecem no cinema: existem semelhantes, mas nunca iguais, jamais capazes de igualar a sua arte e a sua personalidade. De fato, a aparição de Dick na tela já se fazia esperar. O jovem ator alcançava estrondoso sucesso nos palcos da Broadway, quando foi convidado para um teste em Hollywood. A princípio mostrou-se hesitante, mas a insistência foi tanta e as vantagens eram tão compensadoras que cedeu. Aprovou. E quem viu sua estréia, em "O beijo da morte", ao lado de Victor Mature e Coleen Gray, certamente há de reconhecer que Widmark "roubou" completamente o filme. Aquela figura de paranóico, aquêle riso sádico, aquela maldade que provinha de seu íntimo doentio, não sairá fàcilmente de nossa memória. Ali estava um ator completo, de recursos dramáticos. Seu futuro estava garantido. Outros filmes surgiram, imediatamente, e Richard Widmark firmou-se como um dos melhores atores do gênero. Na vida real, no entanto, é um homem calmo, risonho, marido exemplar e bom pai. Costuma passar seus "week-ends" com a espôsa e o filho. Pesa oitenta quilos, é louro e tem olhos azuis. Seus gestos brutos e seu olhar cínico exercem grande atração no público feminino. Neste momento Richard Widmark deve estar terminando na Europa, para a Fox, um dos maiores papéis de sua carreira, na película "Night and the City"



JANE RUSSELL (Foto United)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Jane Russell.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Minesota.
DATA	— 21 de junho de 1921 (29 anos).
ESTADO CIVIL	— Casada com Bob Waterfield, instrutor de atletismo, desde 1942.
FILHOS	— Não.
ESTRÊIA ARTISTICA	— Cinema.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Modêlo.
FILME DE ESTRÊIA	— "O proscrito".
FILMES PRINCIPAIS	— "O proscrito", "O valente treme-treme", "It's Money Only" (inédito no Brasil).
CORRESPONDENCIA PARA	— R. K. O. Radio.

HISTÓRICO

DIFICILMENTE encontraremos na história do cinema uma "onda" tão grande como a que foi feita em tôrno de Jane Russel, a "estrêla" de "O proscrito". Como todos ainda devem estar lembrados, o filme de Howard Hughes foi interditado pela Censura Americana e sòmente após qautro anos de protestos foi liberado. No Rio de Janeiro deu-se um fato semelhante e a película ficou encostada nas prateleiras cêrca de dois anos. Finalmente foi sôlta. Jane Russel era a "responsável" por tudo. Que tipo de mulher seria ela? Mas, com sua simplicidade encantadora, ela mesma explica tudo: "Não foi pela minha situação na fita que a censuraram. Tive só a função de rótulo numa caixa de tomates... O que queriam era vender tomates, nada mais...". Assim é Jane Russel: sem vaidades e sem orgulho. Antes de ingressar no cinema desejava ser figurinista, mas estudava arte dramática com a grande Maria Ouspenkaya. Leavis Green, um agente, tendo visto uma de suas fotos, convidou-a para um teste. Cem por cento aprovada. E o resto ficou dito aí em cima... Jane Russel traja-se com extrema elegância, adora o marido, tem olhos e cabelos castanhos e gostaria muito de conhecer o Brasil, o que fará na primeira oportunidade. Assim esperamos, também.



MARIA DELLA COSTA (Foto Avila)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO — Gentile Maria de Barros e Silva.

LOCAL DE NASCIMENTO — Caxias, Rio Grande do Sul.

DATA — 1 de janeiro de 1926 (24 anos).

ESTADO CIVIL — Casada com o diretor cinematográfico e produtor teatral Fernando de Barros, desde 1944.

FILHOS — Não.

ESTRÉIA ARTÍSTICA — No "show" do Cassino Copacabana, em 1943.

PROFISSÃO ANTERIOR — "Cover-girl".

FILME DE ESTRÉIA — "Inocência".

FILMES PRINCIPAIS — "Cavalo 13" e "Caminhos do sul".

SALÁRIO — 50.000 cruzeiros em "Caminhos do sul".

CORRESPONDÊNCIA PARA — Teatro da Cultura Artística, em S. Paulo.

HISTÓRICO

POR incrível que pareça, quem descobriu Maria Della Costa foi uma revista e não um caçador de talentos. Essa revista achou que Maria tinha um belo tipo de mulher, capaz de servir de modêlo para suas capas. Essa revista foi a "Revista do Globo", de Pôrto Alegre. Em 43, Maria fazia sua estréia no Cassino Copacabana, aparecendo numa belíssima cena — quase inteiramente despida. A curiosidade dos espectadores não cessava de indagar: quem seria aquela mulher tão bela? Em 44, Fernando de Barros lhes deu a resposta: Maria Della Costa, minha espôsa — até que a morte nos separe, como teriam jurado naquele mesmo ano. Mas o casal, por obrigações artísticas, vive tão separado que, segundo as más línguas, "parece" que se vai divorciar... Em 47, Maria Della Costa foi a Portugal, onde permaneceu um ano, estudando Arte Dramática. Regressou e entrou para o teatro, revelando-se uma artista de recursos realmente notáveis. "Rainha morta", "Tereza Rankin", "Vestido de noiva" (segunda versão), "Anjo negro", "Tobacco Road", atestam que Maria tem, realmente, talento e não sòmente beleza. Atualmente está em São Paulo, ao lado de Sandro Polônio, onde representou "No fundo do poço", peça que está fora de cartaz devido a um processo movido contra a autora, tendo sido substituída por "A Família Barrett" — que está alcançando inegável êxito.



JANET LEIGH (Foto Metro)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Jeanette Helen Morrison.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Merced California.
DATA	— 26 de julho de 1926 (24 anos).
ESTADO CIVIL	— Casada com Stanley Reames, desde 1945.
FILHOS	— Não.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— Cinema.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Componente de um côro vocal.
FILME DE ESTRÉIA	— "Reconciliação", em 1947.
FILMES PRINCIPAIS	— "Inverno d'alma", "O mundo de Lassie", "Minha vida é uma canção", "Ato de violência", "Quatro destinos" e "O Danúbio vermelho" (inédito).
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California, U.S.A.

HISTÓRICO

JANET LEIGH é, indiscutivelmente, uma das grandes promessas do cinema. Loura — cabelos castanhos bem claros — não é apenas a sua beleza que influirá no seu brilhante futuro. Janet tem realmente talento, e para isso basta que se tenha visto seus filmes, especialmente "Ato de violência" e "Inverno d'alma". Meiga, delicada, tem todos os predicados que tornam uma moça excessivamente feminina — e isto não se dá apenas na vida real, porque Janet reflete sua personalidade na tela. Estudou música no College of Pacific de Stockton e apareceu em operetas do colégio. Foi descoberta por Norma Shearer que viu uma foto sua e ficou impressionada, exclamando: "Uma jovem com um rosto dêsses devia estar no cinema". Dias depois Jane lhe era apresentada e um teste foi realizado em Hollywood. Tudo **okay.** Apesar de não possuir nenhuma experiência artística, fêz sucesso em sua estréia. Infelizmente, não tem recebido bons papéis ùltimamente, exceção feita a "Ato de violência", pois o seu talento é muito superior a essas fitinhas medíocres e tecnicoloridas em que tem figurado. Janet Leigh merece uma chance, uma chance bem grande, onde possa mostrar todo o valor de seu talento dramático, tôda a exuberância de sua beleza e tôda a feminilidade de sua personalidade. E nós estaremos aqui para aplaudí-la.

O MUNDO PRECISA RIR

LEON ELIACHAR

O mundo atravessa um de seus momentos mais indecisos. Uma espécie de cáos envolve tôda a humanidade, e, apesar de caminhar a passos largos para a frente — não se sabe ao certo aonde pretende chegar. A política internacional, apesar de estudada e debatida diàriamente, é confusa e incompreensível, e os homens dificilmente podem chegar a um acôrdo de opiniões. Nos laboratórios, cientistas andam às voltas com novas descobertas, sensacionais inventos que tanto podem beneficiar como destruir o próprio mundo. A ciência agiganta-se de tal forma, que o poder e a grandeza do cérebro humano se tornam simples migalhas, navegando à mercê de um destino incerto e esvoaçante. Um vento mais forte pode soprar tudo, e o próprio engenho do homem, a sua sabedoria, fruto de anos de trabalho, poderão revoltar-se contra o próprio dono, aniquilando-o. Assim vive a humanidade nos dias agitados dêste periclitante fim de século.

O cinema, uma espécie de espêlho que reflete o estado introspectivo do próprio mundo, apesar de seus melhoramentos técnicos, anda hesitante, numa situação quase estática. Nota-se perfeitamente o desequilíbrio de seu sistema nervoso, reflexo dos próprios acontecimentos que pousam sôbre a face da terra. Como uma espécie de radiografia do próprio globo terrestre, o cinema é uma perfeita chapa clínica, que nos revela o estado grave em que se encontra o mundo convulso de nossos dias, uma ameaça para si mesmo, formando-se uma auréola de descrença, de médo, de receio do futuro, quando essa própria chapa poderia ser utilizada como o seu próprio remédio, impedindo que êsse mal físico se alastrasse pelo espírito. Porque, não resta a menor dúvida, tôda e qualquer cura física, depende, em grande parte da confiança e da fé, que provêm do espírito. São os males da matéria aliviados pelo espírito — eis a verdade!

Tomemos, portanto, essa radiografia e vejamos o que ela nos apresenta. O mundo anda se contorcendo, num estado deprimente de angústia, não conseguindo refazer-se ainda dos golpes sofridos pela catástrofe da segunda guerra mundial. Cidades inteiramente arruinadas são paulatinamente reerguidas, e isso é trabalho que durará anos. As brechas abertas em seu corpo serão lentamente cicatrizadas. E os homens? Quanto tempo levará até que se restabeleçam do choque? Êsse é um problema mais grave, mais delicado, e que requer muito mais tempo. Mas não deixa de ter o seu remédio. E a própria radiografia do mundo nos revela o seu mal. O cinema nos apresenta dramas de refugiados, deslocamento de massa humanas para novos horizontes, onde a vida é diferente e um novo mundo se lhes abre aos olhos. Doentes atacados de nevrose de guerra, sua provável cura através dos modernos medicamentos da psiquiatria e suas aplicações práticas. A doutrina de Freud, hoje mais respeitada, invadiu os domínios do mundo e veio também refletir-se na tela. Aumenta o índice de criminalidade, assumindo proporções gigantescas o número dos desajustados que se desviam para o mau caminho, fruto da má educação e das próprias circunstâncias de que foram vítimas. Cresce assustadoramente o número dos "fora-da-lei", indivíduos que encontram na situação atual uma forma fácil de ganhar a vida desonestamente, enveredando pelo caminho do lucro fácil, como a única forma de sobreviver. Despreza-se o trabalho sincero, e a honra e a altivez de caráter já não figuram mais entre o seu código de conduta no convívio da sociedade. Os dramas passionais adquirem vulto, tomando um aspecto mais profundo, falsamente analisados e deficientemente justificados. Sábios e cientistas burilam nos seus tubos de ensaio, de onde sairão novas descobertas, cuja utilização em proveito do mundo é duvidosa, criando o estado de pavor no seio das massas que caminham desnorteadas, para o abismo da insegurança. Intrigas internacionais, desvendadas pelos serviços de contra-espionagem, são trazidas à luz, não tão claramente nem tão elucidativas. Tumultos internos são superficialmente externados. Homens de poder buscam solidificar formas de Paz e Segurança, enquanto as ameaças de novas guerras flutuam no espaço de seus pensamentos hesitantes.

A conquista do espaço é evidenciada de cenas lapidadas e caprichosamente embrulhadas no celofane da fantasia. A infância desamparada, milhares e milhares de vítimas inocentes que pagam pelo pecado de pais irresponsáveis; a nova geração expiando o crime de outra geração. A luta contra a doença, a deficiência e escassez de hospitais incapazes de atender a milhares de vítimas que não encontram leitos para aguardar a morte. A terrível crise de habitação, problema oriundo da destruição de milhões de lares pelas bombas explosivas lançadas por cérebros opacos. A escassez de alimentação, a deficiência de nutrição orgânica, que deprime tôda uma civilização, incapacitando-a para a vida. A ausência de instrução e falta de escolas educacionais, deixando-se crescer povos que serão coibidos de uma cultura segura e eficaz, fazendo o mundo retroceder a eras primitivas. Modificações de leis, idéias revolucionárias, projetos utópicos sem resultados imediatos, transformações abruptas no seio das sociedades. Drama. Tragédia. Pessimismo. Desgraça. Completo colapso espiritual — êste o aspecto do mundo atual, visto através da radiografia cinematográfica.

O panorama é êste. São êstes os assuntos, com pequenas variantes, que se estampam na tela diàriamente, refletindo exatamente os sentimentos e as amarguras do mundo. Todavia, apesar do cinema nos mostrar, em imagens embaçadas pela neblina espêssa da censura ou mesmo pela incapacidade de realização, ou ainda por falta de coragem de certos realizadores, o certo é que a tela só nos mostra, quando muito, as misérias e as desgraças do mundo, sendo incapaz de apontar um caminho ou uma solução que seja para determinado fato. O cinema limita-se a focalizar, friamente, a situação — criando no raciocínio das massas mais uma preocupação, mais um problema. Sua função poderia ser mais nobre, mais construtiva — e não simples máquina fotográfica que se limita a documentar acontecimentos. O mundo já está farto de saber da sua dor, e avivá-la à sua frente, é remexer a ferida, lembrar-lhe asua angústia, aumentar o seu sofrimento.

★

Temos em conta que o riso é um dos melhores remédios para as almas doentes e sadias. Não resta dúvida, pois, que êle atinge a totalidade das pessoas, distraindo-as, estimulando-as, fazendo-as esquecer das desventuras que as rodeiam. Não negamos também que "fazer rir" é uma das artes mais difíceis, pois requer muita observação, muita habilidade e, sobretudo, muita inteligência. Suas formas variam e há uma infinidade de maneiras que alcançam o mesmo objetivo. Não obstante, é lamentável que hoje em dia o riso venha ganhando terreno no Rádio, enquanto é escorraçado, inconscientemente, do Cinema, onde foi uma das mais poderosas fôrças para o seu desenvolvimento.

Há cêrca de trinta anos atrás, Mack Sennett introduzia no cinema suas comédias cognominadas "pastelão", provocando gargalhadas através das peripécias e comicidades de seus personagens. Nessa época não havia ainda o som, e a imagem dominava os olhos, pois o espectador ria a valer com as confusões criadas nos seus filmes, cheios de bolos espatifando-se na cara dos artistas, tombos, automóveis derrapando na beira de precipícios, e uma infinidade de motivos que até hoje são explorados com menos inteligência. Cinema era, portanto, pràticamente, sinônimo de diversão. O público queria rir — ninguém poderia contestar, tal o sucesso dessas fitas. Daí para cá foram surgindo outros comediantes, de gêneros aparentemente parecidos, mas destacados dentro de suas personalidades, como Harold Lloyd, o caixa-d'óculos; Chico Bóia, o gorducho infernal; Buster Keaton, o homem que não sorria, mas que fazia milhões morrerem de rir... E o próprio Chaplin, gênio entre os gênios, criara aquêle tipo inconfundível do "vagabundo" Carlitos, com suas botinas rôtas, sua bengala e sua cartola, um tipo grotescamente humano, que ficou perpetuado para sempre na história do cinema, fêz meio mundo rir com as suas tragi-comédias. Porque Chaplin, diferente dos demais, transformava as lágrimas em sorrisos — e as gargalhadas das platéias talvez fôssem uma dissimulação inconsciente de uma choradeira. Porque havia, e ainda há, em tôda a obra de Chaplin, em todo o seu humorismo poético e humano, aquela fôrça profunda de uma realidade triste, que êle hàbilmente sabe transformar em sorrisos...

Mas a coisa não ficou por aí, não. O cinema evoluiu — e com êle a comédia. Veio o som e, lentamente, os realizadores de filme entenderam de substituir a ação visual para a ação auditiva. E tudo estaria muito certo se não abusassem do uso da palavra, porque, evidentemente, o cinema não comporta nem admite a explicação de uma situação por intermédio da palavra, mas sim pela imagem. A música e os ruídos poderiam perfeitamente ser utilizados na comédia como o estão sendo no drama — mas, infelizmente, isso não aconteceu até agora, e parece mesmo que o diálogo vem dominando a situação. Outros cômicos foram aparecendo e desaparecendo, e surgiram então as formações de duplas famosas como Stan Laurel & Oliver Hardy (O Gordo e o Magro), que repetiram situações baseadas em fórmulas até cansarem o público. W. C. Fields, recentemente falecido, Victor Moore, e demais cômicos que atravessaram os anos sem prestígio de seus cartazes. Chaplin mostrou-se contrário ao som no cinema e afirmou que jamais faria um filme falado; fêz então "O Grande Ditador", e nem é preciso dizer de seu sucesso, confirmado anos depois com o genial "Monsieur Verdoux". Mas apesar de pequenas exceções, não se pode negar que a comédia desapareceu, nos últimos dez anos de cinema. Que se tem feito nesse sentido? A preocupação dos produtores é preencher as lacunas deixadas pelos ídolos do passado, procurando "substitutos" para êles. Novos comediantes são lançados e o seu sucesso só é evidenciado na primeira fita que fazem, pela novidade, pois Abbot & Costello não apresentam nada mais que imitações de sua primeira película. Danny Kaye, um comediante de indiscutível valor, pela sua máscara, pela sua mímica, pelo seu talento, só nos deu um filme: "Sonhando de Olhos Abertos" — porque os posteriores são imitações baratas. Bob Hope é um autêntico sucesso no sem-fio, mas na tela tem um público relativa-

(Cont. na pág. 78)

ORIGEM E EVOLUÇÃO DO RÁDIO

ALBERTO CONRADO

O espírito humano procura, sempre numa ânsia enorme, novos horizontes, novos métodos para viver. Ao mesmo tempo que vai desvendando mistérios e vai penetrando no desconhecido aproveita-se das novas formas para as explorar, utilizando-as de modo a virem facilitar a vida dos homens e dos povos.

Uma das grandes descobertas foi, sem dúvida, o rádio. Tal como outros grandiosos inventos, êste foi imediatamente ligado à utilidade, passando os homens a não prescindir do seu concurso na vida. Primitivamente, surgiu como meio natural de comunicação mas o seu valor tornou-se mais claro e daí maior alargamento das funções do rádio que passou a ser uma coisa do mundo, uma coisa de todos. Os países imediatamente tomaram o encargo, perante as necessidades, de favorecer o "broadcasting".

Desde os tempos mais primitivos necessitaram os povos de comunicação à distância. Tentativas de tôda ordem foram praticadas no sentido de remover tal barreira o que não era possível, pois a inteligência primitiva, ignorante das fôrças da natureza, que ao invés de a atraírem só lhes infundiam terror, limitava-se ao emprêgo dos processos mais simples como, por exemplo, a flecha sibilante, o fogo, a fumaça, o pio de madeira, o assobio de barro cozido e de inúmeros outros métodos rústicos.

No mesmo dia da tomada de Tróia, Argus soube que a cidade distava 420 quilômetros, através da fumaça.

Entretanto, êsses meios de comunicação não possuíam a continuidade eloquente do som articulado. A voz teve, na história do mundo e na tradição, um desempenho ininterrupto e notável. Muitos séculos depois, Alexandre, o grande rei da Macedônia, servia-se de um porta-voz para comandar seus exércitos. Deve-se notar que todos os esforços desenvolvidos no sentido de encurtar as distâncias eram improfícuos para transmitir frases longas ou ordens extensas.

Foi a Roma dos Césares que imaginou o correio, que teve como maior organização com Luís I, da França, isto no ano de 1470.

Depois, com a vinda de Cristo ao mundo, a voz, através dos apóstolos, tornou-se a mensageira que propagou a moderação dos costumes até as formas mais buriladas da inteligência.

Dos séculos XI ao XIII as Cruzadas contra o Oriente veio impulsionar de forma característica a navegação, e, portanto, o comércio: e numa palavra: as comunicações. Posteriormente, tivemos os arautos, os trovadores, os bardos e os menestréis cujos cantos, como mensagens, espalhavam as novas, os feitos heróicos e as lendas. Os trovadores Guilherme de Poitou, Bertrand de Born, Guiraut de Borneil e o soberano da Inglaterra, Ricardo I, Coração de Leão, em canções de amor, sátiras e epopéias, levavam as melhores manifestações do coração e da altivez.

Era assim o sentimento contribuindo de uma forma plausível para que se processasse o intercâmbio artístico entre as mentalidades, as cidades e os povos que, com o advento da imprensa, conseguiram impulsionar as artes, as ciências, numa maior e mais íntima aproximação, fomentando o patriotismo. Dessa forma a palavra escrita teve uma influência decisiva na opinião pública. Com os físicos Ampère, Volta, Oersted e outros, esboçaram-se os primeiros sinais pronunciadores dessa "caixinha milagrosa" que, contudo, só deveria nascer cem anos mais tarde.

No quadro abaixo, de nomes célebres que contribuíram para a criação da radiodifusão estão apenas alguns dos muitos sábios que nela tomaram parte.

QUADRO CRONOLÓGICO DA HISTÓRIA DO RÁDIO (I)

1831 — Surge Faraday com a "corrente de indução".
1837 — Morse inventa o telégrafo.
1861 — Reis aparece com o eletro-imã.
1877 — Por seu turno Thomas Edison dá-nos o fonógrafo.
1878 — E Hughes o microfone de carvão.
1887 — Enquanto Hertz revoluciona o rádio com as ondas electromagnéticas.
1890 — O mesmo fazendo Branly com os detectores.
1892 — Tesla contribui com os transformadores de alta frequência.
1895 — Com apenas 21 anos, Marconi faz as primeiras experiências de telegrafia sem fio.
1900 — Desenvolve-se a radiotelegrafia na Alemanha.
1906 — Fassendem faz experiências nos Estados Unidos de radiotelefonia.
1910 — De Forest faz a primeira transmissão artística pelo radiofone.
1920 — (dia 2 de novembro) — Foi dado o primeiro grito através do rádio anunciando pela estação KDKA, de Pittsburgh, a vitória do candidato eleito à presidência dos Estados Unidos, Warren G. Harding.

Deve-se sublinhar que o rádio tomou grande impulso após o célebre atentado de que foi vítima o arquiduque Francisco Fernando, da Áustria. Antes, porém, de ser assinado o armistício de 2 de novembro, já Marconi fazia experiências de ondas curtas, uma das maiores vitórias do broadcasting. Desde 1896, quando Marconi conseguiu enviar seu sinal através do iate de seu pai, em Bolonha, até depois da última guerra, a radiotelegrafia se desenvolveu por ondas longas e médias. Transmitia impulso horizontalmente e não dava comunicação eficiente a quinhentas milhas. Imaginando as limitações dêsse tipo de transmissão os técnicos experimentaram com ondas curtas projetadas no éter a um ângulo de cinco e trinta graus. Uma camada de partículas elétricas variava em altitudes entre 70 e 1.250 milhas acima da superfície terrestre. Antes da conquista das ondas curtas já o broadcasting começava a ensaiar os seus primeiros passos como podemos verificar pelo quadro que se segue:

QUADRO CRONOLÓGICO DA HISTÓRIA DO RÁDIO (II)

1921 — O "broadcasting" americano toma um certo incremento na sua técnica com a transmissão da luta de box Dempsey e Carpentier. Nesse mesmo ano a França faz suas primeiras irradiações da Tôrre Eiffel.
1922 — E' fundada na Inglaterra a British Broadcasting Corporation (BBC). A radiodifusão propaga-se à Dinamarca e Argentina.
1923 — O mesmo acontecendo na Alemanha e Tchecoslováquia.
1924 — E também na Áustria, Espanha, Itália e Suécia.
1925 — A Hungria, Polônia, Rumânia, México e Japão conhecem o rádio.
1926 — A Iugoslávia faz suas primeiras irradiações através das ondas de Hertz.

O Brasil não foi dos últimos a travar conhecimento com a radiodifusão, de vez que, no dia 7 de setembro de 1922, era feita a primeira irradiação pela estação SPC do Corcovado, montada pelos engenheiros J. C. Strochel, J. Jonotskoff e Mário Liberalli.

Nos anos seguintes já a sêde de conquista dos povos utilizam o rádio para propaganda política, semeando a discórdia entre as nações.

QUADRO CRONOLÓGICO DA HISTÓRIA DO RÁDIO (III)

1929 — E' transmitida pelo rádio a chegada do capitão Byrd ao Polo Sul. Em novembro do mesmo ano Trotzky utilizou o rádio para anunciar a todos que o govêrno soviético desejava fazer a paz. A voz dum Papa atinge pela primeira vez a América, quando Pio I inaugura o primeiro transmissor do Vaticano.
1930 — A União Soviética foi a única nação que percebeu a potencialidade política do rádio internacional, proclamando em 50 línguas diferentes, que um grande e sagrado ódio devia se devotar ao capitalismo, enchendo o éter de slogans revolucionários.
1931 — A França instala estações emissoras em suas colônias ultramarinas por ocasião da Exposição Internacional.
1932 — A "Hans des Rundfunks", de Berlim, promove o primeiro concêrto de orquestra elétrica.
1933 — O Reich inaugura o serviço de ondas-curtas para os Estados Unidos.

1934 — O professor Roquete Pinto doa a estação da Rádio Sociedade ao Ministério da Educação. A Alemanha faz pelo rádio o pacto de não-agressão com a Polônia.

1935 — A Alemanha inicia suas transmissões especiais para a América Latina como diversão, para em trinta e sete o fazer como motivo político e econômico. Nesse ano o rádio é mobilizado por trás da política do nacional-socialismo. Em compensação Moscou irradia revelações sôbre a vida dos chefes nazistas. Os masculinos amôres de Goebbels eram tema favorito.

1937 — Os italianos pregavam, em linguagem hebraica, que ajudariam os judeus a conseguir a Terra Santa. Os inglêses irradiavam, em árabe, com programas religiosos alusivos ao período de Radamam.

O elo de ligação entre os vários povos do universo foi conseguido por intermédio das ondas-curtas, que veio trazer para o broadcasting uma maior importância. Em maio de 1922, a KDK começou seu programa em ondas-curtas e em outubro do ano seguinte, a General Electric irradiou da WJY Shenectady. No ano de 1923 os ouvintes inglêses tiveram um programa em onda-curta através da estação KDKA, retransmitida em Londres pela primeira vez. Não muito tempo depois Marconi falou por onda-curta da Austrália para o iate "Electra", situado na Inglaterra. A pouca impressão que isso causou na Europa verifica-se pelo fato de que, no verão de 1924, as grandes companhias de rádio se reuniram em Londres para discutir comunicações transatlânticas por intermédio de ondas-longas e ultra-longas. O dr. Conrado, o primeiro técnico que havia experimentado as ondas curtas, trouxera um pequeno aparelho para o seu hotel em Londres e o pôs em conexão com uma vara de pescar, ouvinca fraca mas claramente, vozes a quatro milhas de distância.

No dia seguinte exibiu seu pequeno aparelho numa conferência e deu um golpe de morte nas ondas-longas. Em fevereiro de 1924 o dr. Conrado prestou serviços inestimáveis, eviando mensagens de emergência durante o nevoeiro. Quando o navio canadense "Ártico" fêz sua viagem anual para suprir os postos no norte, manteve suas comunicações com as bases por meio das ondas-curtas. Em outubro do mesmo ano, 62 cidades dos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra eram ligadas pelas ondas-curtas. Entretanto, com a eclosão da segunda guerra mundial, o rádio foi mobilizado, passando a ser as ondas-curtas o meio de comunicação mais eficiente e ao mesmo tempo de propaganda derrotista, difundindo ódio, desconfiança, má-fé. Pelo quadro seguinte podemos verificar o estado do rádio durante a conflagração.

QUADRO CRONOLÓGICO DA HISTÓRIA DO RÁDIO (IV)

1938 — A Itália e a Inglaterra prometem não fazer ataques recíprocos pelo rádio. Paris-Mundial inicia sua irradiação para os Estados Unidos.

1939 — O govêrno francês assume o contrôle da Rádio-Mundial.

1940 — A voz da emissora de Paris era abafada pelas estações da América Latina. No dia 10 de junho, Paris-Mundial evacuava a capital francesa, refugiando-se em Bordéus e os speakers pediam à América tanks e canhões para salvar a França. A Rádio Vichy, no período de colaboração com a Alemanha, lançava temas nazistas tratando de problemas soviéticos. E por fim anunciou que o govêrno do Rio de Janeiro, ludibriado pelos Estados Unidos, declarava guerra ao Reich. A Rádio de Marrocos apoiava o marechal Pétain. A Rádio da Algéria, o almirante Darlan. A Rádio Brassaville atacava o almirante e Pierre Laval apóia Pétain. A Rádio Paris acusava Darlan da traição de Toulon. Em maio dêsse ano, a BBC de Londres dirigia-se para a América do Norte (antes disso nenhum serviço especial tinha havido na BBC). Em 28 de junho De Gaulle anunciava, pela BBC, que o govêrno inglês o reconhecia como chefe, em Londres, do Comitê Nacional Francês e chefe dos franceses livres. Em agôsto, a Rádio Geral da Guerra Mundial recebeu a notícia de que o território de Chad aliava-se à França Livre.

1941 — A BBC lança o V da vitória para as nações ocupadas pela Alemanha. Os australianos chegam à conclusão de que sua aparelhagem era insuficiente e então constroem uma poderosa estação para irradiar para o sudoeste da Ásia, Sul-América e Europa em geral. A Alemanha dispendeu £62.500 em propaganda radiofônica para o Brasil.

1942 — A propaganda japonêsa, pela emissora de Tóquio, contra os Estados Unidos, visava desmoralizar a Austrália e conduzi-la a uma paz em separado. Em agôsto o Japão anuncia a derrota da esquadra americana, reduzindo os Estados Unidos a quarta potência naval do mundo. O "broadcasting" alemão transmitia mensagens em código para a quinta-coluna nos Estados Unidos, sendo, entretanto, a estação receptora capturada pelo Federal Bureau of Investigation. Soloman Abramovich Lozovsky assume a direção de todo o rádio russo.

1943 — Anuncia-se a destruição do exército alemão em Stalingrado e a prisão do general Von Paulus. O Rádio inglês aplicava a combinação dos métodos de Sherlock Holmes e Dr. Sigmund Freud como arma psicológica.

Acabada a guerra as estações emissoras voltaram à sua verdadeira missão: EDUCAR DISTRAINDO.

Os estudos de televisão, que estiveram quase que imobilizados durante a guerra, tomaram um assombroso impulso. Nos Estados Unidos a televisão parece que está dando dores de cabeça ao cinema, devido a facilidade de transmissão de programas interessantes. Já são comuns as irradiações de lutas de box, "shows" e jogos de futebol.

Não faz muito tempo sete artistas da Cômedie Française representaram em Londres, na televisão, a última cena de "Othelo", de Shakespeare.

Por essa razão os produtores cinematográficos já estão sentindo os efeitos da preferência do público pelos programas de televisão, que se tornam frequentes e cada vez melhores. Em Nova York, por exemplo, pode-se assistir, diàriamente, a um programa de "marionettes", que é transmitido de Chicago por via telegráfica. Quem possuir telefone e o aparelho receptor, nada mais precisa fazer do que ligar uma chave e ver na tela, os bonecos representando o seu papel. E' um programa para crianças mas como se trata de uma novidade, e que para ser vista não exige que ninguém saia de casa, tem já seus apreciadores entre os adultos.

A RCA e a General Motors, que são as emprêsas que têm alcançado mais exito no aperfeiçoamento da televisão, estão trabalhando intensamente para melhorar a transmissão em tecnicolor.

Consultando as últimas estatísticas sôbre o impulso da televisão na América do Norte verificamos que foram vendidos 2.954 aparelhos receptores, no decorrer do ano de 1949. Êsse total representa mais do que o duplo dos aparelhos vendidos em 1948.

Ao todo existem 92 estações transmissoras, segundo a estatística mais recente, e êsse número está sempre aumentando. Quanto às vendas de aparelhos de rádio temos no ano de 1949 (7.956.000 aparelhos vendidos para uso doméstico e 3.964.000 para automóveis.

No fim do ano de 49 estavam em uso 88.964.000 aparelhos de rádio e de televisão, de todos os tipos. Na França, apesar de a guerra ter influido poderosamente na sua indústria de maquinaria, a televisão está dando os seus passos firmes e longos.

Na América do Sul o Brasil será o primeiro país a conhecer as imagens dentro de casa pelo arrôjo do dinâmico Chateaubriand, que tem dado um pouco do seu entusiasmo à causa do nosso rádio.

Os transmissores estão já sendo montados e a direção das "Associadas" tomam as providências necessárias como seja a aquisição de caminhões para o transporte de material bem assim como a instalação de estações receptoras dentro dos mesmos.

Para a direção artística da televisão brasileira já foi contratado conhecido patrício que vinha emprestando os seus serviços ao cinema, televisão e rádio americanos.

O Brasil passará, assim, a vanguardeiro da televisão dentre as nações sul-americanas. E' assim o rádio que, com a velocidade da luz, leva a voz humana sete vêzes ao mundo num segundo. Fala tôdas as línguas a tôdas as classes. Vai ao soldado na fronteira, ao polícia estacionado na esquina da cidade e às massas anônimas. Mas não temos dúvidas de que o espírito aventureiro do homem, desejoso de novas conquistas, que é ,afinal, sua razão de ser, não ficará na televisão. Como repetindo um lugar comum perguntamos: Que nos reserva o futuro no campo do rádio?

"VOLTEM NA PRÓXIMA SEMANA"!

ALEX VIANY

SE alguém dissesse que o mundo está vendo um mesmo filme há trinta-e-sete anos, certamente seria considerado um crítico por demais severo. Entretanto, sem crítica nem nada, essa é a pura verdade. Há trinta-e-sete anos, precisamente, o mundo viu o primeiro dos chamados filmes-em-série, "As Aventuras de Catarina", estrelado por Kathlyn Williams. Antes, os estúdios de Edison tinham realizado uma série de filmes, chamada "O Que Aconteceu a Mary", mas cada episódio contava uma aventura completa e independente, no estilo dos atuais filmes de Charlie Chan ou de Tarzan. Os franceses, também, merecem crédito por uma série similar, baseada nas aventuras de "Nick Carter", assim como por outra chamada "Fantômas", decalcada nas novelas de Marcel Allain e Emil Souvestre. Mais tarde, aí por 1920, o cinema americano aproveitou as mesmas novelas para uma verdadeira maratona em vinte episódios, onde a heroína, Edna Murphy, debatia-se entre os valentes Johnny Walker e Edward Roseman.

Quando se fala nesses nomes e nesses filmes perto dos papais, somos geralmente obrigados a ouvir inúmeras recordações saudosas, quase sempre de natureza romântica. Os filmes-em-séries estão de tal maneira ligados à história das últimas gerações que jamais podemos recordar a infância e a mocidade sem recorrer às lembranças deixadas, direta ou indiretamente, por essa estranha espécie de diversão.

Mamãe, por exemplo, pertence à primeira geração cinematográfica. Raras são as recordações de sua mocidade independentes do cinema em infância. Dela, muito tenho ouvido do período em que a nobre arte engatinhava pelas telas do mundo.

— "Ora, — costuma dizer — os filmes-em-série de hoje não são como os de meu tempo". — E, logo, vêm as recordações, com disfarçados suspiros: — "Lembro-me especialmente de um, chamado "A Rapariga Misteriosa", que vi quando namorava o seu pai".

Os fãs veteranos têm gratas recordações de Pearl White, a primeira rainha dos filmes seriados. Foi ela a heroína dos inesquecíveis "Perigos de Paulina" e "Aventuras de Elaine". E, a seu lado, numa aventura posterior, metido em calças apertadas e ostentando um chapéu de palha de marinheiro, estava um jovem e promissor artista de nome Warren William.

"As Aventuras de Catarina" data de 1913, e, de um ano mais tarde o reinado de Pearl White.

Heroínas têm vindo, heroínas têm ido, mas a fórmula usada nos filmes-em-série é a mesma que consagrou Pearl e Kathlyn e suas sucessoras.

O filme tem, geralmente, de doze a quinze episódios, cada um em duas partes. O herói, ou heroína, termina sempre um episódio nas mãos do sinistro vilão ou enfrentando um perigo realmente intransponível. Aparece um letreiro na tela: "Que acontecerá a Mary? Conseguirá Peter, o Destemido, escapar das Garras do Dragão?". E, depois, a mesma frase de há trinta-e-um anos atrás: "Voltem na próxima semana!"

Passada a novidade dos primeiros momentos, o principal problema dos pioneiros cineastas era fazer os fãs voltarem às salas de exibição, pouquíssimas então, que mostravam os pequenos e defeituosos celulóides daquele tempo. O cinema-diversão existia há apenas dez anos, desde quando o mesmo Edison produzira o primeiro filme com enrêdo, "Tre Great Train Robbery", em 1903. O público estava por demais habituado com o teatro para que o abandonasse, de um momento para outro, por uma coisa que, no dizer da maioria, não passava de "mania passageira". Era preciso fazer com que o público voltasse, sempre e sempre, às salas cinematográficas, por um meio que despertasse a sua atenção e, principalmente, a sua curiosidade.

Edison tentara, com algum resultado, interessar seus fregueses com "O Que Aconteceu a Mary", mas era preciso uma coisa ainda mais fascinante para interessar àquele público não habituado com as maravilhas — então bem relativas — da arte das sombras. Foi quando um grupo de homens espertos fêz "As Aventuras de Catarina", lançando o "grande e sensacional espetáculo" com o mesmo furor que precedeu, há tempos, "...E o Vento Levou" ou "Por Quem os Sinos Dobram". "The Chicago Tribune" ajudou, em muito, a propaganda com a publicação da história, em folhetim, enquanto o filme era exibido nos melhores cinemas da cidade do vento. Aqui no Brasil, o mesmo aconteceu com muitos filmes-em-série, que tiveram suas histórias publicadas, como grande novidades, nos jornais mais respeitáveis.

O sucesso dos filmes-em-série estava assegurado. O público que os prestigiava era, sem dúvida, o mesmo que disputava, nas livrarias e bancas de jornais, as emocionantes aventuras de Sherlock Holmes, Nick Carter, Raffles ou Buffalo Bill. Mas até mesmo os intelectuais, que, como Rui Barbosa, não se envergonhavam de ler as atribulações dêsses heróis, prestigiavam a novel forma de divertimento. Na França, como dizem Maurice Bardèche e Robert Brasillach em "A History of Motion Pictures", "As Aventuras de Elaine" e outros pioneiros dos filmes-em-série ensinaram novos horrores aos ascendentes da atual geração cinematográfica. "Na França — diz o livro citado — "As Aventuras de Elaine", adaptadas por Pierre Decourcelle como "Les Mystères de New York", foram publicadas em "Le Matin", a começar de outubro de 1915, com o acompanhamento de enorme publicidade."

"Os franceses — continua o livro — ficaram deliciados, ainda que um pouco espantados, com a perspicácia de *les Americains* ao inventar dores-de-cabeça para as principais personagens dos dramas seriados. Parecendo-lhes tôlas as aventuras ordinárias, os americanos enchiam também os seus seriados com as mais extraordinárias catástrofes: trens caindo em rios caudalosos, automóveis se espatifando uns contra outros — e o cinema se tornou um feliz campo de ação para atletas e acrobatas."

Como se vê, nada de novo há nos filmes-em-série de hoje. Os fãs já estão fartos de saber que nada de mau ou de irremediável pode acontecer aos que estão do lado da lei, seja a ação passada no *bas-fonds* de Nova York, nas selvas africanas, no bairro chinês, no *far-west* ou em algum planeta longínquo. Mas, ainda assim, gerações e mais gerações continuam a esperar, com curiosidade e ânsia, o episódio da *próxima semana*.

Os fãs que já deixaram atrás a adolescência não podem recordar Ruth Roland sem um calafrio nostálgico. "O Tigre Sagrado" e outras sensacionais aventuras a conservaram, durante muito tempo, nos calcanhares de Pearl White.

Os franceses continuaram a produzir filmes-em-série mais quiseram dar a tais espetáculos sentido mais puramente dramático, mais "água-com-açúcar", e acabaram perdendo para os americanos, que preferiam a ação violenta, impossível, ação que se tornou marca registrada dos filmes americanos e que se vem mantendo quase inalterada até hoje.

A curiosidade sempre foi um dos elementos básicos da natureza humana. Isso, aliado ao constante desafio lançado à argúcia dos fãs, obrigavá-os a voltar, sempre e sempre, constituindo, talvez, as primeiras platéias fixas que o cinema teve em sua infância. Os filmes-em-série, assim como os chamados filmes policiais, são heranças permanentes e intermináveis, que ainda estarão com os fãs daqui a cem anos. A razão disso vem desde os mistérios da Bíblia, passando pelo mistério dos mágicos, dos alquimistas e das bruxas, até chegar ao moderno reinado de Ellery Queen, Agatha Christie e Rex Stout.

Quem, dos fans saudosistas, não se lembra de "O Mestre do Mistério", com o verdadeiro mestre do mistério, Harry Houdini? Títulos como "O Ídolo do Circo", com Eddie Polo, o popularíssimo Roló: "O Garra de Ferro", "O Navio Fantasma", "A Moeda Quebrada", com Francis Ford — despertam sempre suspiros sinceros dos fãs que viram o cinema nascer e crescer.

Primeiro, os filmes-em-série eram a maior atração das poucas salas de exibição. E as "mocinhas" valentes eram tão comuns quanto os heróis forçudos, bem capazes de arrancar árvores inteiras, com raízes e tudo. Eram muitos os nomes com o poder de atrair os fãs — Fred Jones, Pearl White, Francis Ford, Ruth Roland, Helen Holmes, Charles Hutchins, Kathlyn Williams, Marguerite Snow, Anita Stewart, Juanita Hansen e Florence La Badie são apenas alguns, e, como é evidente, as mulheres eram tão cotadas como os homens.

Depois, relegada para os segundos exibidores, para os cinemas de subúrbios e de cidades pequenas, essa curiosa forma de divertimento foi descurada pelos grandes produtores. E as famosas heroínas do passado deram lugar aos violentos heróis das vésperas do cinema falado — quando as "mocinhas' só eram colocadas nos filmes apenas para beijar o herói no último episódio.

O Rio teve momentos de emoção quando por aqui passaram Art Accord, Louise Lorraine e Eddie Polo. Art, cuja vida terminou em suicídio, dominou as telas de todo o mundo de 1920 a 1925. Seu primeiro filme-em-série, "Cavaleiros da Lua", com Mildred Moore, foi um legítimo sucesso. Depois, vieram "As Opalas do Crime", "Conquistadores do Oeste", "Buffalo Bill" e "Na Trilha do Oregon", êste com Louise Lorraine, sua companheira em diversos daqueles saudosos dramas em dois atos.

Com o suicídio de Art Accord, o nome de William Desmond passou a ser o favorito da garotada de todo o mundo. Êle foi, na verdade, o primeiro artista a me conquistar as simpatias com suas rocambolescas aventuras em "Cavaleiro das Sombras", cuja heroína era a linda — pelo menos, assim me parecia — Eileen Sedgwyck. Depois, quando eu ainda não me refizera das emoções de tão abrupta estréia cinematográfica, eis que volta William Desmond em "Perigos do Yukon", com a popularíssima Laura LaPlante, também a sua heroína em "A Volta ao Mundo em Dezoito Dias". Daquele tempo, restam ainda lembranças confusas, mas bem me recordo do terror que me inspirou "O Braço Amarelo", onde Warner Oland lançava a pedra fundamental de suas aventuras como Fu-Manchu e Charlie Chan. A meus primeiros amigos veio juntar-se, então, o acrobático Richard Talmadge, o Douglas Fairbanks dos filmes-em-série, e o façanhudo Tarzan, representado por diversos atletas de fama.

Cito alguns dêsses filmes graças a um generoso arquivo. Lembro-me de muitos dos artistas mas apenas de poucos títulos. Não consigo esquecer-me, entretanto, de muita coisa que aconteceu em relação aos filmes-em-série, quando, no subúrbio em que morava, pertencia à turma dos bons garotos, ou "garotos de família", facção oposta à "turcalhada", malta de meninos travêssos e irreverentes, rebentos dos emigrantes sírios, armênios e turcos do local, que derrotaria a turma dos *Dead End Kids* sem pestanejar. Éramos "inimigos" irreconciliáveis

(*Cont. na pág.* 78)



ANSELMO DUARTE (Foto Avila)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Anselmo Duarte.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Salto de Itu, Estado de São Paulo.
DATA	— 21 de abril de 1920 (30 anos).
ESTADO CIVIL	— Solteiro.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Cinema.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Perito contador e redator do "Observador Econômico e Financeiro".
FILME DE ESTRÉIA	— "Querida Suzana".
FILMES PRINCIPAIS	— "Terra violenta", "Caçula do barulho", "Não me digas adeus", "Pinguinho de gente", "Carnaval no fogo".
SALARIO	— Dez mil cruzeiros mensais e quarenta mil por filme.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Estúdios da Atlantida, rua Visconde do Rio Branco, Rio.

HISTÓRICO

PODE-SE mesmo dizer que Anselmo Duarte fêz do próprio cinema nacional a sua escola. Em meia dúzia de filmes, nota-se perfeitamente o seu avanço, a sua crescente melhora, revelando-se cada vez mais seguro de si mesmo, tornando-se, hoje em dia, um dos melhores galãs do nosso cinema. Na vida real Anselmo é um bom companheiro, amável, delicado, solícito, sem essa "máscara" que caracteriza grande parte de nossos artistas. Ao contrário, Anselmo é simples, brincalhão e gosta de boas pilhérias. Tem 1 metro e 85 de altura, cabelos e olhos escuros. Mora em Laranjeiras, na rua Alegrete — se ainda não mudou. E' muito branco, não gosta de praia sob o pretêxto de que "não tenho tempo para essas coisas...". Adora o sexo frágil, mas até agora não se comprometeu com nenhuma pequena. Gosta de vida noturna e raramente dorme cedo. No cinema, estuda com vontade e gôsto os papéis que lhe são confiados e nunca se aborrece quando o diretor lhe chama a atenção e lhe pede para repetir a cena, pois faz questão que o seu trabalho saia o melhor possível. Gosta de ler as críticas a seu respeito, favoráveis e desfavoráveis, a fim de corrigir os erros que porventura tenha, em seus próximos filmes. Tem facilidade em fazer amizades. Está terminando "a sombra da outra", de Watson Macedo, e vai rodar muito breve "Tapera maldita", de José Carlos Burle. Se alguma fã desejar um autógrafo seu, poderá encontrá-lo, quase que diàriamente, no Bar Bonfim, em Copacabana... depois de meia-noite.



MAUREEN O' HARA (Foto Fox)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Maureen FitzSimons Price.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Dublin, Irlanda.
DATA	— 17 de agôsto de 1920 (30 anos).
ESTADO CIVIL	— Casada com Will Price desde 29 de dezembro de 1940.
FILHOS	— Uma menina, Bronwyn, de 6 anos de idade.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Festivais de colégio, aos 17 anos.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Estudante.
FILME DE ESTRÉIA	— "Jamaica Inn", em 1938.
FILMES PRINCIPAIS	— "O corcunda de Notre Dame", "Como era verde o meu vale", "O cisne negro", "Conflito sentimental", "A professôra" se diverte", "Sinbad o marujo", "O segrêdo de uma mulher", "Rua proibida", etc.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— 20th Century-Fox Studios e R.K.O. Radio — Hollywood, California, U.S.A.

HISTÓRICO

MAUREEN O'HARA, ruíva de olhos castanhos, é uma pequena de beleza rara. Traços delicados, mais parece uma bonequinha de porcelana japonêsa. Aos cinco anos de idade enfrentou pela primeira vez uma platéia, recitando um poema durante um intervalo entre dois atos de uma peça teatral, no colégio. Imediatamente, os amigos da família alertaram sua mãe de que devia treinar o talento dramático da filha. Positivamente, ela tinha herdado o talento de sua mãe, Rita FizSimons, atriz teatral. Aos 12 anos Maureen recebia o seu primeiro pagamento, por uma audição no rádio. Aos 14 anos foi aplaudida por seu trabalho no famoso Burke Dramatic School. Aos 17 anos recebeu prêmios, certificados de honra e medalhas. Aos 18 anos foi convidada para um teste cinematográfico em Londres. Conversou com Charles Laughton, que muito se interessou por ela. Sua progenitora, no entanto, tentou afastá-la do cinema, mas dias mais tarde ela era incluída no "cast" de "Jamaica Inn", com um contrato da Mayflower Pictures. Logo após foi convidada pela R.K.O. para figurar em "O Corcunda de Notre Dame", e sua carreira na América estava iniciada, conseguindo contrato em duas companhias, simultâneamente: R.K.O. e Fox. Casou-se e é feliz. Gosta de ler e dar longos passeios, não se interessa por "night-clubs", nem festas, nem gosta de fumar.



BURT LANCASTER (Foto Paramount)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Burton Stephen Lancaster.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Nova York.
DATA	— 2 de novembro de 1913 (36 anos).
ESTADO CIVIL	— Casado com Norma Anderson, que conheceu na Itália, quando ela divertia naquele setor as tropas de Tio Sam.
FILHOS	— Bill e Jim.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Acrobata de circo.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Chofer de caminhão vendedor e corretor de apólices.
FILME DE ESTRÉIA	— "Assassinos".
FILMES PRINCIPAIS	— "A filha da pecadora", "Estranha fascinação", "Brutalidade", "A vida por um fio", "Zona proibida" (inédito).
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Paramount Pictures, Hollywood, California, U.S.A.

HISTÓRICO

COM apenas um filme, Burt Lancaster tornou-se um dos mais populares galãs da atualidade. Forte, musculoso, simpático, teve, além do mais, a felicidade de ser dirigido por um dos melhores diretores do atual cinema americano: Robert Siodmak. Daí em diante sua carreira ficou confirmada definitivamente. E embora apareça num ou noutro filme medíocre, tem tido boas oportunidades que tem sabido aproveitar. Serviu cinco anos no famoso 5º Exército, na Itália e na Austria. Foi uma das maiores figuras dos **teams** escolares de basquete do seu tempo de estudante. Sendo um dos mais perfeitos atletas da Universidade, começou a aperfeiçoar-se no departamento de cultura física e se interessou pela acrobacia, tornando-se mais tarde acrobata do circo dos Irmãos Kay. Foi descoberto casualmente por um agente teatral, quando subiam ambos o elevador de um edifício. Foi contratado para atuar na Broadway foi um passo. E o resto vocês estão fartos de saber. Principalmente vocês, meninas.



GAIL RUSSEL (Foto Metro)

FICHÁRIO

NOME VERDADEIRO — Gail Russell.

LOCAL DE NASCIMENTO — Chicago, Illinois.

DATA — 24 de setembro de 1924 (25 anos)

ESTADO CIVIL — Solteira.

ESTRÉIA ARTISTICA — Cinema.

PROFISSÃO ANTERIOR — Estudante.

FILME DE ESTRÉIA — "Um Romeu a prêmio"

FILMES PRINCIPAIS — "A mulher que não sabia amar", "O solar das almas perdidas", "Corações em flor", "A noite tem mil olhos", "Ao cair da noite".

CORRESPONDÊNCIA PARA — Paramount Studios, Hollywood, California, U.S.A.

HISTÓRICO

GAIL RUSSELL é uma das pequenas mais meigas, mais dóceis e mais delicadas da tela. Tem 1 metro e 62 de altura e pesa 49 quilos, com cabelos pretos e olhos azuis.

Nunca havia pensado em cinema, embora fôsse fã ardorosa dos artistas e especialmente de Ginger Rogers, com quem veio a contracenar, mais tarde, em "A mulher que não sabia amar", e nem ela mesma sabe explicar como tudo isso aconteceu. E' uma moça simples, discreta e não gosta de falar muito nas ocorrências do estúdio, para que não a tomem por pedante. Mantém as mesmas amizades que mantinha antes de ingressar no cinema e em nada modificou o seu temperamento. Fora da tela Gail Russell gosta muito de pintar e fazer retratos, estando sempre acompanhada de seu cachorro, Hank. Tem um ótimo caráter com ligeiros traços de humorismo dentro de sua aparente reserva ou timidez. Possui um pequeno apartamento em Beverly Hills. Quase tôdas as noites vai a um cinema do bairro e regressa cedo para dormir. Edgar Allan Poe é seu poeta favorito e a poesia é sua leitura predileta. Não gosta de "jitterbug". E com tanta beleza e tantos predicados muito nos admira que ainda não tenha casado. Salvo se o seu romance com Guy Madison deu em alguma coisa — pois Gail havia declarado que não tinha pressa, pois a sua vida no lar era formidável.



ELIZABETH TAYLOR

(Foto Metro)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Elizabeth Taylor.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Londres, Inglaterra.
DATA	— 27 de fevereiro de 1932 (18 anos).
ESTADO CIVIL	— Casou-se a 6 de maio de 1949 com Conrad Hilton Jr.
FILHOS	— Não.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— No cinema.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Estudante.
FILME DE ESTRÉIA	— "A fôrça do coração", em 1942.
FILMES PRINCIPAIS	— "Evocação", "Jane Eyre", "A mocidade é assim mesmo", "Nossa vida com papai", "Travessuras de Júlia", "O príncipe encantado", "Quatro destinos" e "Traidor"; "The Big Hangover" e "Father of the Bride" (inéditos).
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California, U.S.A.

HISTÓRICO

ELIZABETH TAYLOR, que no cinema é simplesmente uma menina bonita, de cabelos bem pretos e olhos bem azuis, de decotes bem tentadores, de pele bem alva e bem etcetera, na vida real é tudo isso e mais alguma coisa. Aliás foi. Sim, porque Elizabeth Taylor, sem exagêro, aos 18 anos de idade fazia concorrência a Lana Turner, Ava Gardner, Wanda Hendrix, Rita Hayworth e outras "mulheres fatais" da terra do cinema. Depois de desmanchar três noivados, Elizabeth casou-se com Conrad Hilton Jr., filho de um conhecido magnata de hotéis que, entre outros, controla o famoso Waldorf Astoria de Nova York. Em pequena, os pais de Elizabeth não desejaram influenciá-la na escolha de uma carreira e bem cedo demonstrou seu desejo de ser bailarina, tendo estudado "ballet" com Vacini, professor de duas gerações da realeza britânica. Aos 10 anos já figurava em seu primeiro filme, aos 16 tinha seu primeiro **flirt**, aos 17 já era assunto dos mexeriqueiros, aos 18 já é "madame" — e muito nos arriscamos em prognosticar o que será aos 19. Elzie (como a chama seu marido) adora animais; já teve coelho, tartarugas, corujas, patos, micos, cães, gatos — e já escreveu mresmo um livro sôbre uma das suas mascotes preferidas, intitulado "Nibbles and Me". Pratica a natação. Como distrações favoritas estão o andar a cavalo e o "tiro aos patos". Toca piano e possui boa voz. Gosta de escultura e pintura a óleo. 1 metro e 67 de altura e 54 quilos de pêso.



SAINT-CLAIR LOPES (Foto Avila)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Saint-Clair da Cunha Lopes.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Distrito Federal.
DATA	— 6 de dezembro de 1906 (43 anos).
CARGO QUE EXERCE	— Locutor, rádio-ator e assistente geral da administração.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Advogado.
ESTADO CIVIL	— Casado.
FILHOS	— Um: Ney da Silva Lopes, de 19 anos de idade.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— Na Rádio Educadora do Brasil (hoje Tamoio), em 1936.
PROGRAMAS ATUAIS	— Vários.
FILMES	— "Araila", de Humberto Mauro, e "Asas do Brasil", versão de Roulien e Moacir Fenelon.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Rádio Nacional, praça Mauá, 7 — Edifício de "A Noite", 22.° andar.

HISTÓRICO

SAINT-CLAIR LOPES é um dos mais completos e mais cultos locutores do "broadcasting" carioca. Antes de ingressar na Nacional, em 39, atuou na Guanabara, Transmissora e Tamoio. Ingressou no rádio por talento, e não por pistolão, vencendo um concurso para locutores instituído por Renato Murce, no qual se inscreveu, juntamente com Ary Barroso. Saint-Clair obteve o segundo lugar. Tais foram os elogios que ouviu, não só em relação à sua dicção e à sua voz, como ao seu desembaraço, que criou o "Original Programa", na Educadora, que durou 6 meses, integrando depois o seu quadro de locutores. Em 47, foi aos Estados Unidos, como representante e correspondente da Rádio Nacional, "A Noite" e "A Manhã", nas Nações Unidas, reunidas em Assembléia Geral em Nova York. Foi comentarista durante três meses. Mais tarde foi à Argentina, como delegado-chefe da representação da A.B.R. na 1ª Assembléia Geral da Associação Interamericana de Rádiodifusão, em 48. Nesse mesmo ano compareceu à Conferência Internacional de Rádiodifusão por Altas Frequências, que durou de outubro a abril de 49, tendo oportunidade de conhecer Miami, Houston, Havana, México, regressando a Nova York, de onde voltou ao Brasil. E' oficial do Exército, capitão de Infantaria, tendo sido convocado durante a guerra, duas vêzes. Em onze anos na Rádio Nacional foi conquistando os postos mais altos, pouco mais podendo alcançar. Seu maior desejo é desenvolver a sua banca de advogado, especializando-se em assuntos de rádio, se possível.



OLIVINHA CARVALHO

(Foto Halfeld)

FICHÁRIO:

NOME VERDADEIRO — Olívia Corvacho.

LOCAL DE NASCIMENTO — Distrito Federal.

DATA — 30 de março de 1930 (20 anos).

ESTADO CIVIL — Solteira.

CARGO QUE EXERCE — Cantora.

ESTRÉIA ARTÍSTICA — Em 1935, aos 5 anos de idade, na Rádio Cajuti hoje Vera Cruz.

PROGRAMAS ATUAIS — "Mosaicos de Portugal", às quartas-feiras.

FILMES — "Pif-Paf", "Eu quero é movimento", "Esta é fina", "Fogo na cangica".

CORRESPONDÊNCIA PARA — Rádio Guanabara, Edifício Darke, avenida 13 de Maio, Sala 910, Rio.

HISTÓRICO

OLIVINHA CARVALHO tem 1 metro e 50 de altura e pesa 44 quilos. A maior emoção de sua carreira foi quando ganhou um chale do sr. embaixador de Portugal, dr. Pedro Teotônio Pereira, atualmente em Washington, e a segunda quando êsse diplomata lhe concedeu o título de "Rainha do Fado no Brasil". Tem olhos e cabelos castanhos. Seu tipo ideal deverá ser "alto, moreno e simpático". Gosta de cinema e de boa leitura. Sua maior aspiração é ir a Portugal e comprar uma casa. Pretende casar-se e abandonar a carreira artística, pois pretende viver exclusivamente para o lar. Mas até agora não deu mostras de se ter apaixonado por ninguém. Acha que falta ao rádio brasileiro um pouco mais de coleguismo e sinceridade, e no dia em que isto acontecer desaparecerão todos os seus defeitos. Crê que o seu sucesso se deve ao estímulo de seus pais e dos seus fãs — e um pouquinho de valor. Olivinha vive com seus pais, Antônio e Zulmira Corvacho, e com sua irmã Idalina. Já cantou em "shows", "boites", tomou parte em peças de teatro, filmes nacionais, vindo a radicar-se definitivamente no rádio. Sua maior decepção é cantar em apenas um programa, na emissora onde se acha contratada.



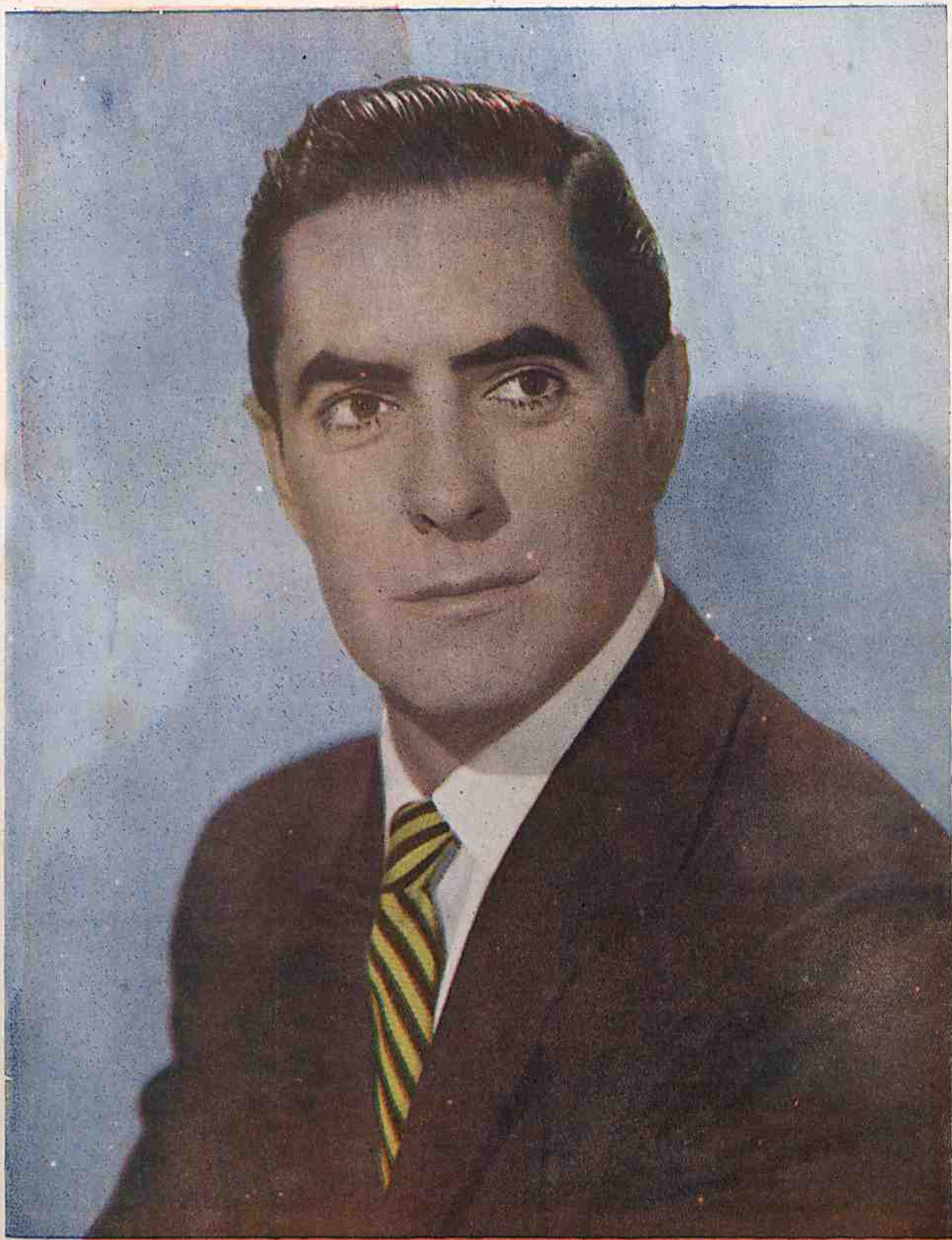
TONIA CARRERO (Foto Avila)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Maria Antonieta Thiré.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Rio de Janeiro.
IDADE	— (26 anos).
ESTADO CIVIL	— Casada com o desenhista Carlos Thiré.
FILHOS	— Um garoto, de nome Cecil, de 7 anos.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— No cinema.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Professôra de ginástica rítmica.
FILME DE ESTRÉIA	— "Querida Suzana". "Caminhos do sul" e "Quando a noite acaba".
SALARIO	— 50.000 cruzeiros em "Quando a noite acaba".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Teatro Copacabana, avenida Copacabana, 291, Rio.

HISTÓRICO

TÔNIA CARRERO, em pouco tempo, conseguiu um lugar de bastante destaque em nosso meio artístico, tanto no cinema como no teatro. Em "Caminhos do sul", sua segunda película, Tônia chamou a atenção, vindo a revelar-se definitivamente em "Quando a noite acaba". Fêz sua estréia no teatro na peça "Uum deus dormiu lá em casa", ganhando o prêmio de "a maior revelação do ano". Tônia tem um tipo "diferente", que muito se presta ao cinema, embora prefira, atualmente, "praticar" no teatro. E' morena, queimada de praia, bonita, simpática e atraente, tal como a vemos na tela ou no palco. Sua segunda peça no teatro foi "Amanhã, se não chover", entrando a seguir em "Helena fechou a porta". O interessante é que no teatro Tônia revelou-se uma ótima comediante, sendo que no cinema nos deu uma boa atriz dramática. Seu próximo filme para Fernando de Barros será "O passado volta sempre". Tônia estuda teatro, dicção e "ballet". Estreará em setembro no Teatro da Cultura Artística, em S. Paulo. "Acorrentados", de Eugene O'Neill, será uma de suas próximas peças dramáticas no teatro e sôbre ela nos disse a "estrêla": "Apavora-me e me seduz; sinto que essa peça será um passo decisivo na minha carreira teatral"



TYRONE POWER (Foto Fox)

FICHÁRIO

NOME VERDADEIRO	— Tyrone Power.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Cincinnati, Ohio.
DATA	— 5 de maio de 1914 (36 anos).
ESTADO CIVIL	— Divorciado de Annabela e casado com Linda Christian desde 1949.
FILHOS	— Não.
ESTRÉIA ARTISTICA	— No teatro, na peça "La Golondrina", aos 9 anos de idade.
FILME DE ESTRÉIA	— "Dormitório de moças", em 1936.
FILMES PRINCIPAIS	— "Lloyds de Londres", "Maria Antonieta", "Epopéia do Jazz", "Suez", "Jesse James", "A marca do Zorro", "Sangue e areia", "O fio da navalha", etc.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— 20th Century-Fox Studios, Hollywood, California, U.S.A.

HISTÓRICO

TYRONE POWER está no cinema há precisamente 14 anos, e desde o seu ingresso, em 1936, vem mantendo um pôsto destacado entre os "ases" da bilheteria. Tendo iniciado em comédias leves e românticas, foi, a pouco e pouco, pegando papéis de maior responsabilidade, revelando seu talento dramático. Em 1931, aos 17 anos de idade, foi graduado, tendo estudado nos seguintes lugares: "Sisters of Mercy Academy", "St. Xavier Academy" e "Purcell High School", em sua terra natal. Em 1939, no dia 23 de abril, casou-se com Annabela, depois de um longo e pitoresco romance, iniciado aqui mesmo no Rio de Janeiro, na romântica ilha de Paquetá. O casamento ia muito feliz, até o dia em que Tyrone ingressou no serviço militar, no dia 24 de agôsto de 1942. A separação parece que esfriou o amor. Tyrone entrou para a Marinha de Guerra, como oficial, candidato ao pôsto de 2º tenente. Sua área de serviço abrangeu as zonas centrais e do sul do Pacífico, tendo feito estágios em Kwajalein, Saipan e Kyushu. Regressou aos Estados Unidos em novembro de 45. Em janeiro de 46 era promovido a 1º tenente, quando deu baixa. Tyrone regressou ao lar, mas as coisas não iam lá tão côr-de-rosa como antes. Voltou aos estúdios da Fox, onde firmou novo contrato, mantendo o mesmo pôsto antigo de "astro" de primeira grandeza. Fêz nova viagem ao Rio de Janeiro, não sendo muito bem recebido pela imprensa. Regressou a Hollywood, flirtou com várias "estrêlas", inclusive Lana Turner e Linda Christian, com quem veio a casar-se em Roma, sendo um dos mais espetaculares casamentos da tela. Tem um metro e oitenta e cinco de altura, pesa 78 quilos, tem cabelos e olhos castanho-escuros. Pelo jeito, sua espôsa espera a cegonha para muito breve.



JOHN GARFIELD (Foto Warner)

FICHARIO :

NOME VERDADEIRO	— John Garfield.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Nova York.
DATA	— 4 de março de 1913 (37 anos).
ESTADO CIVIL	— Casado com Roberta Mann, desde 1934.
FILHOS	— Dois: David, de 4 anos, e Julia, de 2. A mais velha, Katherine, faleceu em 1945, com 5 anos.
ESTRÉIA ARTISTICA	— No teatro, na Companhia de Eva Le Gallienne, fazendo "pontas".
PROFISSÃO ANTERIOR	— Não fazia nada. Era delinquente juvenil.
FILME DE ESTRÉIA	— "Quatro filhas".
FILMES PRINCIPAIS	— "Uma luz nas trevas", "A luz é para todos", "Corpo e alma", "Acordes do coração", "A fôrça do mal", "Resgate de sangue".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Hollywood, California, U.S.A.

HISTÓRICO

MUITA gente ficará surprêsa ao saber que John Garfield, que hoje é um verdadeiro ídolo do público, admirado e aplaudido por todos, já foi um delinquente juvenil, indo parar num reformatório. Angelo Patri, diretor da Escola Correcional, se interessou por êle e, após captar sua amizade, despertou seu interêsse para debates. Garfield entusiasmou-se e descobriu então sua vocação para o palco. Assim que saiu do reformatório, ingressou num curso de arte dramática, obtendo uma bolsa de estudos. Para se manter, vendia jornais, independente de uma mesada de 20 dólares que Angelo Patri lhe dava do próprio bolso. Chegou a Broadway na peça "Conselor at Law", de Elmer Rice, tendo lutado com dificuldades durante cinco anos para obter sucesso no teatro. Mas conquistou Hollywood da noite para o dia. Gosta de interpretar "gangsters" no cinema, mas na vida real é um indivíduo muito educado e amigo de todos. Não será exagêro dizermos que Garfield é um dos grandes atores de Hollywood, e seu filme "Corpo e alma", que êle considera o melhor de sua carreira, bem o comprova. Em sua última película — "Under My Skin" — da Fox, êle representa um jóquei, sob a direção de Negulesco. Pretende comprar um rancho em S. Fernando Valley



BETTY GRABLE (Foto Fox)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Elizabeth Grable.
LOCAL DE NASCIMENTO	— St. Louis, Missouri.
IDADE	— 33 anos.
ESTADO CIVIL	— Divorciada de Jackie Coogan, em 1939, e casada pela segunda vez com Harry James, desde 1943.
FILHOS	— Duas meninas: Vickie, de 5 anos, e Jessie James, de 3.
ESTRÊIA ARTISTICA	— Teatro.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Não tinha. Dança desde criança.
FILME DE ESTRÊIA	— "Let's go Places".
FILMES PRINCIPAIS	— "Down Argentine Way", "Tin Pan Alley", "A Yank in the RAF", "Springtime in the Rockies", "Coney Island", "Pin-Up Girl", "As irmãs Dolly", "E os anos passaram...", "A condessa se rende", "Essa loura é um demônio".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Twentieth Century Fox Studios Hollywood, California, U.S.A.

HISTÓRICO

SÒMENTE durante a guerra quando pegou a mania de "pin-up" foi que Betty Grable passou a ser famosa pelo seu corpo, porque antes sua popularidade era devida aos seus cabelos louros, olhos azuis e à simpatia que irradiava. E' uma das raras atrizes que não faz dieta e prefere o lar ao cinema. Depois de casada inseriu uma cláusula no seu novo contrato com a Fox para só fazer um filme por ano. E' uma das melhores amazonas de Hollywood e espera fazer um filme no qual possa cavalgar. Também é uma grande patinadora, e os magnatas pensaram em fazer um filme onde ela pudesse fazer uso de sua popularidade. Apesar de trabalhar no cinema desde 1930, só obteve realmente popularidade depois que trabalhou na Broadway em "DuBarry Was a Lady", que lhe valeu um contrato de longa duração com a Fox, que a elevou imediatamente à categoria de "estrêla" de primeira grandeza. E' uma trabalhadora infatigável e coopera com a melhor boa vontade possível com os seus companheiros sem as indefectíveis crises temperamentais dos grandes cartazes. No que diz respeito à sua carreira ela costuma dizer que os graúdos dos estúdios são mais sabidos do que ela e deixa por conta dêles a escolha de papéis e filmes. O público no momento só parece ter olhos para as pernas de Betty e esquece que ela também tem uma boa voz. Tal fato não passa desapercebido pelos técnicos de som, que costumam dizer que sua voz tem um ajustamento natural, uma faculdade tal que dispensa parte do cuidado técnico para controlar a voz. Êsse fato é muito incomum pois que muitas belas vozes que ouvimos no cinema se devem principalmente ao pessoal que trabalha atrás das câmeras.



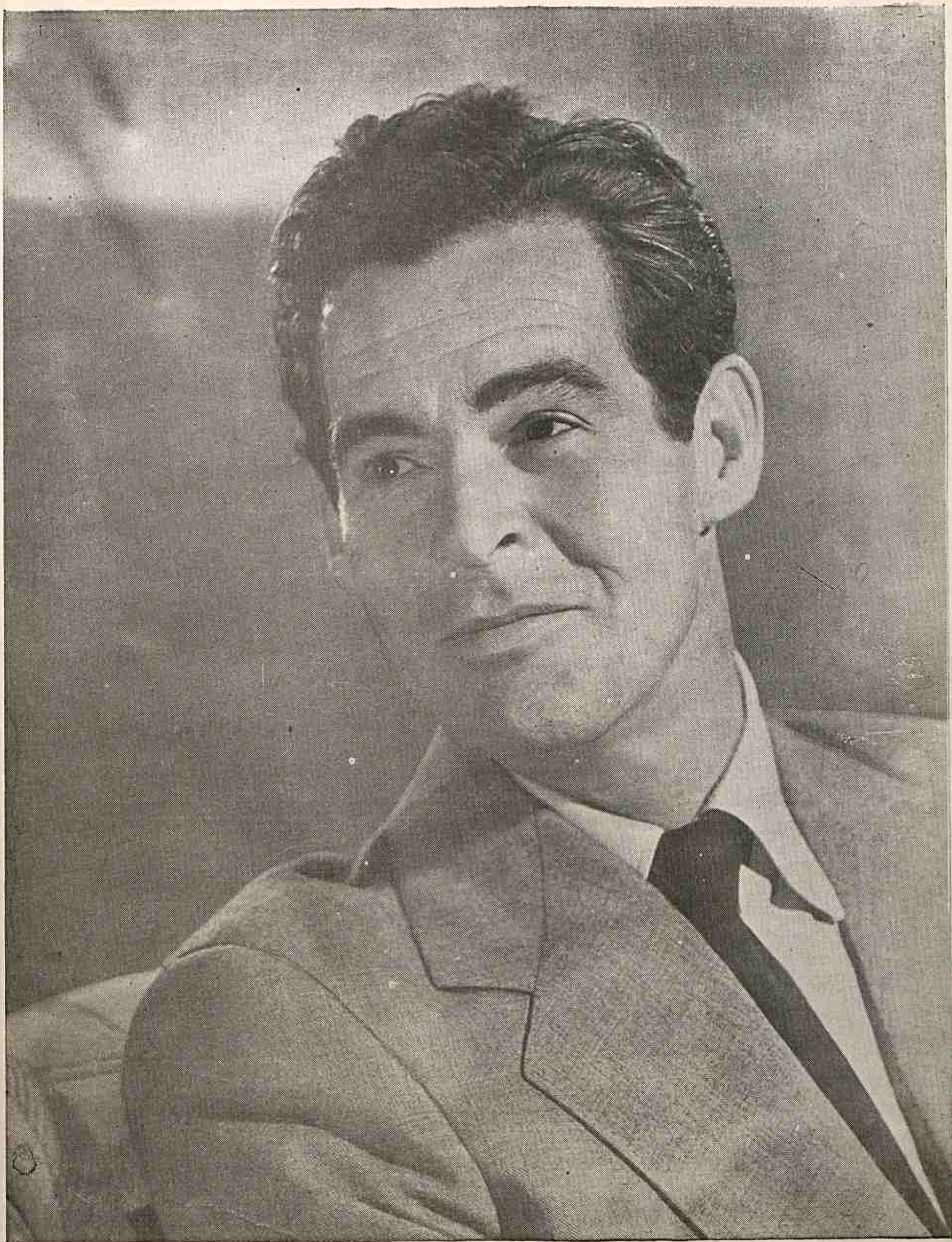
VICTOR MATURE (Foto Fox)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Victor Mature.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Louisville, Kentucky.
DATA	— 26 de janeiro de 1916 (34 anos).
ESTADO CIVIL	— Divorciado de Martha Stephenson Kemp, em Las Vegas, em fevereiro de 43, com quem se havia casado em New York, em junho de 41. Casou-se pela segunda vez, em 48, com uma jovem da sociedade.
FILHOS	— Não.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— Teatro.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Lavador de pratos e boy de um hotel.
FILME DE ESTRÉIA	— "The Housekeeper Daughter", para Hal Roach.
FILMES PRINCIPAIS	— "Mundo Pre-Histórico", "Sete Dias de Licença", "Paixão dos Fortes", "O Beijo da Morte" "Uma Vida Marcada", "Tormento de Uma Glória", "Sansão e Dalila". Tem vários filmes prontos na Fox, Paramount e R.K.O., ainda inéditos.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Twentieth Century-Fox, Studios, Hollywood, Califórnia, U.S.A.

HISTÓRICO

VICTOR MATURE venceu no cinema antes pelo físico do que pròpriamente pelo talento. Em verdade, o rapaz não deixa de ter valor, já demonstrado em filmes como "Paixão dos fortes", "Uma vida marcada" e "O beijo da morte". Mas as adolescentes americanas o consagraram muito antes disso. Desde cedo Vic saiu de casa disposto a triunfar no teatro. Recusou qualquer espécie de ajuda de seus pais e, para manter-se, se empregou como **boy** de um hotel, lavou carros e pratos. Conseguiu ingressar no teatro, figurando em várias peças. Certa feita, alugou um terno bem novo, fêz-se bonitão e alinhado, pegou um taxi e parou às portas de um estúdio com ares de "astro", disposto a falar com um produtor cinematográfico. O produtor não estava. O chofer elogiou o seu "desempenho". Depois de muita luta conseguiu figurar num filme, que não lhe deu a chance que esperava. Voltou ao teatro, figurando em "Lady in the Dark", que lhe valeu um contrato no cinema. A guerra interferiu em sua carreira, ingressando na Marinha Guarda Costas. No seu regresso entrou para a Fox, atuando em papéis relativamente bons. Não tem contrato fixo e tem feito filmes para a R.K.O. e Paramount. Victor Mature é conhecido como o maior "pão-duro" de Hollywood. Certa vez, durante uma filmagem "in location", Vic mandou a conta do almôço para o diretor, que lhe respondeu: "Esta filmagem está sendo feita aqui mesmo em Hollywood, e as despesas correm por conta dos "astros". Mas Vic não pagou o almôço. Voltou aos tempos antigos — lavando os pratos do restaurante para pagar as refeições...



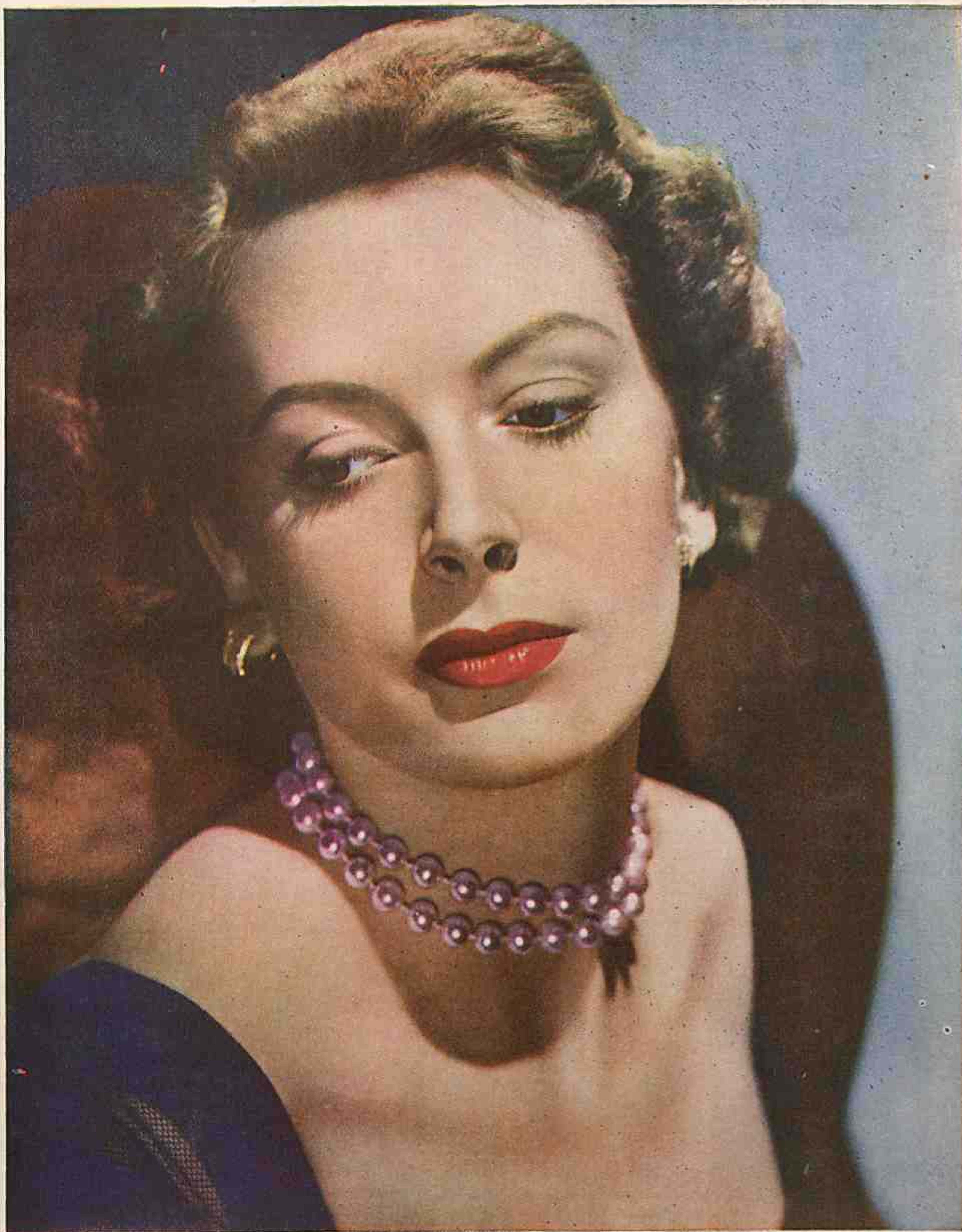
ROBERT RYAN (Foto Metro)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Robert Ryan.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Chicago.
DATA	— 11 de novembro de 1909 (40 anos).
ESTADO CIVIL	— Casado com Jessica Cadwallader.
FILHOS	— Não.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Teatro.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Boxeur e escritor.
FILME DE ESTRÉIA	— "Bombardier".
FILMES PRINCIPAIS	— "Expresso para Berlim", "Rancor", "A Volta dos Homens Maus", "Coração Prisioneiro", "Ato de Violência", "Punhos de Campeão", "I Married a Communist" (inédito).
CORRESPONDÊNCIA PARA	— R.K.O. Radio-Pictures, Hollywood, Califórnia, U.S.A.

HISTÓRICO

ROBERT RYAN é um ator sóbrio, sem gestos estudados, sem exagêro nas atitudes. Desde seus primeiros trabalhos que os produtores notaram-lhe valor e talento. Em "Ato de Violência" e "Punhos de Campeão" veio-lhe a consagração máxima, incluindo-o no **team** de grandes atores do cinema americano. Ingressou no cinema mais pela sua musculatura do que pròpriamente pelo talento. Um estúdio precisava de um rapaz forte, que não parecesse ator. Robert Ryan foi descoberto, quando fazia uma "ponta" numa peça com Louise Rainer. Aceitou. Antes disso, porém, Bob exerceu as mais variadas profissões: foi campeão de box e futebol, editor de um jornal, teatrólogo, romancista, poeta, marinheiro, construtor de manilhas, mineiro, vaqueiro, modêlo de um fotógrafo e chofer-guarda-costas de um contrabandista de bebidas durante a lei sêca. Sua vida tem sido cheia de episódios interessantes. Aos seis anos sua mãe arranjou-lhe um professor de violino; seu pai protestou contra essa atitude e matriculou-o num ginásio de box. Estudou na Academia de Loiola e na Universidade de Dartmouth. Foi aluno da escola de Arte Dramática do veterano ator-diretor Edward Boyle. Conseguiu reunir dois mil dólares, indo aperfeiçoar-se em Hollywood, com Max Reinhardt e Wladimir Sokiloff. Conheceu Jessica Cadwallader, que se tornou mais tarde sua espôsa. Foi considerado "o tipo que não serve para o cinema". Partiu em companhia de sua espôsa para o interior, desiludido. Mas foi o próprio cinema quem foi buscá-lo depois — e Ryan venceu em alto estilo. Tem 1 metro e 90 de altura, pesa 93 quilos. Cabelos pretos e olhos castanhos. Possui uma boa conta no Banco. Bom proveito.



DEBORAH KERR (Foto Metro)

FICHÁRIO

NOME VERDADEIRO	— Debora Kerr Trimmer.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Helensburg, Escócia.
DATA	— 30 de setembro de 1921 (28 anos).
ESTADO CIVIL	— Casada com Anthony Charles Bartley, cinegrafista amador, desde 1945.
FILHOS	— Uma menina, Nalanie Jane, de 2 anos e meio de idade.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— Teatro.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Atriz de teatro e bailarina.
FILME DE ESTRÉIA	— "Major Barbara", 1940.
FILMES PRINCIPAIS	— "Longe dos olhos", "Narciso negro", "Meu filho", "Mercador de ilusões", "Inverno d'alma", "Please Believe Me" (inédito), "Vida e morte do coronel Blimp".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California, U.S.A.

HISTÓRICO

DEBORAH KERR, filha do engenheiro civil Arthur Kerr Trimmer, viveu normalmente até os 14 anos de idade, quando seu pai faleceu. Sua mãe levou-a então para Alfold Sussex, onde ela fêz seus estudos principais na Northumberland House School. Desde cedo a jovem Deborah demonstrava seu desejo de se tornar uma atriz e, logo que terminou seus estudos, entrou para uma escola dramática. Começou a aprender a dançar e conseguiu entrar para a famosa Sadlers Walls School, fazendo progressos notáveis como dançarina. Aos 18 anos transferiu-se para Londres, onde, por intermédio de um amigo, conseguiu um pequeno papel numa peça que estava sendo apresentada num dos teatros de Regent's Park. Um belo dia foi convidada para um teste, resultando interpretar o papel de Jenny, no filme "Major Barbara", de Bernard Shaw. Depois disso fêz "Love on the Dole", "Penn of Pennsylvania", "Hatter's Castle", "The Day Will Dawn", até que em 42 figurou em "The Life and Death of Colonel Blimp", que a tornou famosa na América, onde fêz algumas películas. Em 45 regressou a Londres e casou-se, indo residir definitivamente na América. Tem cabelos vermelhos e olhos verdes. Gosta de laranja e tem 62 quilos de simpatia e beleza.



ANN BLYTH (Foto U-International)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Ann Marie Blyth.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Mount Kisco, New York.
DATA	— 16 de agôsto de 1928 (22 anos).
ESTADO CIVIL	— Solteira.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Aos 5 anos de idade, na estação radiofônica WJZ, recitando.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Atriz de rádio e teatro.
FILME DE ESTRÉIA	— Comédias musicais de segunda linha.
FILMES PRINCIPAIS	— "Alma em Suplício", "Brutalidade", "Egoista", "Vingança Pérfida", "No Caminho da Vida", "Êle e a Sereia", "Escrava do Ódio", e ainda inéditos: "O Mundo é dos Sabidos" e "Nascida para Amar".
CORRESPONDENCIA PARA	— Universal-International, Hollywood, Califórnia, U.S.A.

HISTÓRICO

ANN BLYTH revelou-se, verdadeiramente, em "Alma em Suplício", dirigido por Michael Curtiz. Quando lhe perguntaram como pôde uma pequena como ela, tão meiga e delicada, interpretar tipos de mocinha perversa com tanta profundidade e justeza, ela assim se exprimiu: "Imaginação. Um autor usa sua imaginação para descrever os lugares nos quais nunca estêve e fala dos personagens que jamais conheceu, sòmente existentes em sua mente. Um pintor pode criar sòmente com sua imaginação um quadro representando coisa que nunca vira. Atuar, para mim, é um exercício imaginativo, naturalmente sob outro aspecto". Ann Blyth começou muito cedo, pois aos 5 anos já era atriz profissional, recebendo seu primeiro salário. Estudou dança, drama e lições técnicas de rádio. Foi componente de uma companhia de ópera. Estreou na Brodway ao lado de Paul Lukas, Mady Christians, Lucille Watson e George Coulouris, sendo aclamada pelos críticos como uma "grande descoberta". Já representou na Casa Branca, para o presidente Roosevelt. Recebeu um prêmio da Academia de Ciências e Artes de Hollywood pelo seu desempenho em "Alma em Suplício". Depois dêsse filme, sofreu um acidente que quase lhe foi fatal, deslocando a coluna vertebral. Em estado gravíssimo, conseguiu dirigir o seu automóvel até o hospital, onde permaneceu 14 meses numa cadeira de rodas, envolvida em gase e ligaduras de aço, tal como apareceu em "Brutalidade". Hoje já pode praticar seus esportes favoritos: patinação no gêlo, bicicleta, tênis e deslizar no trenó.



ROBERTO ACÁCIO

(Foto Avila)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO — Acácio Domingues Pereira.

LOCAL DE NASCIMENTO — Pôrto, Portugal.

DATA — 19 de março de 1917 (33 anos).

ESTADO CIVIL — Casado, desde 1938.

FILHOS — Não.

ESTRÉIA ARTÍSTICA — Cinema.

PROFISSÃO ANTERIOR — Funcionário público (que ainda exerce).

FILME DE ESTRÉIA — "Pureza", em 1940.

FILMES PRINCIPAIS — "O dia é nosso", "Pureza", "Inconfidência Mineira", "Caminhos do sul" e "Quando a noite acaba".

CORRESPONDÊNCIA PARA — Artistas Associados, avenida Graça Aranha, 206 — 25.º andar.

HISTÓRICO

ROBERTO ACÁCIO só foi realmente notado em "Caminhos do sul". Seu tipo alto, simpático, adapta-se perfeitamente à tela. Todavia, não pretende dedicar-se ao cinema. E' um dos produtores dos "Artistas Associados", ao lado de Fernando de Barros e Mário Del Rio, e resolveu dedicar-se exclusivamente à produção. Antes disso, porém, fará mais um filme: "Mar morto", de Jorge Amado, sob a direção de um argentino, para a sua própria companhia. De quando em quando, poderá fazer um ou outro papel, porém sem grande importância, não como "astro". Gosta de teatro, mas acha que toma muito tempo, requer muito estudo, e não está disposto a enfrentar essas dificuldades, pois tem muitos afazeres. Roberto Acácio tirou um curso de contador e exerce atualmente o cargo de funcionário público, que não pretende abandonar. Tem 1 metro e 83 de altura e pesa 83 quilos. E' casado há 12 anos e vive feliz com a espôsa. Foi campeão de remo sul-americano, pelo Flamengo. E é pena que Roberto Acácio abandone o cinema, nesta época em que a indústria cinematográfica se desenvolve, pois, ao lado de Anselmo Duarte, poderia figurar entre os promissores galãs do cinema nacional.



VERONICA LAKE (Foto Paramount)

FICHÁRIO

NOME VERDADEIRO — Constance Keane.

LOCAL DE NASCIMENTO — Brocklyn, Nova York.

DATA — 14 de novembro de 1919 (31 anos).

ESTADO CIVIL — Casada com o diretor cinematográfico André De Toth, desde 1944.

FILHOS — Dois: Elaine e Michael.

ESTRÊIA ARTISTICA — Cinema.

FILME DE ESTRÊIA — "A revoada das águias".

FILMES PRINCIPAIS — "Contrastes humanos", "Alma torturada", "Capítulo sorrindo", "A Legião Branca", "A vida é uma só", "Agarre essa loura", "Casei-me com uma feiticeira", "A dália azul", "Saigon", "As duas santinhas", "Esperteza romântica".

CORRESPONDÊNCIA PARA — Paramount Pictures, Hollywood California, U.S.A

HISTÓRICO

VERONICA LAKE conseguiu vencer no cinema devido ao seu tipo fora do comum, especialmente o penteado "tapa-ôlho", que lhe dava um aspecto diferente e original. Assim que Veronica surgiu, não faltaram mulheres no mundo inteiro que lhe copiassem o penteado, mas, tempos depois, Veronica levantou os cabelos, e a moda desapareceu... Seu ingresso no cinema deu-se casualmente, quando uma amiga sua, Gwen Horn, que fazia parte do elenco da RKO, convidou-a a ir consigo ao estúdio, onde o diretor John Farrow a viu e resolveu contratá-la. Estreou num ótimo papel em "Revoada das águias", ao lado de Ray Milland, e logo no primeiro filme conseguiu tornar-se bastante popular. Atualmente, não tem recebido bons papéis, formando dupla com Alan Ladd em policiais de segunda linha. Veronica é a "estrêla" mais "mignon" de Hollywood. Atende pelo apelido de Ronnie. E' perita em "skis" e mergulha com assombrosa destreza. Possui um rancho na California e prefere a vida doméstica, cuidando ela própria dos afazeres do lar. Nunca pretendeu seguir carreira teatral nem tampouco tomou parte em representações escolares. Sua maior ambição era tornar-se cirurgiã, mas afirma que está muito contente em ser atriz. Sua vida em comum com seu marido é agradável e nunca brigaram. Tem dois filhos e atualmente está esperando a visita da Cegonha.



AVA GARDNER (Foto Metro)

FICHÁRIO

NOME VERDADEIRO	— Ava Gardner.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Smithfield, Carolina do Norte.
DATA	— 24 de dezembro de 1922 (27 anos).
ESTADO CIVIL	— Divorciada de Mickey Rooney em 43, com quem se casou em 42, e divorciada de Artie Shaw em 46, com quem se casou em 45.
FILHOS	— Não.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— Cinema.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Modêlo.
FILME DE ESTRÉIA	— "We Were Dancing", em 1941.
FILMES PRINCIPAIS	— "Cumpre o teu dever", "Felizes para sempre", "Um assassino de luvas", "O anjo perdido", "Por conta de Cupido", "Anjo negro", "Assassinos", "Mercador de ilusões", "Lábios que escravizam", "O grande pecador".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California, U.S.A.

HISTÓRICO

AVA GARDNER é um dêsses "casos sérios" que atrapalham a vida de qualquer homem. Sua beleza provocante, sua feminilidade exageradamente sensual, colocaram-na /na condição da mulher que mais se aproxima dos traços da famosa Vênus de Milo, com a grande vantagem de que Ava tem braços — e pode movê-los. Sua vida foi normal, como a de qualquer pequena bonita: estudou na Atlantic Christian College, na Carolina do Norte, e na Newport News High School, na Virginia. Depois de graduar-se, seguiu para Nova York, onde conseguiu colocar-se como modêlo da famosa agência de John Powers. Um fotógrafo seu amigo enviou algumas fotos suas para a Metro e imediatamente veio um convite para um teste, e o resultado foi um contrato. Começou em pequenos papéis e foi conquistando a simpatia, não só do público como dos produtores, que conquistaram a sua confiança. Sua grande chance surgiu em "Assassino" e passou a ser uma das "estrêlas" mais famosas da tela. Na vida particular Ava não tem sido muito feliz no casamento e parece que êstes não duram mais de um ano. O motivo é difícil de ser desvendado, pois nem Mickey Rooney nem Artie Shaw fazem declarações a respeito. Só vendo mesmo.

CINEMA EUROPEU DOS ÚLTIMOS TRINTA ANOS

SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA

FRANÇA

A história do cinema francês dos últimos trinta anos pode ser contada através da realização dos seus diretores. Abel Gance, Marcel L'Herbier, Jean Epstein, Jacques Feyder, os "vanguardistas", René Clair, Marcel Carné, Julien Duvivier, Jean Renoir, Henri-Georges Clouzot, verdadeiramente representam o grande, o melhor cinema francês. Abel Gance, considerado o mais importante realizador gaulês da Idade de Ouro do Cinema Silencioso, dirigiu uma série de obras retumbantes no sentido da forma: isto é, Gance foi sobretudo um esteta. O gênio criador, a fôrça e a originalidade de Gance advém de "A Roda" (1921), de "Nopelião" (1927 — filme que exigiu a invenção da tela tríptica), da versão sonora de "Napoleão" (que exigiu a instalação sonoro multíplice), de "Lucrécia Bórgia" e de "Beethoven" (1936). Os demais filmes de Gance, intermediários entre os citados, e os posteriores a "Beethoven" são de mérito duvidoso. O cineasta há meses anunciou uma superprodução sôbre a Vida de Cristo na qual pretende mostrar que não estacionou, nem sofreu decadência, conforme afirmam os entendidos. Esperemos, portanto, pelo "Cristo", de Gance. Marcel L'Herbier, também, hoje devotado à produção espetaculosa e comercialista, antes do cinema sonoro era tido como diretor inteligente e honesto. Seus filmes mais famosos foram: "L'Homme du large" (1920), "L'Inhumaine" (1923), "Eldorado" (1921), "O Finado Matias Pascal" (1925), todos silenciosos, naturalmente. Jean Epstein, hoje um teórico do cinema superado mas ainda muito lido e apreciado pelos amantes da "filosofia cinematográfica da confusão", os bobinhos que mal se iniciam em Cinema já querem ditar regras e leis perfeitamente caducas, foi um precursor da "vanguarda": sua obra comporta uma consciente aplicação do cenário-personagem. Realizou, de mais importante: "Coeur Fidèle" (1923) e "Finis Terrae". Jacques Feyder, outra figura das máximas do cinema francês, teve uma carreira singularmente regular: seguiu uma linha ascensional quase contínua a uma perfeição paralela à evolução da estética e dos meios de expressão da Sétima Arte. Não ficou para trás, como Epstein. De origem belga, Feyder desde o primeiro filme, uma versão da "Atlântida" (1921) demonstrou uma inteligência desusada que o tempo confirmaria. Depois de algumas obras em que se revelou sensível à paisagem, à vida rústica, bem como aos ambientes urbanos, às histórias comoventes e poéticas, como à ironia fina, realizou uma versão de "Teresa Raquin", de Zola, filme de inspiração psicológica. Feyder foi um dos poucos franceses da Era Silenciosa que na Era do Sonoro continuou crescendo em sua arte, em seu engenho. De 1936 é a "Quermesse Heróica", uma película clássica, e segundo muitos, a sua mais importante realização.

O movimento da "vanguarda" francesa, menos profunda, menos abstrata do que o movimento da "vanguarda" alemã, influiu na cinematografia francesa no sentido da experimentação sôbre a essência do cinema e dos meios técnicos para exprimi-la. Fernand Léger, Chomette, Man Ray, o próprio Jean Epstein, René Clair, Louis Delluc, Germaine Dullac, Carné, Pierre Chenal, Jean Vigo, Maurice Cloche e Claude Autant-Lara, bem como Alberto Cavalcanti, foram os representantes dêsse movimento. E os filmes da "vanguarda" até hoje mais citados pelos antologistas são: "Ballet mécanique", "Entr'acte", "Photogenie", "Emak Bakia", "A estrêla do mar", "La Coquille et le clergyman", "O sangue de um poeta" (de Jean Cocteau), "Arabesques", "Disque 957", "O hipocampo", "Asteria"' "A Idade de Ouro', (do genial Luis Buñuel, um espanhol radicado na França, na ocasião), "O relógio", "Menilmontant", "En rade" e "Rien que les heures" (os dois últimos do nosso patrício Cavalcanti).

René Clair, a personalidade mais fecunda e sobretudo mais sedutora do cinema francês dos últimos trinta anos, iniciou-se, como vimos, no movimento da vanguarda e evoluiu para o grande cinema de enrêdo. Imaginoso, irônico, extremamente inteligente, unindo a poesia ao sentimento popular, seu único defeito é ser um homem politicamente não de todo esclarecido, medroso, cauteloso. Seus filmes, conhecidos por todos que admiram cinema, são, daquela época até hoje: "Paris qui dort", "Sob os telhados de Paris", "Os casais da Tôrre Eiffel", "Viagem imaginária", "O fantasma do Moulin-Rouge", "Os dois tímidos", "Chapéu de palha da Itália", "O Milhão", "A nós a liberdade", "O último milhardário", "O Fantasma Camarada", "Loucos por escândalo", "Casei-me com uma feiticeira", "O tempo é uma ilusão", "Vingador Invisível" e "Silêncio de Ouro", tendo recentemente terminado "A beleza do diabo". Alguns dos filmes citados, como se sabe, foram feitos na Inglaterra e nos Estados Unidos o que não impede que sejam considerados Reneclairianos. Esquecíamos de citar, também, "Paixão Fatal", interpretado por Marlene. Jean Vigo, que a morte roubou no início ainda de uma carreira que se afigurava brilhantíssima, foi o realizador de "A propósito de Nice" (unindo uma evocação romântica de uma cidade marítima a uma feroz pintura social de ambiente), "Taris", "Zero de conduite" (filme que era como um apêlo à revolta, à violência, irônico, piedoso, cruel, anarquista), "L'Atalante", filme de atmosfera estranha e penetrante, sensual e humana. Marcel Carné, ex-colaborador de Feyder e Clair, revelou-se também um mestre incontestável e todos os seus filmes foram apreciados pela crítica e pelo público do mundo inteiro: "Jenny" (1936), "Família Exótica" (1937), "Cais das Sombras" (1938), "Hotel do Norte "(1938), "Trágico amanhecer" (1939), "Os visitantes da noite" (1942) e "Boulevard do Crime" (1946). Jeff Musso dirigiu em 1937 "Mulheres Perdidas" (O Puritano), drama amargo de um puritano que se precipita nos ambientes baixos e no delito. Julien Duvivier, diretor muito desigual, orientou algumas obras fracas, mas "Demônio da Algéria", e "Carnet de Baile" serviram para comprovar o seu talento. Jean Renoir, construtor seguro, com profundo senso dramático, pictórico e poético, de temperamento todo original, sabendo unir a forma ao conteúdo, é outra personalidade marcante do cinema francês de 1930-40. "La Chienne" (1932) foi o seu primeiro filme importante: seguiram-se uma versão de "Madame Bovary", "Toni" (1935), "Bas-Fonds" (1936), "A Grande Ilusão" (1937), "A Marselhesa" (1937), "A Bêsta Humana" (1938, "A Regra do Jôgo" (1939). Em seguida, como Clair e Duvivier, estêve nos Estados Unidos, realizando "Esta terra é minha", "Amor à terra", "Segredos de Alcova", "Woman on the beach" e outros filmes americanos, mas, se podemos assim dizer, de espírito francês. Durante a guerra surgiu na França, vagarosamente, uma nova equipe de realizadores originais que constituíram uma escola néo-realista, afirmada principalmente depois da libertação. Os vultos mais salientes dêsse grupo são: Henri-Georges Clouzot ("Sombra do Pavor", "O assassino mora no 21", "Crime em Paris" e "Anjo Perverso"), Claude Autant-Lara (que vem do tempo da "vanguarda") com "Dulce", "Adúltera" e "Minha amiga, Amélia e Eu", Christian-Jaque com "Amantes Eternos"; Jean Dellannoy com "Sinfonia Pastoral"; René Clément com "A Batalha dos Trilhos" e "Três dias de Amor" (ítalo-francês); Jacques Becker com "Antônio e Antonieta".

SUÉCIA, DINAMARCA, NORUEGA, BÉLGICA, HOLANDA

A escola escandinava de cinema, formada espontâneamente, sem sofrer influências externas, teve seu grande período por volta de 1916-26. Victor Sjostrom, Maurice Stiller, Benjamin Christensen e Carl Theodor Dreyer são os líderes incontestes dêsse movimento. As maiores obras de Sjostrom foram feitas tôdas antes de 1920: "Proscritos", "Carreta fantasma"... Sjostrom emigrou para Hollywood e ali, perdeu-se no cáos do filme barato. Mauritz Stiller igualmente realizou seus maiores filmes antes da Época de Ouro do Cinema: "O Tesouro de Arno", o mais representativo, é de 1919. Também Stiller foi à América lá realizando obras mui pouco importantes. Assim, a Suécia perdeu os seus dois melhores cineastas. Carl Dreyer é a figura dominante, durante êstes trint'anos da cinematografia nórdica, embora tenha realizado os seus filmes ora na Noruega, ora na Suécia, ora na França, ora na Dinamarca. E êsses celulóides, todos clássicos, todos antológicos, demonstram um homem de gênio que se supera em cada novo trabalho, um artista sempre em busca do original: de temas interessantes tratados em uma forma cinematográfica pura. De Carl Dreyer são: "O Presidente", "Páginas do livro de Satã", "O quarto matrimônio da Dama Margarida", "Amemos uns aos outros", "Era uma volta", "O patrão de casa", "A espôsa de Glomsdalbruden", "A Paixão ou Martírio de Joana D'Arc" (obra-prima de confecção originalíssima, quase tôda em primeiros planos, e o único filme que até hoje contava a história da Donzela de Orleães seguindo a verdade histórica; por isso mesmo foi colocado no Index e o negativo queimado, juntamente com algumas cópias, pela Igreja Católica), "A Estranha Aventura de David Gray ou O Vampiro", "Dia de Cólera", "Dois sêres humanos". Esta atividade de Dreyer vai de 1924 a 1947, o trabalho de estúdio alternado com o de jornalista. O cinema finlandês nestes trint'anos esforçou-se por evocar a vida nacional seguindo os exemplos da Suécia, Dinamarca e Noruega, mas com menos sucesso: o grande cineasta finlandês, como o grande cineasta brasileiro, ainda não nasceu. E, excetuando Dreyer e sua fecunda atividade, os demais realizadores da Suécia, Noruega e Dinamarca são por demais medíocres para que dêles ou de suas obras nos ocupemos aqui.

Na Bélgica e na Holanda, desde o início, o cinema caracterizou-se por tendências semelhantes e um destino comum. Condições econômicas, espirituais, étnicas, e as fronteiras políticas comuns, possibilitaram isso. Os cine-clubes de Bruxelas, Ostende, Rotterdão batalharam e conseguiram criar uma atmosfera própria à concretização de uma arte cinematográfica de características nacionais. Joris Ivens, Henri Storck, Charles Dekeukeleire e André Cauvin são os nomes mais conhecidos e estimados da cinematografia dos Países Baixos. Joris Ivens, todos sabem, é como Dreyer, um realizador internacionalista (isto é, fêz os seus documentários não apenas na Holanda, mas em vários países e regiões do mundo). "Chuva", "Zuiderzee", "Terras de Espanha" são frutos de sua fértil atividade.

SUIÇA

A produção helvética só recentemente ganhou foros de universalismo, principalmente depois do último conflito mundial. Leopold Lintdaberg é o diretor de "Maria Luisa" (1942), e "A Última Porta" (1945), filmes de comovente simplicidade e de admirável cineplastia.

ITALIA

Com raras exceções, o período que vai de 1920 a 1930 é de tentativas vãs, no cinema italiano. Sob a influência dos grandes cineastas americanos e russos, Alessandro Blasetti em 1929 e 30 realiza "Sole" e "Terra Madre", hoje considerados, como os primeiros filmes do renascimento fílmico peninsular. Mais tarde Blasetti "rodou" dois clássicos do fascismo: "Velha Guarda" e "Ettore Fieramosca" (êste, exibido no Brasil) e Augusto Genina fêz "Esquadrão Branco" e "Alcazar". Carmine Gallone dirigiu "Cipião, o Africano". Êstes três diretores foram os únicos que conseguiram, com as obras citadas, salvar o cinema da época de Mussolini da desgraça total. A decadência e a desmoralização do cinema italiano, era generalizada. Entretanto, veio a guerra...

Mesmo sob a tirania fascista, cineastas inteligentes trabalhavam por uma revalorização do cinema italiano. O documentarista Francesco de Robertis foi um dos primeiros a furar o bloqueio da mediocridade realizando em 1940 "Prisioneiros do Mar" (Uomini sul fondo), filme significativo e marcante. Em 1943, em plena guerra, subitamente enfrentando a censura e a convenção apareceu "Obsessão" (Ossessione), de Luchino Visconti: pelo arrôjo do tema e da realização, "Obsessão" é considerado como o primeiro fruto do movimento néo-realista, o primeiro exemplo de arte consciente na história do cinema italiano. Luchino Visconti, por sua vez, com êsse filme e com "La terra trema" realizado em 1949 alcança o pôsto de primeiro diretor da escola néo-realista. Porque em "Obsessão" mesmo, podemos encontrar os fundamentos dêsse estilo, da nova maneira de sentir e encarar os problemas da vida, e de expressá-los através do cinema.

Vittorio De Sica é o outro grande cineasta néo-realista: "um garibaldino no convento", "A culpa dos pais", "Vítimas da Tormenta" e "Ladrões de Bicicleta", feitos entre 1943 e 49, são filmes que atestam o talento e a "alma" de artista de Vittorio De Sica. Mais famoso, porém menos capaz, do ponto de vista cinematográfico, Roberto Rossellini com "Roma, Cidade Aberta", "Paisá", "Alemanha, ano zero", "L'Amore", "La macchina ammazzacattivi" e "Stromboli" se filia ao néo-realismo. Blasetti dirige "O Coração Manda" e "Fabiola", belos filmes, porém que dificilmente poderão ser considerados "néo-realistas". Giuseppe de Santis, autor de "Trágica Perseguição", "Arroz amargo"; Aldo Vergano, que fêz "Il sole sorge ancora"; Pietro Germi, que orientou "Il testimone", "Juventude Perdida" e "Em nome da lei"; e Alberto Lattuada com "O Bandido", "Delito", "Sem Piedade" e "Il mulino del Po" são as figuras menores, mas nem por isso menos promissoras do moderno cinema italiano. O velho Genina também é muito elogiado por "Céu sôbre o pântano", realizado em 1949. Mario Camerini, Luigi Chiarini, Mario Soldati e Renato Castellani são os demais diretores que merecem citação.

UNIÃO SOVIÉTICA

A história da cinematografia soviética é, sobretudo, a história do desenvolvimento da idéia comunista. Está estreitamente ligada à vida do povo, ao progresso de sua cultura, à sua luta pelo porvir. Eis a razão pela qual, desde o nascimento do cinema soviético, o Govêrno e o Partido a êle dedicaram grandes atenções. O cinema soviético não é um prolongamento do cinema russo do tempo do Czar: êle nasceu durante os anos tempestuosos do movimento revolucionário. Quando o proletariado assumiu o poder, uma reorganização ideológica natural e profunda operou-se em todos os campos da atividade artística, operação da qual participou o cinema. Foi no gênero documentário que começou, pròpriamente, a produção dos novos filmes russos impregnados das idéias revolucionárias e refletindo a realidade soviética. Os operadores Edward Tissé, I. Jeliabuski, Guilbert, Levitsqui, Iermolov e outros grandes cinegrafistas e diretores como Dziga Vertoff e Esther Xub iniciaram sua atividade nesse gênero, cinegrafando a própria Revolução de 1917 e durante os anos de resistência do novo país aos ataques estrangeiros contra-revolucionários. A experiência adquirida na U.R.S.S. no campo do jornalismo cinematográfico tem uma função predominante na formação do estilo e das teorias aplicadas nos filmes artísticos na cinematografia soviética. O cinema de interpretação, ou enrêdo, desenvolveu-se a seguir. O novo govêrno animou os cineastas jovens: um grupo de rapazes dotados de talento e representando várias e diferentes camadas sociais se consagrou à Sétima Arte: basta citar o pintor e cenógrafo Sérgio M. Einsenstein, o químico Vsevolod Pudovquin, o adolescente de 16 anos V. Cosintsev e seu amigo L. Trauberg, e muitos outros. Eram jovens que acertaram em alguma coisa, errando em outras: crendo que o novo cinema devia rejeitar tôda a experiência do velho, substituíram a velha técnica por uma nova técnica, inédita. Isso conduziu à excentricidade injustificada, ao brio exterior e a forma extravagante dos primeiros filmes soviéticos, dotados de extraordinária pobreza de idéia e conteúdo. Nos anos subsequentes, o filme soviético ganhou forma e estilo na luta contra as influências formalísticas hostis à cultura socialista. Os anos de 1920 a 1930 foram um período de luta enérgica por uma arte popular realista consagrada aos novos tempos de atualidade. Eisenstein foi o primeiro a empregar um tema revolucionário no seu filme "A Greve" (1924). Mais tarde, em 1925, resolveu brilhantemente um grande problema social no clássico "O Encouraçado Potemquim", considerado mundialmente um dos cinco maiores filmes até hoje produzidos pelo cinema. Em 1926 Pudovquin dirigiu "A Mãe", baseado no romance de Maximo Gorki, filme que mostrava a sorte do povo através de um só personagem.

Em 1927 um jovem pintor ucraniano, Alexandre Dovchenco adquiriu notoriedade no cinema: como artista de grande talento realiza "Zvenigora", que discorria sôbre a luta do proletariado ucraniano contra o movimento dos nacional-chovinistas locais. Em 1928 realiza "Arsenal", que tratava da luta dos operários do arsenal da cidade de Kiev em 1918 contra os aristocratas ucranianos. Em 1929 S. M. Eisenstein apresentou "O Velho e o Novo ou A Linha Geral", no qual tentava sintetizar o novo regime de coletivização agrícola.

Os anos de 1930 a 1940 foram os da reorganização econômica do país, do desenvolvimento impetuoso da indústria e da coletivização agrícola, e da luta decisiva, no cinema, contra o formalismo e pela riqueza ideológica das películas. "Contracampo" foi o primeiro fruto dessa tendência e apareceu no outono europeu de 1932, dirigido por F. Ermler e S. Iutquevich. Foi um dos primeiros filmes falados russos. Em 1933 os irmãos Vassiliev realizaram o filme "Chapaiev", que suscitou o entusiasmo de todos os espectadores nos países em que foi exibido: era a biografia fiel de Vassili Chapaiev, um dos cabos de guerra da luta civil de 1918-1922. Entre 1935 e 1939 apareceu uma trilogia sôbre a vida de um bolchevique, trilogia dirigida muito bem por G. Cosintsev e L. Trauberg. Títulos dos filmes: "Juventude de Maximo", "A Volta de Maximo" e "Quarteirão Viborg". A trilogia era a biografia-tipo de um operário, de um revolucionário profissional. Outra biografia semelhante foi tentada com êxito em "O grande cidadão", dividida em duas partes: a primeira saiu em 1938 e a segunda em 1939, ambas dirigidas por F. Ermler. Pouco antes de 1940 apareceram alguns filmes baseados na vida dos principais cabeças da revolução e da edificação socialista. Foram: "O grande esclarecedor", de M. Chiaureli, 1938; "Lenin em Outubro' (1937) e "Lenin em 1918" (1939), dirigidos por Micail Romm; "O homem do fuzil" (1938) e "Jacó Sverdlov" (1940), de S. Iutquevich. "Bola de Sêbo" (1934), baseado na grande novela de Guy de Maupassant, resultou num belo filme dirigido por Micail Romm.

Grigori Roxal, do romance de Cholocov fêz "Terra dissoluta" e em 1935 Ermler dirigiu "Os camponeses", filmes que focalizavam a vida dos homens do campo. Ivan Piriev em 1938 realizou sôbre o mesmo tema "A noiva rica", comédia lírica muito elogiada pelos que a viram. Ainda Piriev dirigiu outros filmes com temas sôbre camponeses: "O Condutor de Tratores" (1939) e "Encontraram-se em Moscou" (1941), exibido no Brasil em 1946.

S. Gherassimov, sempre interessado nos jovens, na rapaziada surgida depois da Revolução, fêz " O professor" (1939), "Consomol" (1938) e "Os sete corajosos" (1936).

Sôbre a unidade do povo soviético foram feitos alguns filmes nessa época. "Membro do Govêrno" (1938) de Heifitz e Jarque foi o melhor. Também os assuntos históricos foram tentados no cinema falado com o mesmo êxito, ou maior, do que no tempo do silencioso. S. M. Eisenstein, um dos maiores filósofos cinematográficos do mundo, diretor cuja autoridade é reconhecida em todo o universo e cuja morte em 1949 foi sentida por todos os amantes do cinema, realizou em 1938 "Alexandre Nevski", que passou no Brasil com o título de "Cavaleiros de Ferro". O diretor Vladimir Petrov realizou em duas partes, em 1938 e 1939 a superprodução "Pedro, o Grande" (também exibida no Brasil), na qual falava da transformação efetuada na Rússia pelo famoso imperador Pedro I, por uma Rússia ocidentalizada, forte e independente. Pudovquin entrementes fêz "Minin e Pojarski" sôbre um episódio da resistência das milícias populares contra o invasor em 1612. Também os romances e novelas de clássicos russos e estrangeiros foram filmados com sucesso nesse período. Grande esfôrço, merecedor de aplausos, foi a biografia do grande escritor Maximo Gorki realizada num trilogia: "Infância" (1938), "Entre o povo" (1939) e "Meu período universitário" (1940). A direção foi de Marc Donscoi, o melhor e mais importante diretor da nova geração.

No início da Segunda Guerra Mundial o cinema soviético ocupava um pôsto de proeminência na vida social da União, e no Exterior. Grandes documentários foram feitos durante a guerra patriótica (1941-45) e o decênio 1940-1950, apesar de tudo, assinala uma viragem na qualidade e na quantidade dos filmes russos de enrêdo. Os documentários de longa metragem mais conhecidos são: "Batalha russo-germânica diante de Moscou", "A Batalha de Stalingrado", "Os marinheiros da frota do Mar Negro", "A Batalha de Leningrado", "A Batalha da Ucrânia", etc. Como nos Estados Unidos, vários filmes de enrêdo foram feitos em que os próprios soldados do Exército Vermelho figuravam como extras. Alguns exemplos: "Dois soldados", de Leonid Lucov, "A cortina de Malacov", de J. Heifitz e A. Jarque, "O céu de Moscou", de Juri Raisman, etc. O melhor filme sôbre a guerra, dizem, é "A Grande Viragem", de Frederico Ermler (1946), dedicado à defesa de Stalingrado. Êste filme estêve no Brasil, foi apresentado numa pré-estréia privada, mas nunca pôde ser exibido pùblicamente porque o Govêrno do Brasil rompeu relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética, no momento em que o filme estava próximo a ser programado. O seu título, entretanto, era outro, menos fiel ao original, mais "sugestivo" comercialmente. Outros filmes de guerra famosos (alguns exibidos no Brasil no curto período em que pudemos assistir às produções soviéticas): "Esta defende sua pátria", de F. Ermler; "O secretário do comitê do distrito", de I. Piriev; "O Arco-Iris", de Marc Donscoi; "Zoia", de L. Arnstamm; "A Invasão", de A. Romm; "A Moça 217", "Sebastopol", etc., etc. Simultâneamente os filmes históricos continuaram a ser feitos: "General Suvorov" (1940), de Pudovquin, "1812 ou Kutusov", de V. Petrov, "A Defesa de Tzaritzin", dos Irmãos Vassiliev, "Ivan, o Terrível" (só a primeira parte, pois a segunda ficou incompleta com a morte do diretor), S. M. Eisenstein, "David-Bek", de Amo Beck-Nazarov e "Juramento", de M. Chiaureli.

No após-guerra novos e grandes filmes foram realizados, entre os quais podemos citar: "A Grande Vida", de Lucov; "Almirante Naquimov", de Pudovquin; "Gente simples", de Consintsev e Trauberg; "A Questão Russa", de Micail Romm; "Glinka", de L. Arnstam; "Pirogov", de G. Cosintsev; "A Educação Sentimental", de Marc Donscoi;

"Lenda da Terra Siberiana", de Ivan Piriev; "Flores de Pedra", de Alexandre Pixuco; "O terceiro golpe", de Igor Savchenco; "A Jovem Guarda" e uma nova e mais profunda versão (do ponto de vista ideológico) de "A Mãe", de Gorki, desta vez dirigida por Marc Donscoi.

A L E M A N H A

No último trintênio a história do cinema alemão pode ser dividida em três fases distintas: Época do Expressionismo e do Realismo Psicológico até à subida de Hitler ao poder, a mais fértil e brilhante que o Cinema registra até hoje; Época Hitlerista, em que o cinema alemão desceu ao seu mais baixo nível, chegando pràticamente a desaparecer como arte; Época do Após-Guerra, em que a produção recomeça e os filmes refletem, embora numa cinegrafia pobre, a triste realidade dos dias correntes. O expressionismo, como se sabe, é uma tendência estética de representação e evocação dos fatos dramáticos e dos estados de ânimo mediante uma forma sintética que traduz a essência ou o significado mais violento até à deformação da realidade, a evasão, a fuga da vida, o uso exagerado dos símbolos. Foi, infelizmente, êsse cinema responsável em grande parte pelo advento do pessimismo geral, da inquietação e do "carneirismo", que conduziram a Alemanha às formas políticas totalitárias. A primeira e mais importante obra do cinema expressionista germânico foi "O Gabinete do Doutor Caligari", dirigida pelo talentoso Robert Wiene. Foi daí mesmo que nasceu o têrmo *"caligarismo"* para caracterizar a tendência do cinema alemão nessa época. Wiene dirigiu posteriormente alguns filmes que desiludiram aos seus fãs: mas "As mãos de Orlac", mais os menos grandguinolesco, reafirmou o talento dêsse estranho diretor. Fritz Lang, o mais germânico dos cineastas alemães, fêz também parte do movimento expressionista. Alguns dos seus filmes podem ser enquadrados nessa classificação: "As três luzes", "O Doutor Mabuse", "Os Nibelungos" ("A morte de Siegfried" e "A Vingança de Cremilda"), "Metrópolis" e "A Mulher na Lua". Mais tarde dirigiu êle "M ou O Vampiro de Dusseldorf" e uma versão falada de "O Testamento do Dr. Mabuse". Lupu-Pick antes de dirigir "A noite de São Silvestre", sua obra-prima expressionista, já orientara alguns filmes menores. Posteriormente, Lupu-Pick nunca mais alcançou, em seus filmes, a potência e a perfeição daquela película. De Karl Grune é "A Rua", que se avizinha não só do expressionismo, como do realismo psicológico. F. W. Murnau, talvez a figura mais importante desta fase áurea do cinema alemão, foi o criador de "Nosferatu, o vampiro" (primeira versão mundial de Drácula), "A última gargalhada", "Fausto". Mais tarde, como Ernst Lubitsch e Fritz Lang, emigrou para os Estados Unidos tendo ali realizado de importante (mas fora do gênero expressionita), "Tabu", "Aurora" e obras menores. Paul Leni foi outro grande animador do cinema alemão. Suas principais fitas: "O gabinete de figuras de cêra" e "O gato e o canário".

O grupo fiel ao naturalismo era composto por Ewald-Andrea Dupont, George-Wilhelm Pabst, Karl Froelich, Paul Czinner e uns poucos. Pabst, sem dúvida um dos maiores diretores de cinema de todos os tempos, revelou-se pessimista mas dedicou-se a servir, com sua arte, à generosa causa da fraternidade humana. Dizem que colaborou com o nazismo, obrigado, mas até agora nada de positivo ficou provado. Os filmes de Pabst, citados em todos os livros antológicos de cinema, são: "Quatro de infantaria", "A Tragédia da Mina", "L'Opera de Quat sous", "O amor de Jeanne Ney", "A Caixa de Pandora" e "O Processo". Quanto a E. A. Dupont ficou famoso com a sua versão de "Varietés" (1925). De Paul Czinner cita-se constantemente "Nju". No cinema experimental de vanguarda, o cinema abstrato, os vultos mais salientes foram: Erich Waschneck, Joe May (atualmente nos Estados Unidos e autor de um esquisito "Asfalto"), Richard Oswald, Richard Eichberg, etc. Êsse cinema de vanguarda produziu: "Sinfonia vertical, horizontal e diagonal", de Vilking Eggeling; "Ritmos", de Hans Richter; "Opus I, II, II e IV", de Walter Ruttmann e "Berlim, sinfonia da metrópole", de Walter Ruttmann com cenário de Karl Mayer e fotografia do conhecido Karl Freud. "Melodia do mundo", também de Walter Ruttmann é também muito citada. Com o advento do nazismo o cinema alemão pràticamente desapareceu: não na quantidade, mas na qualidade. Citam-se apenas "O Congresso se diverte", de Erik Charell; "Senhoritas em Uniforme", de Leontine Sagan, e os documentários nacional-socialistas de Leni Riefenstahl, uma fanática. Os filmes de enrêdo de Luis Trenker são os únicos de algum mérito. De 1945 até agora os tedescos, tanto na zona soviética, quanto na zona americana têm tentado uma reabilitação do seu cinema. A obra mais significativa parece ser "Os assassinos estão entre nós", de Wolfang Staudte.

T C H E C O S L O V Á Q U I A

Notáveis fotógrafos, os tchecos sempre mostraram uma preferência inata pela composição minuciosa da imagem, interna como externa. Gustav Machaty é o nome que dominou o cinema tcheco entre 1927-1939. Machaty é o autor de uma versão muito boa de "Sonata a Kreutzer", e de "De Sábado a Domingo", "Conflito dos Sexos" (Erotikon), "Êxtase", "Noturno" e "Bailarina". De todos, não só pelo seu tema ousado e pela construção da "montage" e do ritmo, "Êxtase" aparece como sua obra principal, e um dos melhores filmes da História do Cinema.

Mac Fric, autor de "Janosik", Joseph Rovensky, autor de "Adolescência" (Reka), Svatopluk Innemann, autor de "Sextanka" e Karl Junghans formavam o segundo grande grupo do cinema tcheco de antes da Segunda Guerra Mundial.

Em 1945, depois da libertação, o cinema tcheco foi nacionalizado. Da nova geração de cineastas, voltados decididamente para a realidade, procurando refletir em seus filmes a vida dos povos tcheco e esloveno na construção democrática popular, podemos citar: Karel Steckly, Jiri Trnká, Dorivôi Zeman e Jiri Weiss.

A U S T R I A

Embora antiga, a indústria cinematográfica austríaca só recentemente, também, atingiu o plano do internacionalismo. É verdade que mesmo antes da guerra os estúdios vienenses formaram diretores hoje famosos como Max Ophüls (hoje a serviço do cinema ianque assinando Max Opuls), Willy Forst, Walter Reisch, Geza Von Bolvary, Robert Siodmak e Gustav Ucicky. Depois da ocupação pelos alemães, o cinema austríaco pràticamente desapareceu como entidade autônoma, uma vez que foi encampado pelo truste da Ufa. Mas com a libertação, os estúdios retomaram o trabalho. Dos filmes mais recentes podemos citar "O Processo", dirigido pelo alemão Pabst, como o mais significativo. E entre os mais antigos, do período de pré-guerra, são lembrados: :Mascarada", "Mazurca", "Nostalgia ou Caminho da Perdição".

H U N G R I A

Com a Hungria sucedeu o mesmo que com a Austria: produção muito medíocre, muito provinciana. E a revelação, em trinta anos, apenas de um grande cineasta, Paul Fejos, o autor de "Maria, Lenda de Amor", interpretada, aliás, pela atriz francesa Annabella. Agora, no após-guerra, a Hungria trabalha para que o seu cinema, unindo a forma ao conteúdo, alcance a posição que merece entre as outras cinematografias nacionais da Europa.

P O L Ô N I A

O que já foi dito para os cinemas da Hungria e da Austria tem aplicação aqui. Sòmente no após-guerra, com a nacionalização da indústria o cinema polaco tem alcançado resultados positivos. "A Última Etapa", de Wanda Jacubowska, é o mais notável fruto dêsse trabalho paciente dos novos cineastas poloneses que realizam agora filmes de temas dramáticos inspirados na vida do povo, filmes de um realismo convincente, embora a forma, de um ponto de vista emotivo, ainda seja um tanto retórica.

ESCOLA IBÉRICA

Tanto na Espanha, como em Portugal, houve sempre uma irregularidade na produção cinematográfica: em qualidade como em quantidade. As raras tentativas feitas com o novo meio de expressão artística, o cinema, redundaram em banalidades, coisas pouco inspiradas e piormente realizadas. Isto, no cinema silencioso como no falado. Na Espanha, depois do advento do govêrno franquista esta situação piorou em mil por cento. Em Portugal, cineastas como Jorge Brum do Canto e Leitão de Barros têm tentado alçar vôos cujas aterragens não têm sido totalmente satisfatórias. Citam-se como os melhores filmes portuguêses: "Inês de Castro" (luso-espanhol), "Camões", "Aia Arriba", "A Canção da Terra", "João Ratão", "Lobos da Serra" e "José do Telhado".

G R Ã - B R E T A N H A

"O cinema inglês tem afinidades com o cinema italiano, êle também se iniciou brilhantemente e mais tarde se perdeu no caminho da mediocridade", diz George Charensol no seu clássico compêndio "Panorama do Cinema". Mediocridade temporária, acrescente-se, pois atualmente o cinema da Inglaterra vive um período brilhante da renovação e com justiça pode ser classificado como um dos melhores do mundo, só encontrando rivais, na Europa, com o francês, o italiano e o russo. Na Era Clássica do Cine Silencioso, a Grã-Bretanha estava em plena decadência: os seus filmes, em quantidade como em qualidade, não merecem citação. Mais tarde, por volta de 1934, Alexander Korda, um húngaro elevado a Sir, reuniu em tôrno de si um grupo de atores e técnicos de valor, produzindo algumas obras nacionais no espírito e internacionais no interêsse humano e estético que despertaram. Foi a fase sofisticada do cinema inglês que produziu "Os amôres de Henrique VIII", "Rembrandt", "Catarina, a grande". O gênero épico predominou, a História foi explorada com certa habilidade, e a malícia britânica também. Paralelamente foi se formando uma escola de documentaristas, tida como a melhor do mundo em qualquer época (do ponto de vista de artistas individuais, como de grupos, de equipes). Entre êstes documentaristas-naturalistas podemos citar John Grierson, Anthony Asquith, Alberto Cavalcanti (brasileiro), Basil Wright, Muir Mathieson e Paul Rotha. Muitos dêsses cineastas evoluiram para o filme de enrêdo, e combinando estúdio-e-exterior. Alfredo Hitchcock, como diretor realista, seguiu uma carreira ascendente, que culminou com o interêsse de Hollywood por sua obra. "Mulher Oculta", "O homem que sabia demais", "Trinta e nove degraus" são filmes hoje considerados antológicos. Noel Coward e Herbert Wilcox, os representantes mais típicos da tradição britânica, por essa época fabricaram algumas obras interessantes. Mas foi depois de 1942 que o cinema britânico ganhou amplitude. A renovação estética se fêz com o aparecimento de cineastas como F. Launder & S. Gilliat, Michael Powell & Emeric Pressburger, Carol Reed, David Lean, Basil Dearden, Robert Hammer, Laurence Olivier (ator e diretor) e outros que, vindo do documentário, progrediram no filme de enrêdo, como Anthony Asquith. "Coração Prisioneiro", "Desencanto", "Neste mundo e no outro", "Grandes Esperanças", "Na solidão da noite", "Henrique V", "Hamlet", "Nas garras da fatalidade", "O Condenado", Oliver Twist", "Sapatinhos Vermelhos", "Lago Azul", são alguns dos filmes mais significativos da nova fase do cinema britânico que se afirma no realismo psicológico, no drama social, na fantasia, e nas reconstituições históricas com inteligência e sensibilidade.

C I N E S T E S I A

UMA DISTRAÇÃO SEM DOR

As estrêlas de cinema tendem a desaparecer porque todo ano fazem menos um ano.

★

O dia que um astro beija mais sua espôsa é quando trabalham juntos no mesmo filme.

★

Todo mundo conhece uma estrêla. Menos o marido.

★

Quando uma estrêla faz 5 filmes e não consegue se casar com o diretor, o melhor é desistir do cinema.

★

Para um casal de namorados o cinema é um duplo divertimento. Basta se assistir ao filme, também.

★

Conselho ao Leão da Metro: urrar no fim dos filmes, para acordar os espectadores.

Nunca as estrêlas de cinema sofreram tanto como no tempo do silencioso. Não podiam falar.

★

No cinema, um homem só se sujeita a fazer o papel de cadáver quando precisa viver.

★

Conheço um homem que quando se encabulava ficava mais vermelho que artista pálido de tecnicolor americano.

★

O cinema é a mais conhecida das artes. Porque é a única de projeção.

★

"Vamp" é uma artista que exagera a maquilagem do rosto, para mostrar as pernas.

★

Um filme americano muda de artistas, muda de diretor, muda de técnicos, muda de local, e muda até de argumento. Mas é sempre igual.

- Leon Eliachar

"VOLTEM NA PRÓXIMA SEMANA"

(Cont. da pág. 34)

naquele tempo, apesar de frequentarmos a mesma escola e os mesmos cinemas.

Pouco democráticos nos mostrávamos, pois escolhiamos lugares bem separados no cinemeco do subúrbio — e, a qualquer provocação, começávamos uma briga. Uma vez, estou lembrado, chegamos a ficar aliados, num tratado de paz assinado às pressâs. Uma turma de subúrbio diferente invadiu "nosso" cinema e começou uma briga com um garôto de familia. A turcalhada veio logo em nosso socorro e, depois dêsse dia, nunca mais existiu entre nós a mesma inimizade de antes. Faziamos tudo para continuá-la mas não o conseguiamos.

A principio, quando os filmes-em-série eram poucos, eu não perdia um só. O cinema era barato para nós: seiscentos réis, no máximo, quando não tinhamos um cartão, distribuido nas escolas públicas locais, que abatia o preço para trezentos réis. Depois, entretanto, com o aparecimento de novos cinemas e com o aumento da produção americana, não podiamos, com os parcos recursos de que dispúnhamos, ver, como queriamos, todos os filmes-em-série. À noitinha, portanto, nós, os intelectuais, desprezando o pique e a carniça, organizávamos um circulo onde se contavam, em linguagem emocionada e colorida, as aventuras de nossos heróis favoritos, que uns tinham visto e outros não. Quando mais de um tinha visto essas aventuras, havia uma porfia renhida, regada de interjeições assustadoras, que terminava na escolha do contador oficial. O derrotado, porém, fazia-se em critico severo, não deixando escapar a minima falha do vencedor em relação à história.

Era uma profusão de *ais*... "Ai o mocinho veio e... Ai o bandido chegou e, pum! deu uma porção de tiros... Ai a mocinha correu atrás do cavalo e...'. Faziamos gestos dramáticos, imitávamos com o máximo de perfeição todos os ruidos possiveis: o trotear dos cavalos, os tiros, os socos, as brigas, os trens caindo das pontes, tudo. O cinema começou a ser sonoro para nós muito antes de 1928 — éramos o aparelho de som.

Atualmente, o verdadeiro lar dos filmes-em-série é a Republic, que deve sua presente categoria de grande produtora aos lucrativos filmes seriados e de *far-west*. Essa companhia foi formada pelos pequenos produtores que perpetuaram a tradição dos filmes-em-série através dos dificeis tempos do cinema falado. Se não fôsse por êsses produtores e pela Universal — que também se encheu com os lucros de tais espetáculos — talvez os filmes-em-série tivessem desaparecido para sempre.

Hoje, os filmes-em-série já não empregam grandes nomes. Os heróis são astros famosos em decadência, ou artistas novos que adquirem a indispensável experiência nesses quilométricos pedaços de celulóide. Apesar de sua metragem extraordinária, os filmes-em-série de hoje são fabricados em pouco mais de um mês — e, algumas vêzes, em menos de um mês.

Houve uma tentativa relativamente recente para ressuscitar a tradição de Pearl White. A Republic trocou o usual herói por uma linda pequena, deu-lhe um *sarong* e uma suposta selva africana, e *fêz* "Jungle Girl". A pequena era Frances Gifford, que está sob contrato de outro estúdio, e só foi emprestada por precisar justamente de experiência ante as câmeras, para que pudesse enfrentar papéis mais rigorosos em peliculas de seu próprio estúdio. Mas "Jungle Girl" foi uma experiência interessante e deu algum resultado. A mesma companhia já porduziu dois outros filmes-em-série no mesmo estilo, substituindo Miss Gifford por uma ex-modêlo chamada Kay Aldridge. Perguntarão os fãs da velha guarda: Conseguirá a Republic reviver a moda das mocinhas aventurosas?

Os atuais heróis dos filmes-em-série pertencem a três categorias distintas: astros decadentes, artistas novos e heróis esportivos americanos, que são recrutados enquanto seus nomes estão em evidência entre a garotada que forma a grande torcida do *baseball* e do *football*. No primeiro caso está Tom Tyler, que abafou em "Capitão Marvel". Na segunda categoria está John Carroll, que começou nos filmes-em-série e acabou com um contrato da Metro — voltando depois à Republic como herói de filmes de linha. Isso para não lembrar os exemplos de Warren William e George Brent, que também tiveram seu comêço nos filmes-em-série. A última categoria comporta os nomes de Larry Crable, campeão olimpico de natação; Bruce Bennett, ex-Herman Brix, campeão americano do pentatlon; Sammy Baugh, idolo do esporte americano. Dêsses, o mais felizardo foi Bennett, já promovido aos grandes filmes, com bons papéis em "Sahara" e outros filmes importantes.

Muito se tem dito pró e contra os filmes-em-série, principalmente em relação à influência que possam ter sôbre a mentalidade infantil. Entretanto, os garotos de ontem, criados também com filmes-em-série, folhetins de Du Terrail ou Montepin, e aventuras de Raffles ou Nick Carter, ai estão — e, em geral, não estão fazendo feio.

De qualquer maneira, os filmes-em-série continuam em evidência, tendo até reconquistado um refúgio em plena Cinelândia. Mas, ainda que seu quartel-general esteja estabelecido nos pequenos cinemas, nas vilas e nos subúrbios, êles prestam um inegável serviço à arte das sombras, reabilitando velhos nomes, treinando os astros de amanhã.

O MUNDO PRECISA RIR

(Cont. da pág. 31)

mente pequeno, em relação à popularidade que poderia ter. Que falta então, realmente, para que se provoque o riso? Diretores a argumentistas. Argumentistas, sim, para que declinem do lugar comum e criem histórias originais e engraçadas; cenaristas para que imaginem situações cômicas e cinematográficas, e diretores para que as conduzam com bom-humor e inteligência, provocando o riso franco de tôda uma platéia que quer rir — mas que não vê motivo nem encontra pretexto para isso.

A prova mais evidente de que não são necessários pròpriamente comediantes para provocarem o riso, como no teatro ou no circo, é que René Clair, com a sua sutileza, nos deu deliciosas comédias, como o falecido Ernst Lubitch se especializou em apresentar finissimas peliculas onde predominava o acento malicioso. Êsses dois mestres não precisavam recorrer a comediantes famosos nem a diálogos engraçados, que, evidentemente, não dispensavam a seus filmes, pois sabiam perfeitamente provocar o riso através de seu habilissimo senso-de-humor, tirando partido de tôdas as situações, por mais vazias que fôssem. Veio então Preston Sturges e mais recentemente um promissor aluno da mesma escola, Joseph Mankiewikz. Sturges nos deu belissimas comédias, repletas de um sadio humorismo, em tom de sátira, e Mankiewikz não titubeou em lhe seguir os passos. E assim, de tempos em tempos, um bom diretor nos dá uma boa comédia, enquanto que os Hope, Skelton, Kaye e outros "cartazes" de talento, são prejudicados, pois vivem se repetindo em mediocridades estabelecidas por cérebros sem fosfato e que não têm a menor noção do que seja realmente humor. O cinema, se não pode apresentar inovações e idéias originais, no terreno do humorismo, como o fizeram Olsen & Jólson em "Pandemônio", uma comédia louca divertidissima, ou nos apresentar comédias para rir, no duro, como as dos bons tempos dos Irmãos Marx — "Um Dia na Ópera", "Um Dia nas Corridas", etc. — que nos livrem ao menos dessas palhaçadas abo-costellianas e dessas fanfarras redskeltinianas, que de engraçado só possuem mesmo o colorido e alguns palminhos de caras realmente engraçadinhas. Porque fora disso, não se encontra nada. O mundo está farto de ver misérias na vida real e farto de ver o seu reflexo na tela. O drama tem o seu lugar no cinema, não resta dúvida, mas a comédia não deve perder o seu pôsto — porque o mundo precisa rir, e rir de verdade.



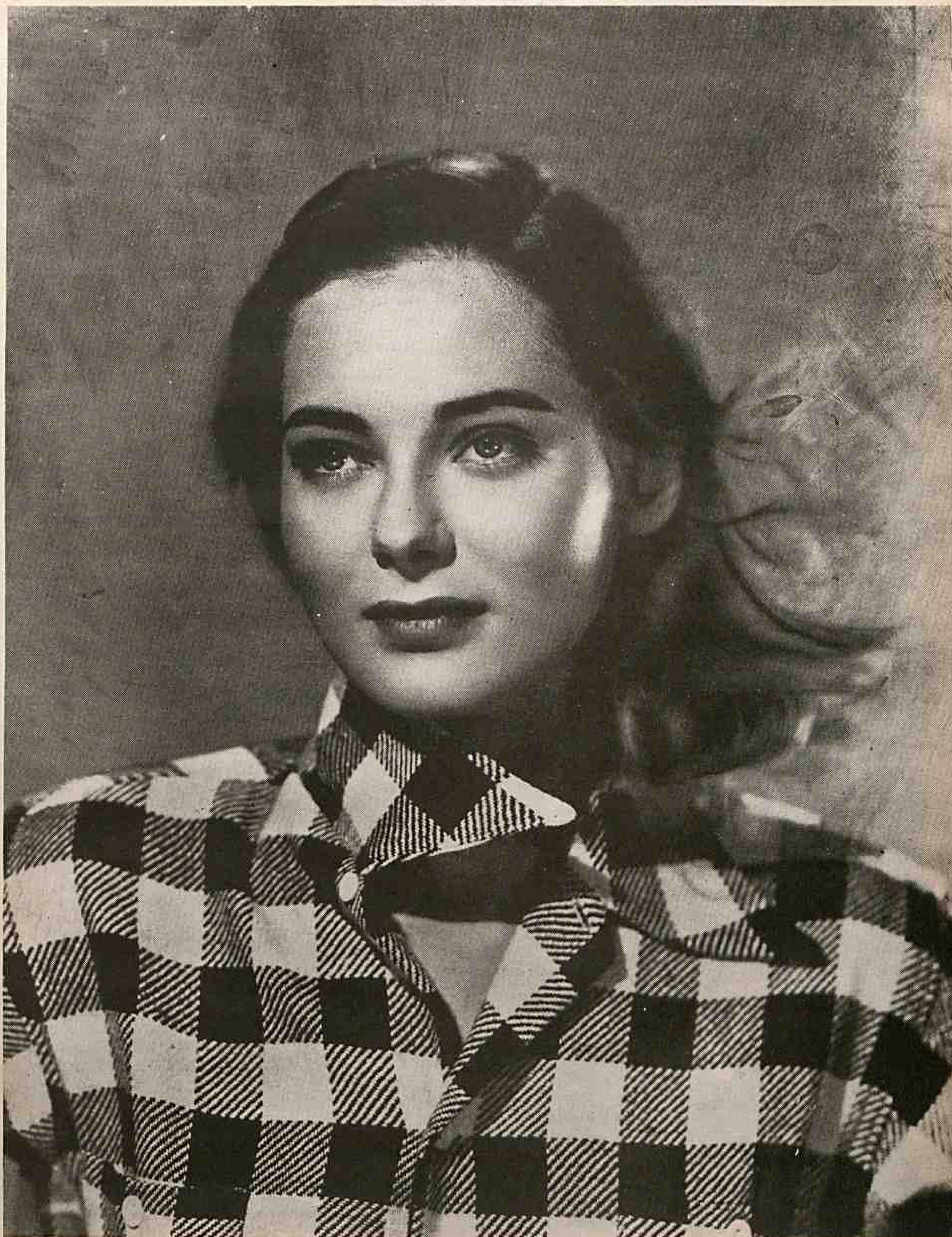
ROBERT MITCHUM (Foto R. K. O.)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Robert Mitchum.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Bridgeport, Connecticut.
DATA	— 6 de agôsto de 1917 (33 anos, incompletos).
ESTADO CIVIL	— Casado com Dorothy Spence, desde 16 de março de 1940.
FILHOS	— Dois: Jim, de 9 anos, e Christopher, de 7.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Teatro.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Operário de uma fábrica de aviões.
FILME DE ESTRÉIA	— Películas da série "Hopalong Cassidy".
FILMES PRINCIPAIS	— "30 Segundos Sôbre Tóquio", "Nevada", "Sua Única Saida", "Correntes Ocultas", "Também Somos Sêres Humanos", "Angústia", "Fuga ao Passado", "Sagrado e Profano", "Rancor", "O Vale da Ternura", "O Homem que eu Amo", "Sangue na Lua".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— R.K.O. Rádio Pictures Hollywood, Califórnia, U.S.A.

HISTÓRICO

ROBERT MITCHUM, êsse sujeito simpático e simples que tem cara de dorminhoco, é dono absoluto de uma legião de fãs. Tão grande é a sua popularidade que, ao ser detido por contrabandear narcótico, muita gente duvidou que reconquistaria o seu lugar no cinema. Mas as suas admiradoras lhe foram fiéis até o fim e hoje êle é um dos mais prestigiados astros do cinema. Sua vida foi muito aventurosa. Aos 18 meses de idade, perdeu seu pai; sua mãe tornou-se jornalista e, já aos 16 anos, abandonava o lar, entregando-se a viagens. Trabalhou num cargueiro, como limpador de máquinas, e conheceu meio mundo. Ao regressar à casa materna, terminou o ginásio, a conselho de sua genitora. Declarada a guerra, Robert procurou emprêgo numa fábrica de aviões, e, ao ir buscar sua irmã no teatro, conseguiu também um papel para si, tomando parte em várias peças. Daí para o cinema foi coisa rápida. Começou como bandido, na série Hopalong Cassidy, mas a Metro lhe deu uma boa oportunidade em "30 Segundos Sôbre Tóquio". Foi convocado pelo exército americano e partiu para a luta, regressando a 2 de outubro de 1945, retomando suas atividades no estúdio da R.K.O. Mitchum é sujeito amável e muito simples, gosta de todo mundo, é muito brincalhão, detesta o cabotinismo de qualquer espécie e não usa maquilagem nos filmes em que toma parte. Não tem nenhum desejo de possuir um rancho, mas adora qualquer trabalho em que se use as mãos. Passa todo o tempo disponível com sua família, na casa que êle mesmo decorou com sua espôsa Dorothy. Seu físico é considerado um dos mais perfeitos do cinema (com exceção de Betty Grable, claro!). Cabelos e olhos castanhos, 90 quilos de pêso. Nunca chegou aos encontros na hora marcada. Por isso, a leitora já fica prevenida...



MARTA TOREN (Foto U-International)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO — Marta Toren.

LOCAL DE NASCIMENTO — Estocolmo, Suécia.

DATA — 21 de maio de 1928 (22 anos).

ESTADO CIVIL — Solteira.

ESTRÊIA ARTISTICA — No cinema.

PROFISSÃO ANTERIOR — Não tinha.

FILME DE ESTRÉIA — "Casbah".

FILMES PRINCIPAIS — "Casbah", "Legião sinistra", "Adagas no deserto", "Clandestinos", "Beco do crime", "O colar da pantera", "Deportado" (êstes últimos inéditos no Brasil).

CORRESPONDÊNCIA PARA — U-International Studios, Hollywood, California, U.S.A.

HISTÓRICO

É conhecido no mundo inteiro o meticuloso cuidado com que a Real Academia de Arte Dramática da Suécia separa a paina do grão, mediante seus concursos para a aceitação de alunos. Pois bem, entre as 118 candidatas a uma matrícula, Marta Toren foi uma das oito que foram aceitas. Deram-lhe o mesmo banco e o mesmo armário anteriormente ocupados por Greta Garbo, e sua mestra foi Anna Morrie, a mesma que ensinara a Ingrid Bergman a sublime arte de representar. E tal como Ingrid e Greta, Marta foi descoberta ali mesmo. Edwin Blum, um descobridor de talentos, fôra a Estocolmo com o propósito de arranjar novos materiais para uma nova obra. Um bate-papo casual com Marta Toren foi o bastante para que lhe convidasse para um teste. A U-International aprovou o teste e Marta arrumou as malas. Logo que chegou a Los Angeles começou a filmar, e não parou até hoje, embora só tenhamos visto dois filmes seus. Marta chama a atenção em Hollywood pela sua beleza exótica, feições mongólicas, olhos azuis bem claros, cabelos escuros. Gosta de montar a cavalo, nadar e jogar tênis. Lê muito e se deleita com a música clássica e óperas. Gosta de vestidos muito simples e de corte clássico. Tal como Garbo e Bergman, Marta Toren é dona de uma personalidade marcante. Com seu primeiro filme, conquistou milhares e milhares de fãs. Para seguir a trilha das outras duas "grandes" compatriotas, falta-lhe um pouco mais de talento. Mas é coisa que, com a prática — quem sabe? — ela poderá conseguir. Por enquanto é simplesmente linda, e não decepciona como artista.



CLARK GABLE (Foto Metro)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO — William Clark Gable.

LOCAL DE NASCIMENTO — Cadiz, Ohio.

DATA — 1 de fevereiro de 1901 (49 anos).

ESTADO CIVIL — Divorciou-se em 1930 de Josephine Dillon; casou-se com Rita Langhan e divorciou-se em 1938; casou-se com Carole Lombard que faleceu em 42, e finalmente casou-se êste ano com Lady Sylvia Stanley.

ESTRÉIA ARTÍSTICA — Teatro.

PROFISSÃO ANTERIOR — Fazendeiro, vendedor, madeireiro e operário de uma refinaria de petróleo.

FILME DE ESTRÉIA — "Uma alma livre", em 1930.

FILMES PRINCIPAIS — "Mares da China", "Aconteceu naquela noite", "O grande motim", "São Francisco, a Cidade do Pecado", "Saratoga", "Pilôto de provas", "...E o vento levou", "Fruto proibido", "Quero-te como és", "Ainda serás minha", "Aventura", "O mercador de ilusões", "O amor que me deste", "Trágica decisão".

CORRESPONDÊNCIA PARA — Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Hollywood, California, U.S.A.

HISTÓRICO

CLARK GABLE é um dos poucos veteranos da tela que desfrutam hoje o mesmo prestígio de há dez anos atrás. Apesar de terem surgido muitos e muitos novos "astros" de valor, Gable mantém a sua posição invejável no firmamento cinematográfico. Está no cinema há nada menos de 20 anos, mas sua estréia artística se deu no teatro. Antes disso, porém, Gable exerceu várias profissões. Espírito aventureiro e irrequieto, experimentou as sensações dos mais variados empregos antes de tornar-se ator. Seu sucesso no teatro não o satisfez, ingressando no cinema e fazendo uma estréia auspiciosa ao lado da sensação do momento naquela época: Norma Shearer. Daí em diante sua popularidade foi aumentando assustadoramente e firmou-se definitivamente como um dos mais queridos e mais populares galãs do cinema mundial. Em 1942, foi chamado às fileiras, tomando parte ativa na Segunda Grande Guerra. Reingressou nos estúdios da Metro em 46, com o título de major da Army Air Corps. Fêz sua "rentrée" em "Aventura", ao lado de Greer Garson, um filmezinho despretensioso. Ainda assim, as fãs estavam impacientes por revê-lo e a película foi um tiro de bilheteria. Daí para cá não tem tido muita chance, e os filmes em que tem aparecido esforçam-se por ser de primeira linha, quando realmente o seu sucesso reside exclusivamente no "cartaz" do seu "astro". Incontestàvelmente Clark Gable ainda goza de um prestígio tão sólido que dificilmente será desfeito tão cedo. Tem 1 metro e 83 de altura, pesa 95 quilos, olhos castanhos e cabelos castanhos escuros. Atualmente está casado pela quarta vez — e ninguém sabe se sairá para a quinta...



BENÉ NUNES (Foto Avila)

FICHÁRIO:

NOME VERDADEIRO — Benedicto Francisco José da Penha Nunes da Silva.

LOCAL DE NASCIMENTO — Rio de Janeiro.

DATA — 15 de janeiro de 1920 (30 anos).

ESTADO CIVIL — Solteiro.

CARGO QUE EXERCE — Diretor de orquestra e galã de cinema.

ESTRÉIA ARTISTICA — Aos 7 anos, tocando piano no cinema Elegante, hoje Catumbi.

PROFISSÃO ANTERIOR — Funcionário Público.

FILME DE ESTRÉIA — "Noites de Copacabana".

FILMES PRINCIPAIS — "Mãe", "Carnaval no Fogo" e "Maré Alta" (em filmagem).

PROGRAMAS ATUAIS — "O Poeta do Teclado", às têrças-feiras.

SALARIO — Média de Cr$ 25.000,00 mensais.

CORRESPONDÊNCIA PARA — Rádio Tamoio, Avenida Venezuela, 43, 2.º andar.

HISTÓRICO

BENÉ NUNES demonstrou sua tendência para a música desde criança. Estudou no Instituto La-Fayette, foi cadete da Aeronáutica, mas não abandonava o piano pelos livros. Deu várias audições, quando menino, e, aos 15 anos, foi convidado para tocar na Rádio Guanabara, ganhando 15 cruzeiros por audição (3 vêzes por semana). Foi aí que tomou gôsto pelo negócio. Aos 20 anos foi contratado pelo Casino da Urca, como pianista da orquestra de Gaó — para atuar seis meses em Poços de Caldas. Pouco depois seguia para Quitandinha, como chefe de orquestra, organizada por êle próprio, com 6 elementos. Em 1945 assumiu a direção artística da **boite** "Casablanca", onde permaneceu alguns anos, saindo para o "Pigalle" novamente como chefe de orquestra. Nas horas vagas Bené faz biscates, como galã de cinema e diretor de orquestra, sendo contratado pela Rádio Tamoio e pela emprêsa cinematográfica "Proarte". Atualmente sua orquestra conta com 21 elementos (4 saxes, 3 pistons, 2 trombones, 4 violinos, 2 bandoneons, piano, bateria, violão e 3 "crooners"). Bené começou a gravar muito recentemente: em solo de piano, perpetuou na cera "Dulce", "Swing Boogie" e "Tikolelê", e breve serão editadas algumas gravações com sua orquestra. Gosta de cinema e teatro, mas sua preferência recai sôbre a música, a arte divina que é o seu trabalho, a sua vida e a sua distração.



LINDA DARNELL (Foto Fox)

FICHÁRIO

NOME VERDADEIRO	— Linda Monette Eloyse Darnell.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Dallas, Texas.
DATA	— 16 de outubro de 1925 (24 anos).
ESTADO CIVIL	— Casada com Peverell Marley, desde 18 de abril de 1943.
FILHOS	— Uma filha adotiva, Lola, de dois anos e meio.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— Em 1937, no grupo teatral da Igreja Episcopal de S. Mateus.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Modêlo.
FILME DE ESTRÉIA	— "Hotel para mulheres".
FILMES PRINCIPAIS	— "A marca do Zorro", "Sangue e areia", "Os amôres de Edgard Allan Poe", "Cidade sem homens", "O tempo é uma ilusão", "O que matou por amor", "Concêrto macabro", "Anjo ou demônio", "Paixão dos fortes", etc.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— 20th Century-Fox Studios, Hollywood, Califórnia, U.S.A.

HISTÓRICO

LINDA DARNELL é considerada por especialistas em artes plásticas (inclusive eu e você) como uma das quatro mulheres mais lindas do mundo. Mas muito antes de nós já seu marido descobrira isso e tomara as providências necessárias para a regularização dos papéis, que perduram até hoje. Sendo uma pequena bonita, pouca gente lhe atribui o valor que merece, pelo seu esfôrço e talento, já demonstrados em filmes de classe, como "Concêrto macabro" e "Anjo ou demônio". Aos 10 anos de idade, Linda teve seu primeiro contacto com o teatro de amadores de Lida Hooe School, onde estudou, completando o curso em Sunset High School, em sua terra natal. Antes de ingressar no teatro já posou para fotos de publicidade e foi modêlo de lojas de luxo de Dallas. Em 38 fêz um teste na Fox, sendo recusada, por ser "demasiado jovem", mas em 39 recebeu um convite para figurar em sua primeira película: "Hotel para mulheres". Daí para cá, Linda já fêz cêrca de 23 filmes, uma média de dois por ano portanto, terminando há pouco "Unfaithfully Yours" (Cante noutra freguesia), ainda inédito. Gosta de pintar, de nadar, jogar tênis e do marido, apesar das rusgas que aparecem de quando em quando. Tem olhos castanhos e cabelos pretos, apesar de aparecer loura em dois filmes. Para nós — tanto faz.



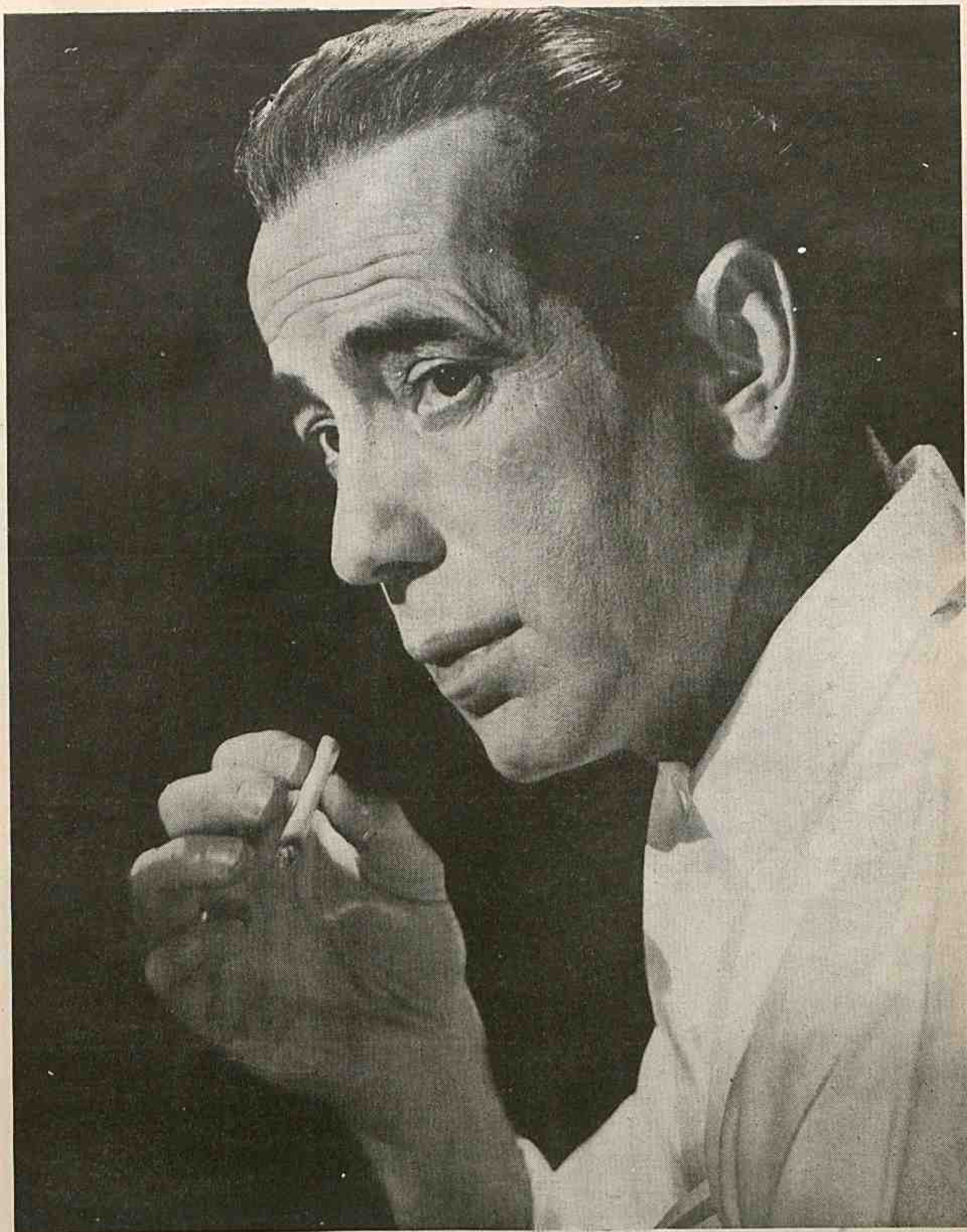
LANA TURNER (Foto Metro)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Julia Jean Mildred Frances Turner.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Wallace, Idaho.
DATA	— 8 de fevereiro de 1920 (30 anos).
ESTADO CIVIL	— Casou-se em 40 e divorciou-se em 42, de Artie Shaw; casou-se em 42 e divorciou-se em 44, de Steve Crane. Atualmente casada com Bob Topping, desde 49.
FILHOS	— Cheryl Christiane Crane, de 7 anos de idade.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— Cinema.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Estudante.
FILME DE ESTRÉIA	— "They Won't Forget", em 37.
FILMES PRINCIPAIS	— "Aventuras de Marco Polo", "O amor encontra Andy Hardy", "Escola Dramática", "Dois contra o mundo", "O mundo é um teatro", "O médico e o monstro", "Quero-te como és", "Estrada proibida", "Ainda serás minha", "Aqui começa a vida", "Senhorita Ventania", "A felicidade vem depois", "Éramos três mulheres", "O destino bate à porta", "A rua do Delfim Verde", "O amor que me deste", "Os três mosqueteiros".
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Hollywood, California, U.S.A.

HISTÓRICO

QUEIRAM ou não os entendidos, o fato é que Lana Turner é uma das mais belas artistas do cinema. Insinuante, sedutora, tanto provoca a simpatia em papéis de mulher fatal como quando interpreta uma simples e ingênua menina a enfrentar os árduos problemas da vida. Por êste ou por aquêle motivo, está sempre incluída nas primeiras colocações das "enquêtes" para a escolha dos "campeões de bilheteria". O início de sua carreira foi bastante curioso. Estudava ainda no Hollywood High School, e costumava usar belíssimas "sweaters" para ir tomar, tôdas as tardes, um sorvete no bar das redondezas, onde se reuniam moças e rapazes alegres. Lana sobressaía de forma impressionante às demais companheiras. Billy Wilkerson, um angariador de "descobertas" convidou-a para um teste. O resultado foi uma carreira brilhante como a que está fazendo. No princípio, os produtores só viam em Lana o seu tipo, os seus cabelos "platinum-blonde", a sua fotogenia espetacular diante das câmeras, mas, pouco mais tarde, começaram a incluí-la em filmes dramáticos, dos quais, se não tem se revelado uma atriz de grande capacidade dramática, ao menos não compromete a película; ao contrário, até a valoriza com sua personalidade. Na vida real, Lana sempre deu o que falar. Os colunistas de Hollywood sempre descobriam os seus "flirts" com "astros" famosos, dos quais nem sempre resultavam casamentos. Esteve no Rio em fevereiro de 46, causando má impressão à imprensa. Recentemente estêve em Londres, provocando a mesma reação. Casou-se diversas vêzes e atualmente vive com o milionário Bob Topping, com quem faz excursões pelo mundo. Possui uma luxuosa residência em Bel-Air, onde reside com seu marido e sua filha Ceryl Christine, filha do seu primeiro matrimônio.



HUMPHREY BOGART (Foto Warner)

FICHÁRIO:

NOME VERDADEIRO — Humphrey Bogart.

LOCAL DE NASCIMENTO — New York.

DATA — 25 de dezembro de 1900 (49 anos).

ESTADO CIVIL — Casado com Lauren Bacall desde 1945.

FILHOS — Stephen, nascido a 6 de janeiro de 1949.

ESTRÉIA ARTISTICA — Teatro.

PROFISSÃO ANTERIOR — Marinheiro.

FILME DE ESTRÉIA — Up the River.

FILMES PRINCIPAIS — "Floresta Petrificada", "Kid Galahad", "Anjos de Cara Suja", "Vitória Amarga", "Caravana do Ouro", "Dentro da Noite", "O Último Refúgio", "Casablanca", "Conflito d'Alma", "Uma Aventura na Martinica", "Passagem para Marselha", "Inspiração Trágica", "O Tesouro da Sierra Madre", "Fúria de Paixões" e "Chain Lightning" (inédito).

CORRESPONDÊNCIA PARA — Warner Bros. Studios, Burbank, Califórnia, U.S.A.

HISTÓRICO

HUMPHREY BOGART é hoje um dos mais populares e mais admirados "astros" da tela. Tanto pelo público feminino como pelo masculino. Costuma mesmo dizer que tem tudo na vida para ser feliz: um casamento bem sucedido, um filho, um bom emprêgo e um iate. Sua maior aspiração era ter uma vida movimentada, de aventuras — e foi isso, talvez, o que motivou a sua transformação num ator de cinema de prestígio mundial. Mas êle próprio admite que há outra razão: "Uma vez eu viajava num "subway" e fiquei enjoado. Saí aos trancos e, lá fora, a primeira coisa que vi foi um prédio onde o agente teatral William Brady tinha os seus escritórios. Num momento de desespêro pedi um emprêgo". E assim Bogey entrou para o teatro, como contra-regra. Passou a diretor de cena, selecionador de artistas, gerente de produção, e finalmente, fêz um papel sem importância: um delinquente juvenil. Foi arrasado pela crítica. Não desanimou. Conseguiu um papel importante na peça "Meet the Wife", que ficou um ano em cartaz. Desconsertou a crítica, que elogiou o seu trabalho. Fêz alguns filmes em Nova York, mas sua carreira no cinema começou com "Floresta petrificada". Durante muito tempo interpretou papéis de "gangster", que solidificaram sua posição na tela. Depois regenerou-se. Hoje interpreta os mais variados papéis, com a mesma segurança. Bogey é um dos atores mais completos de Hollywood. Seu contrato com a Warner estende-se por 15 anos. Tem 1,75 de altura e 83 quilos de pêso. Cabelos e olhos castanhos. E uma espôsa que é um amor...



AIDÉE MIRANDA (Foto Rádio Tamoio)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Aidée Vilote.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Rio de Janeiro.
DATA	— 4 de outubro de 1926 (24 anos, incompletos).
CARGO QUE EXERCE	— Rádio-atriz.
ESTADO CIVIL	— Solteira.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Estudante.
ESTRÉIA ARTÍSTICA	— Como cantora, na Rádio Nacional, no programa de Almirante — "Vencedoras do Campeonato Brasileiro de Calouros", em 45.
PROGRAMAS ATUAIS	— Novelas: "O Preço do Silêncio", "As Mil e Uma Noites", "A Deusa da Minha Rua", "Pausa para Meditação", "A Felicidade é Quase Nada", etc.
FILMES	— "Cem Garôtas e um Capote", como cantora.
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Rádio Tamoio, Av. Venezuela, 43, 2.° andar.

HISTÓRICO

AIDÉE MIRANDA é uma jovem bonita e simpática, que merece vencer no Rádio, como, de fato, está acontecendo. Basta que se ligue o receptor para a Tamoio, diàriamente, em vários horários, e ali ouvir, nos programas de rádio-teatro, uma vozinha meiga, delicada, vivendo as mais diversas personagens, desde a criatura má e infiel, até a mulher ingênua e cândida. Quando criança, Aidée demonstrara suas qualidades de atriz e cantora, mas, embora tomasse parte nas peças do Colégio João Barbalho, onde estudava, achava impossível tornar-se, algum dia, uma atriz profissional. Mais tarde, sempre alimentando aquêle sonho que viria a transformar-se em realidade, inscreveu-se num concurso de calouros da Rádio Nacional, comandado por Almirante, obtendo o segundo lugar. Isto lhe valeu um contrato naquela emissora, de onde passou para a Tamoio, onde atua até hoje. Aidée tem um espírito alegre, um sorriso amável e cativa fàcilmente as pessoas que dela se acercam. Tem 1,70 de altura, olhos castanhos e cabelos pretos. Pesa 58 quilos. Nas horas vagas gosta muito de desenhar, cantar e fazer versos. Entre seus poetas prediletos, encontram-se Luiz Washington, Luiz Otávio, Manuel Bandeira. Dos romancistas, tem preferência por Érico Veríssimo e Lin Yutang. Sua maior ambição é tornar-se uma "estrêla" de cinema. Talento e beleza não lhe faltam. Que esperam os produtores nacionais?



PAULO GRACINDO (Foto Tupi)

FICHÁRIO :

NOME VERDADEIRO	— Pelópidas Gracindo.
LOCAL DE NASCIMENTO	— Distrito Federal, Rio de Janeiro.
DATA	— 16 de julho de 1913 (37 anos).
CARGO QUE EXERCE	— Animador, rádio-ator e produtor.
PROFISSÃO ANTERIOR	— Advogado.
ESTADO CIVIL	— Casado.
FILHOS	— Epaminondas, de 8 anos e Lenora, de 3.
ESTRÉIA ARTISTICA	— Em 1933, no teatro, com Alda Garrido.
PROGRAMAS ATUAIS	— "Sequência G-3", (como animador), "O Grande Circo" (como cançonetista), "Na Côrte do Rei Xaxá", "A Turma do Contra" e "E' Proibido Amar" (como rádio-ator), "Assisti de Camarote" (produtor e intérprete).
FILMES	— "Anastácio", "Seu Dia Chegará" e "Estrêla da Manhã" (inédito).
CORRESPONDÊNCIA PARA	— Rádio Tupi, Av. Venezuela, 43, 2.º andar — Rio.

HISTÓRICO

PAULO GRACINDO por poucos meses escapou de ser alagoano, pois assim que seus pais chegaram ao Rio — em virtude de ser seu pai deputado pelo Estado de Alagoas — vieram residir na rua do Catete, onde nasceu o jovem Pelópidas, que mais tarde viria a ser essa figura simpática e popular que é o Paulo Gracindo de hoje. Aos três meses foi para Maceió, onde foi criado, tendo obtido o diploma de advogado, na Faculdade de Direito de Pernambuco. Desde cedo sentiu que em sua alma flamejava a chama da Arte, e em pouco tempo ingressava no teatro, na companhia de Alda Garrido. Daí circulou nas emprêsas de Dulcina, Procópio e seguiu para o Rádio, ingressando na Tupi, onde atua até hoje. Na Tupi, Gracindo começou como rádio-ator, percebendo o salário de quatrocentos cruzeiros mensais, e hoje sabemos que a sua declaração do Imposto sôbre a Renda é das maiores da Emissora Líder Associada. E' flamengo fervoroso. Tem grandes esperanças na televisão, tendo, desde já, reservado o seu aparelho de recepção para receber em sua própria casa os jogadores do seu time. Gosta muito de vatapá, banhos de mar, reside atualmente em Laranjeiras, residência própria. Está sempre na expectativa do último livro de Érico Veríssimo. Tem realizado, à custa de seu próprio esfôrço e talento, todos os seus sonhos e pretende realizar, muito breve, um dos maiores de sua vida: possuir uma fazenda em Minas Gerais.